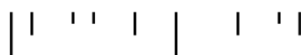


OS JOGOS TRADICIONAIS PORTUGUESES EM
CONTEXTO DE JARDIM DE INFÂNCIA:
CONTRIBUTOS PARA O DESENVOLVIMENTO
HOLÍSTICO DAS CRIANÇAS

Ana Lúcia Alves Pereira

Relatório de Prática Profissional Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

2023-2024



OS JOGOS TRADICIONAIS PORTUGUESES EM CONTEXTO DE JARDIM DE INFÂNCIA: CONTRIBUTOS PARA O DESENVOLVIMENTO HOLÍSTICO DAS CRIANÇAS

Ana Lúcia Alves Pereira

Relatório de Prática Profissional Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar
Orientadora: Professora Ana Simões

Júri

Presidente: Professor Doutor Tiago Almeida
Arguente: Professor Doutor Carlos Luz
Orientadora: Professora Especialista Ana Simões

2023-2024

| | ' ' | | ' ' |

“Uma voz familiar ecoa-me na cabeça, gritando as seguintes palavras: Não és capaz,
não és capaz, não és capaz,
Horas, dias, semanas, meses, passam à velocidade da luz,
Noção de tempo não é comigo, não,
De uma hora consigo fazer infinitas, com a minha lentidão característica, questiono-me
se será algo bom ou mau para a minha vida futura.
Bem, parece-me que só a experiência de vida mo dirá.
Mulher fraca não me parece que seja,
Desistir não é para mim, alcançar este meu sonho custou-me muitas lágrimas derramei,
muito refilona, maldisposta, sem paciência estive durante alguns meses.
No entanto, apesar de saber que não são as atitudes mais corretas, sei que parte de mim
acredita que tem as ferramentas certas para alcançar um dos seus maiores sonhos de
vida- Ser Educadora de Infância” (Fonte própria, 2024)

AGRADECIMENTOS

Este ano realizei um dos meus maiores sonhos: ser Educadora de Infância. Foram quatro anos na Licenciatura e mais quatro no Mestrado com muitas rosas e espinhos pelo meio, mas este ano não seria o mesmo se os meus principais “portos de abrigo” e “forças da Natureza” não tivessem sempre do meu lado e se não me apoiassem todos os dias nesta minha conquista.

Quero, primeiro, agradecer à minha **Mãe**: por mais que fracassasse, nunca me deixou ir abaixo; tem sempre uma mão que me segura e nunca me deixa cair ao chão, diz-me sempre: *tu és capaz, precisas de acreditar mais em ti, sempre conseguiste, agora não é altura de desistires.*

Quero agradecer à minha **Irmã** Catarina, sei que estás longe, mas no meu coração estás sempre perto; és uma referência, és a minha segunda força da natureza, és também uma das pessoas que nunca desistiu de mim, que me deu sempre forças para continuar a caminhar. Agora parece mentira, vamos formarmo-nos as duas no mesmo ano, em áreas completamente diferentes.

Não posso também deixar de agradecer ao meu **Padrasto** pela paciência que tem todos os dias para me aturar, pelo apoio que me deu ao longo destes anos que faz parte da minha vida e pelas brincadeiras que, de vez em quando, me faziam rir.

Quero agradecer a uma outra pessoa, que faz parte da minha vida: ao meu **Pai**, obrigada, por muitas vezes teres duvidado das minhas capacidades; deste-me mais força para continuar a percorrer o caminho que escolhi para a minha vida. Acredito que agora estejas orgulhoso da tua filha.

Agradecer aos meus **Avós, Tios e Primos**, sei que neste momento estão a sentir um enorme *orgulho* em mim e também foram pessoas que sempre me apoiaram e ajudaram em todos os momentos da minha vida.

Obrigada de coração, à **professora orientadora** Ana Simões, por ser uma profissional *compreensiva, amiga, carinhosa*, e que todos os dias me deu uma força especial; a sua ajuda na elaboração deste relatório foi essencial para a minha formação. Obrigada por todos os dias trabalhar comigo para me tornar uma profissional mais confiante em mim própria, sem medo de realizar os meus objetivos de vida.

Obrigada, também à Beatriz e à Catalina por serem as melhores companheiras de estágio que tive o privilégio de conhecer; obrigada por me ouvirem e por partilharem as vossas experiências profissionais comigo.

Obrigada às instituições cooperantes, desde a Creche até ao Jardim de Infância. Obrigada à minha principal referência nesta área a educadora de infância que fez parte da minha infância, a Geninha, à Dra. Sofia e à Dra. Sara, às educadoras Teresa, Carla, Clara, Ana, Inês, às auxiliares e técnicos de ação educativa Cátia, Lena, Francisca, Jéssica, Nádia, Edgar, Carla, Laura e aos restantes membros das equipas educativas e aos grupos de crianças com quem tive o privilégio e o prazer de estagiar durante estes dois últimos anos de Mestrado. Enriqueci as minhas aprendizagens convosco e, acima de tudo, encontrei uma paixão nesta profissão, que algumas vezes tive dúvidas que existisse. Todos os dias o meu coração sentia-se um pouco mais seguro com todo o vosso *carinho e dedicação*.

Obrigada por todos os dias me demonstrem que a profissão de educadora de infância é um mundo muito rico de aprendizagens, ensinamentos, carinho, amizade, amor, mas confesso de alguma correria à mistura, são profissionais que me ensinaram muito, que tenho a certeza que parte de mim ficou convosco; vão deixar-me saudades.

Acima de tudo, tive a oportunidade de acreditar ainda mais que, todos juntos, podemos fazer a diferença e trabalhar para um mundo em educação de infância ainda melhor e maior. Gosto muito de cada um de vocês, aprendi com profissionais *incríveis*, muito obrigada de coração mesmo por todos os dias me demonstrarem que na profissão de educadora de infância existe uma magia *inexplicável*, que todos os dias as crianças são *felizes* com pequenas *coisas*.

RESUMO

O presente relatório emerge da Prática Profissional Supervisionada (Módulo II), do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa, decorrido em contexto de Jardim de Infância com um grupo de 18 crianças de 5 anos de idade. Ao longo da prática, surgiram vários momentos no recreio que deram início à investigação realizada: após diversas observações, foi possível verificar que as crianças gostavam de se envolver em jogos tradicionais portugueses, como por exemplo, a apanhada, as escondidas, o macaquinho do chinês, as estátuas, entre outros. Assim, considerei pertinente realizar um estudo de caso de natureza qualitativa sobre **os jogos tradicionais portugueses em contexto de Jardim de Infância: contributos para o desenvolvimento holístico das crianças**, tendo definido os seguintes objetivos da investigação, **i) Conhecer e caracterizar os jogos tradicionais portugueses para a infância e ii) Analisar os contributos dos jogos tradicionais para o desenvolvimento holístico das crianças.**

Neste estudo, utilizei as seguintes técnicas de recolha de informação: i) a observação direta participante e não participante e ii) entrevistas semiestruturadas à equipa educativa e aos técnicos das atividades pedagógicas e extracurriculares do pré-escolar. Os instrumentos utilizados foram as notas de campo e as reflexões semanais que fui redigindo ao longo do estágio e os guiões das entrevistas realizadas.

Foi possível concluir que o brincar a partir dos jogos tradicionais portugueses contribui significativamente para o desenvolvimento holístico das crianças, nomeadamente no que se refere ao desenvolvimento cognitivo, à comunicação oral, às habilidades manipulativas, à resolução de problemas e à estruturação da linguagem.

Palavras-Chave: Crianças; Jardim de Infância; jogos tradicionais portugueses; desenvolvimento holístico.

ABSTRACT

This report emerges from the Supervised Professional Practice (Module II), of the master's degree in Pre-School Education at the Escola Superior de Educação de Lisboa, carried out in the context of kindergarten with a group of 18 5-year-old children.

Throughout the practice, several moments arose in the playground that began the investigation carried out: after several observations, it was possible to verify that the children liked to get involved in traditional Portuguese games that remind me of my own childhood, for example, such as, for example, tag, hide and seek, the Chinese monkey, statues, among others. Therefore, I considered it pertinent to carry out a case study of a qualitative nature on traditional Portuguese games in the context of kindergarten: contributions to the holistic development of children, having defined the following research objectives, i) Knowing and characterizing traditional Portuguese games for childhood and ii) Analyze the contributions of traditional games to the holistic development of children.

In this study, I used the following information collection techniques: i) direct participant and non-participant observation and ii) semi-structured interviews with the educational team and technicians from the preschool's pedagogical and extracurricular activities. The instruments used were field notes and weekly reflections that I wrote throughout the internship and the scripts for the interviews carried out.

It was possible to conclude that playing traditional Portuguese games contributes significantly to the holistic development of children, particularly with regard to cognitive development, oral communication, manipulative skills, problem solving and language structuring.

Keywords: Children; Kindergarten; Traditional Portuguese Games; Holistic Development

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA	3
2.1. Caracterização do meio envolvente	4
2.2. Caracterização do contexto socioeducativo	4
2.3. Caracterização da equipa educativa	6
2.4. Caracterização do grupo de crianças.....	8
2.5. Caracterização das famílias	11
2.6. Caracterização do ambiente educativo.....	13
2.6.1. Organização do espaço e dos materiais.....	13
2.6.2. Organização do tempo.....	14
2.6.2.1. Rotinas diárias	14
3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA	16
3.1. Intenções para a ação	17
3.1.1. Para com as crianças	18
3.1.2. Para com a equipa educativa	24
3.1.3. Para com as famílias.....	29
3.2. Processo e avaliação da ação	32
4. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA	38
4.1. Identificação e fundamentação da problemática.....	39
4.2. Revisão da Literatura	42
4.2.1. O Brincar e o Jogo na Infância.....	42
4.2.2. O papel do/a Educador/a na promoção do brincar e do jogo	45
4.2.3. Os contributos dos jogos tradicionais portugueses para o desenvolvimento holístico e a aprendizagem na infância	47
4.3. Roteiro metodológico e ético	54
4.4. Apresentação e discussão dos dados.....	57

5. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE COMO (FUTURA) EDUCADORA	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	91
ANEXO A. PORTFÓLIO DA PPS II (CF. ANEXOS AO RELATÓRIO)	92
ANEXO B. CONSENTIMENTO INFORMADO PARA A ELABORAÇÃO DO PORTFÓLIO DA CRIANÇA À FAMÍLIA DO V.C.	463
ANEXO C. PORTFÓLIO DA CRIANÇA (CF. ANEXO AO RELATÓRIO).....	465
ANEXO D. CARTA DE APRESENTAÇÃO ÀS FAMÍLIAS	466
ANEXO E. FOTOGRAFIAS DA SALA AZUL	468
ANEXO F. GUIÃO DA ENTREVISTA ÀS EDUCADORAS DO JARDIM DE INFÂNCIA	474
ANEXO G. TRANSCRIÇÕES DA ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE C.M.	481
ANEXO H. TRANSCRIÇÕES DA ENTREVISTA À COORDENADORA PEDAGÓGICA/ EDUCADORA T.C.....	489
ANEXO I. TRANSCRIÇÕES DA ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE I.H.	498
ANEXO J. GUIÃO DA ENTREVISTA AOS AUXILIARES DE AÇÃO EDUCATIVA E AOS TÉCNICOS DAS EXTRACURRICULARES DO JARDIM DE INFÂNCIA..	505
ANEXO K. TRANSCRIÇÕES DA ENTREVISTA À AUXILIAR DE AÇÃO EDUCATIVA H.P.....	511
ANEXO L. TRANSCRIÇÕES DA ENTREVISTA AO TÉCNICO DAS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES E.R.	514
ANEXO M. TRANSCRIÇÕES DA ENTREVISTA À TÉCNICA DAS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES L.N.	520
ANEXO N. TRANSCRIÇÕES DA ENTREVISTA À TÉCNICA DAS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES N.C.....	526
ANEXO O. TABELA ANÁLISE CATEGORIAL DAS ENTREVISTAS À EQUIPA EDUCATIVA.....	531

ANEXO P. ROTEIRO ÉTICO E DEONTOLÓGICO	566
---	-----

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1. ÁREA DOS CABIDES, COFRES E DOSSIÊS DAS CRIANÇAS	469
FIGURA 2. ÁREA DOS JOGOS DE TABULEIRO, DOS JOGOS DE ENCAIXE, LIVROS DA EDUCADORA E PLACARD COM EFEITOS DE NATAL	469
FIGURA 3. ÁREA DA CASINHA, DAS BONECAS, DOS ANIVERSÁRIOS (BALÕES), DOS BRINQUEDOS E ÀRVORE DE NATAL DO GRUPO	470
FIGURA 4. ÁREA DO TAPETE E PLACARD COM O CALENDÁRIO E OS DESENHOS DAS CRIANÇAS DOS AZULEJOS	470
FIGURA 5. ÁREA DA LEITURA.....	471
FIGURA 6. CALENDÁRIO DO GRUPO DURANTE O ANO LETIVO COM OS EVENTOS E AS ATIVIDADES LETIVAS DA SEMANA	471
FIGURA 7. ÁREA DA LEITURA, JANELA, MESA, JOGOS DE APRENDIZAGEM E ARMÁRIO DAS EXTRACURRICULARES	472
FIGURA 8. ÁREA DA MESA, CANTINHO “SEM STRESS...”, JANELA, PLACARD COM AS SIMETRIAS, PUZZELS E JOGOS DE TAPETE	472
FIGURA 9. ÁREA DAS MESAS, CANTINHO “SEM STRESS...”, JANELA, PLACARD, JOGOS DE APRENDIZAGEM, ARMÁRIO DAS EXTRACURRICULARES E ÁREA DA LEITURA.....	473

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1. DADOS CRIANÇAS SALA AZUL.....	8
TABELA 2. DADOS FAMÍLIAS SALA AZUL.....	12
TABELA 3. DIA TIPO CRIANÇAS SALA AZUL	14

LISTA DE ABREVIATURAS

JI	Jardim de Infância
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
PE	Projeto Educativo
PPS II	Prática Profissional Supervisionada, Módulo II

1. INTRODUÇÃO

| " | | | "

Este relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular Prática Profissional Supervisionada, Módulo II, integrada no plano de estudos do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa. O relatório é uma componente fundamental que ilustra a minha prática educativa em contexto de Jardim de Infância numa Cooperativa Privada, situada no concelho de Lisboa.

No presente relatório, são mencionados alguns dos aspetos que considerei cruciais refletir ao longo dos meses de estágio, estando contemplados no portefólio da PPS II (cf. Anexo A. Portefólio da PPS II). Foi, também, fundamental definir as intenções educativas para a ação, o processo educativo e a avaliação implementada na prática, de modo a conseguir relacionar a investigação realizada em Jardim de Infância.

Os jogos tradicionais portugueses (macaca, mama dá licença, lencinho, cabra-cega, entre outros) são contributos fundamentais para o desenvolvimento holístico da criança, pois que desenvolvem as competências essenciais no seu crescimento, principalmente a nível físico, emocional, social e cognitivo (Ribeiro, 2011).

Este relatório está organizado da seguinte forma: i) Introdução, ii) caracterização da ação educativa contextualizada; iii) a análise reflexiva da intervenção em Jardim de Infância, tendo em conta, os principais intervenientes (crianças, equipa educativa e famílias), bem como refletir sobre a prática educativa na valência mencionada anteriormente. Segue-se o capítulo iv) em que apresento o roteiro metodológico e ético do estudo realizado - **“Os jogos tradicionais portugueses em contexto de Jardim de Infância: contributos para o desenvolvimento holístico da criança”** e os respetivos resultados. Depois, apresento a construção da minha profissionalidade como futura educadora em contexto, a que se seguem as considerações finais. Por fim, são apresentadas as referências utilizadas no presente trabalho e os Anexos, com informação complementar.

2. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA

| | ' ' | | ' ' |

Este capítulo pretende apresentar a caracterização da ação educativa, de modo a contextualizar o meio envolvente, o contexto socioeducativo, a equipa educativa, o ambiente educativo, o grupo de crianças e as famílias.

2.1. Caracterização do meio envolvente

A organização socioeducativa onde decorreu a PPS II localiza-se na cidade de Lisboa, tendo como limite a freguesia de São Domingos de Benfica, a área do Parque Florestal de Monsanto e Sete Rios. Ao redor da instituição, existem vários espaços destinados ao desporto e ao lazer, bem como espaços culturais: bibliotecas, museus, edifícios históricos, palácios, quintas, paróquias de comunidades católicas, outras de comunidades cristãs diversas, Centros de Saúde e Hospitais públicos e privados, para além de consultórios, laboratórios de análises, farmácias, associações de jovens, centros de dia, de convívio e de Apoio Domiciliário à terceira idade, serviços de Proteção Civil, de CTT, uma loja do cidadão e o Jardim Zoológico, situado em Sete Rios.

A instituição é de fácil acesso aos transportes públicos, ou seja, existe uma paragem de autocarro e de metro muito próxima da instituição, como uma estação de comboios e várias praças de táxis (Projeto Educativo, 2023-2026).

2.2. Caracterização do contexto socioeducativo

A organização socioeducativa onde estagiei é uma Cooperativa de Ensino Privada, sem fins lucrativos, com resposta social na valência de Creche, Jardim de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Esta instituição foi fundada a 10 de setembro de 1974 no Edifício Benguela, junto à Cruz Vermelha; no ano seguinte, passou para o palacete que atualmente está localizado na Estrada de Benfica (PE, 2023-2026).

Os principais objetivos implementados pela instituição estão de acordo com “dar resposta às necessidades do meio em que se insere, definindo-se como um serviço para a sociedade e para as famílias” (PE, 2023-2026, p.7) A sua missão é preparar e desenvolver as crianças para que sejam cidadãos *atentos, confiantes, responsáveis e felizes*, contribuindo, assim, para o seu desenvolvimento enquanto indivíduos, através de um ensino de qualidade e de uma oferta diversificada que vai

além da sala de aula. Traduz-se no trabalho constante e na relação de proximidade que existe por parte dos docentes, assistentes educativos e todos os outros elementos que constituem a família da instituição e que, em parceria com os pais num regime ativo, trabalham para proporcionar as melhores ferramentas disponíveis para as crianças. Um outro aspeto que considero essencial redigir na caracterização do contexto socioeducativo são os valores da instituição, nomeadamente, o afeto e proximidade, a confiança e cooperação, o espírito crítico e construtivo que guiam os objetivos da instituição, criando uma ligação com todos os envolvidos no projeto educativo: através do desenvolvimento de uma oferta variada e estimulante, melhorando a experiência e a gestão no ambiente escolar e retribuindo da melhor forma para a comunidade que nos rodeia (PE, 2023-2026, pp. 3-4).

A organização socioeducativa dá resposta a cerca de 150 crianças que estão distribuídas pelas respostas sociais Creche, Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico (PE, 2023-2026). A valência de Creche é constituída por três salas, concretamente, uma sala de berçário dos 4 meses ao ano de idade (Sala A), uma sala do ano de idade aos dois anos (Sala B), uma sala dos dois aos três anos de idade (Sala C). Na valência de Jardim de Infância, existem três salas homogéneas, uma sala com 22 crianças com 3 anos (Sala Vermelha), outra com 19 crianças com 4 anos (Sala Amarela) e uma outra com 18 crianças com 5 anos (Sala Azul) (PE, 2023-2026).

De acordo com o Projeto Educativo (2023-2026), a organização socioeducativa onde realizei a PPS II está dividida em dois edifícios: o edifício principal tem três pisos - no piso 0, existe uma sala de música, uma biblioteca, um centro de recursos educativos e o economato da instituição. No piso 1, existem três salas de Pré-escolar (3, 4 e 5 anos), a sala de Direção Pedagógica, a Secretaria, uma cozinha e um refeitório, duas casas de banho para crianças e uma para adultos. No piso 2, encontram-se as quatro salas do 1º Ciclo (1º, 2º, 3º e 4º ano), uma casa de banho e uma sala de apoio aos professores e assistentes educativos da valência referida anteriormente.

O espaço da Creche, “*A Casinha de Chocolate*” encontra-se num edifício à parte; tem três salas, um refeitório, uma copa, uma casa de banho para crianças com

fraldário e uma casa de banho para adultos. Há uma sala polivalente (“ginásio”) na zona do recreio, cuja utilização é para a prática da atividade física e de enriquecimento pedagógico/atividades extracurriculares. A instituição também possui vários espaços exteriores, um espaço de recreio para o Jardim de Infância e o 1º Ciclo, um espaço de recreio à parte para a Creche, um campo de atividades desportivas e, ainda, um vasto jardim com arvoredo centenário e um espaço adjacente com fins de utilização para uma horta biológica (PE, 2023-2026, pp. 11-12).

A organização socioeducativa não se regue por um modelo pedagógico concreto; prefere descobrir o que cada um deles traz de benéfico para a criança e não descora um facto que considero crucial na educação, ou seja, é **flexível e adapta-se às características de cada criança**, bem como, demonstra que a criança é o **centro da sua própria aprendizagem** (PE, 2023-2026). Os seus princípios estão de acordo com os três pilares essenciais em Educação, concretamente, as famílias, visto que “assume a responsabilidade de oferecer às famílias um ensino de qualidade que promova não só o sucesso académico, como a concretização de conhecimentos, capacidades e atitudes que possibilitem o desenvolvimento global e harmonioso das crianças “, como um serviço à Sociedade com “uma escola para todos que promove o respeito por cada um, pelas suas diferenças e características, pelas suas opiniões e crenças, pelas suas vontades e prazeres”, como espaço de Formação Integral e Harmoniosa, “é importante que cada aluno percorra a sua própria experiência, tirando as suas conclusões e sendo ator das suas próprias vivências e descobertas” e como espaço de Educação para a Cidadania “pretende-se formar cidadãos conscientes, responsáveis e participativos numa sociedade democrática” (PE, 2023- 2026, p.12).

2.3. Caracterização da equipa educativa

Na organização socioeducativa, trabalha um *vasto* corpo docente, concretamente, duas diretoras pedagógicas colegiais, sendo que uma é a presidente da instituição e assegura a resposta social do 1º ciclo, uma coordenadora pedagógica que dá resposta à Creche e ao Pré-Escolar. Na valência de Creche, colaboram duas

educadoras, na faixa etária de 1 ano e dos 2 anos, no entanto, no berçário estão duas auxiliares de ação educativa, no Pré-Escolar trabalham quatro educadoras de infância, uma delas é a coordenadora pedagógica da Creche e Pré-Escolar, fazem parte da equipa quatro docentes titulares de turma do 1º ciclo. A instituição dispõe de duas colaboradoras nos serviços académicos: atendimento ao público e serviço de secretaria; uma cozinheira e uma auxiliar de cozinha, treze assistentes de ação educativa, cinco professores coadjuvantes de Educação Emocional, Educação Física, Música, Movimento e Drama, Educação Moral Religiosa e Católica, Inglês, uma psicóloga e uma professora de apoio especial e cinco profissionais independentes que asseguram as diversas atividades de enriquecimento pedagógico e extracurriculares (Quadro 3- Pessoal Docente e Não Docente, PE, 2023- 2026, p.10).

A equipa educativa da Sala Azul onde realizei a PPS II era constituída pela Educadora de Infância, A.Q., no entanto, a mesma deixou por um período alargado a instituição, pelo que a equipa educativa era constituída por uma Educadora de Infância, a C.M. e uma Auxiliar de Ação Educativa, a H.P.

Ao longo dos meses de estágio, observei que a relação da equipa educativa de sala era genuína, aberta, de entreajuda, ambas refletiam e discutiam diferentes ideias, bem como, as propostas educativas existentes na sala de atividades, que estavam enquadradas com as áreas de conteúdo das *OCEPE*, estas enriqueciam as aprendizagens e o desenvolvimento do grupo de crianças na respetiva faixa etária dos 5 anos de idade.

De acordo com Epstein, Hohmann e Post (2011 citado por Araújo & Oliveira-Formosinho, 2018), no trabalho da educadora e da auxiliar de ação educativa deve existir uma comunicação aberta entre as profissionais de educação, ambas devem cooperar nas decisões do grupo, ou seja, cada uma deve refletir sobre estes três parâmetros, concretamente, a observação, a planificação e a respetiva discussão de estratégias que promovam a cooperação, a colaboração e a entreajuda. No entanto, um complemento que beneficia o referido anteriormente, é a organização de reuniões conjuntas em que ambas possam identificar e planificar detalhadamente a aprendizagem de conhecimentos e de vivências que fazem parte

da vida quotidiana do grupo de crianças, tal como espelha a seguinte citação “planeamos as atividades que, em conjunto, iremos desenvolver, e distribuimos as responsabilidades de modo a que todos participem” (Bettencourt & Folque, citado por Araújo & Oliveira-Formosinho, 2018, p.121).

Com base em Oliveira-Formosinho (2013), a Pedagogia-em-Participação demonstra uma outra vertente que engloba a colaboração das profissionais em educação, ou seja, neste modelo pedagógico, a criança é o centro da aprendizagem e as equipas educativas assumem um papel ativo nas descobertas e experiências que contribuem para o seu desenvolvimento, no entanto, também é um complemento ao respetivo contexto educativo e aos processos que enriquecem os conhecimentos, as relações e interações consigo própria, com os outros e o mundo envolvente.

2.4. Caracterização do grupo de crianças

O grupo de crianças da Sala Azul era constituído por 18 crianças, 10 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. A maioria das crianças já estavam na instituição desde a Creche, sendo a maior parte acompanhada pela educadora A.Q. e pela auxiliar de ação educativa desde os 3 anos de idade (cf. Tabela 1. Dados das crianças da Sala Azul).

Tabela 1

Dados das crianças da Sala Azul

Criança	Sexo	Data de Nascimento	Idade- Início PPS II (outubro)	Idade- Final PPS II (janeiro)	Salas Anteriores
Ar.	Masculino	25/07/2018	5	5	Sala B Sala C Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
A.	Masculino	21/03/2018	5	5	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
C.	Feminino	06/03/2018	5	5	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
E.	Feminino	12/03/2018	5	5	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul

El.	Feminino	07/09/2018	5	5	Sala Amarela Sala Azul
Fi.	Feminino	14/04/2018	5	5	Sala A Sala B Sala C Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
F.	Masculino	29/11/2018	5	5	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
J.	Masculino	28/04/2017	6	6	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
Jo.	Feminino	29/09/2017	6	6	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
K.	Masculino	01/04/2018	5	5	Sala Amarela Sala Azul
L.	Feminino	30/10/2018	4	5	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
Lou.	Masculino	30/08/2018	5	5	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
Ma.	Feminino	27/11/2018	4	5	Sala B Sala C Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
Mi.	Masculino	15/05/2018	5	5	Sala A Sala B Sala C Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
M.	Feminino	23/02/2018	5	5	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
S.	Masculino	16/09/2018	5	5	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
V.	Masculino	11/04/2018	5	5	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul
Z.	Masculino	20/01/2018	5	6	Sala Vermelha Sala Amarela Sala Azul

Nota: Dados facultados pela equipa educativa.

O grupo da Sala Azul é um grupo homogéneo ao nível da faixa etária - com idades compreendidas entre os cinco e os seis anos de idade; uma das crianças do

grupo estava de novo na sala dos 5 anos e outras duas crianças ingressaram este ano letivo na instituição.

Tal como a educadora cooperante referiu, é um grupo que revela uma *boa* adaptação às características subjacentes a uma sala dos cinco anos: são crianças *ativas* com muita energia e vontade de brincar e aprender. Apreciam as diversas atividades propostas, principalmente, relacionadas com a expressão plástica, pequenas dramatizações e jogos lúdicos, gostam de ouvir histórias, de ouvir canções, de dançar, de descobrir e de explorar vários materiais nas mais diversas temáticas. A educadora trabalha com o grupo as rotinas, dando ênfase à autonomia individual durante as refeições, higiene, postura e responsabilidade. Este grupo, apesar de se demonstrar muito desenvolvido, ainda precisa de um adulto de referência na mediação de conflitos e no cumprimento de regras de funcionamento de sala (Documento Facultado pela Educadora Cooperante- Caracterização do Grupo da Sala Azul, Tópico Caracterização do Grupo- Sala Azul, outubro 2023).

Baseando-me nas características presentes no grupo, as crianças deste grupo demonstravam um nível de segurança e confiança que se encontrava espelhado na forma como cada uma realizava as tarefas e como brincava, começava a aceitar-se a si mesma, mas também compreendia as necessidades dos outros.

A presente nota de campo que apresento seguidamente é alusiva ao que afirmei no parágrafo anterior,

No início da manhã, como é habitual a educadora pede ao grupo para se sentar no tapete e conversou com a Fi., pois era o dia de ser responsável com o propósito de explicar-lhe o seguinte, *como a El. para a semana não vem à instituição e vai passar o dia de ela ser a responsável, porque vai estar de férias com a família, não te importas que seja ela hoje a responsável e tu és na segunda-feira?*, a Fi. diz *não* e já estava com as mãos no fio do chapéu para o entregar à educadora cooperante, mas a mesma diz-lhe *não precisas de me dar já o chapéu por enquanto fica com ele, porque ainda não sabemos se a El. vem hoje à instituição* (Excerto da Nota de Campo 76, 24 de novembro de 2023, Negociação)

A criança, nesta faixa etária – 5/6 anos, compreende o que ouve e o seu discurso é compreensível para os adultos, utiliza um número extenso de palavras e utiliza frases mais complexas, tem a linguagem básica adquirida e pronuncia bem todos os sons. Apresenta capacidades intelectuais desenvolvidas, com um bom raciocínio lógico matemático e com capacidade de resolução de problemas concretos do seu dia-a-dia; começa a dominar conceitos como o número, a seriação e a classificação, ao mesmo tempo domina as relações espaço-temporais. Interessa-se por temas mais abrangentes e mais afastados das relações afetivas do quotidiano (Documento Facultado pela Educadora Cooperante- Caracterização do Grupo da Sala Azul, Tópico Enquadramento da Faixa Etária, outubro 2023).

2.5. Caracterização das famílias

Em educação, as famílias são os primeiros educadores que contribuem de forma positiva para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, enquanto os/as educadores/as são um complemento no processo educativo de cada uma.

As crianças da sala azul pertencem a famílias cujo estrato socioeconómico é médio e cujos pais possuem, maioritariamente, formação académica ao nível de licenciatura ou equivalente (PE, 2023-2026, p.7). Valorizavam o envolvimento ativo, ou seja, eram agentes educativos que estavam sempre dispostos a participar ativamente no processo educativo das crianças; colaboravam com a equipa educativa e com a administração da escola, assumindo-se como agentes ativos na vida da escola. Costumavam ser ativas no Conselho de Pais, assim como se voluntariaram para assumir funções na Direção, no Conselho Fiscal e na Assembleia Geral. Para além disso, as famílias da sala azul acreditavam na importância de uma abordagem holística na educação; compartilhavam valores específicos com ênfase na educação centrada na criança, nas necessidades individuais e interesses, no desenvolvimento global, reconhecendo a diversidade como elemento fundamental que faz parte da comunidade escolar; a instituição atrai uma variedade de famílias em termos culturais e sociais, disponibiliza um ambiente enriquecedor de aprendizagens e o favorecimento de valores como a compreensão, a tolerância e a comunicação aberta entre os diferentes membros da comunidade

escolar e procura comunicar aberta e continuamente com a equipa educativa, ou seja, são as famílias que reconhecem que a educação pode ser vista como um trabalho de equipa que envolve vários elementos e que todos pretendem o bem-estar integral das crianças e o seu desenvolvimento global, bem como, valorizam a comunicação aberta e eficaz com todos os intervenientes do processo educativo (PE, 2023-2026).

A tabela que apresento de seguida (cf. Tabela 2. Dados das famílias das crianças da Sala Azul) foi elaborada de acordo com os dados individuais de cada criança e respetiva família; descrevo o género (feminino/masculino), a estrutura familiar, o número de irmãos (as) e se frequentam a instituição ou não e algumas das profissões do pai e da mãe de cada uma das crianças do grupo.

Tabela 2

Dados das famílias das crianças da Sala Azul

Criança	Sexo	Estrutura Familiar	Nº de Irmãos/ãs	Irmãos/ãs frequentam a instituição	Profissão do Pai	Profissão da Mãe
Ar.	Masculino	Biparental	0	Não	Professor	
A.	Masculino	Biparental	0	Não		Analista
C.	Feminino	Biparental	1	Não	Arquiteto	Guia Turística
E.	Feminino	Biparental	1	Não	Treinador de Box	Cozinheira
El.	Feminino	Biparental	0	Não		
Fi.	Feminino	Biparental	1	Sim	Farmacêutico	Médica
F.	Masculino	Biparental	2	Sim	Médica	Professor
J.	Masculino	Biparental	0	Não		Educadora de Infância
Jo.	Feminino	Biparental	1	Sim	Publicitário	Professora
K.	Masculino	Biparental	1	Sim		Cabeleireira
L.	Feminino	Biparental	0	Não		
Lou.	Masculino	Biparental	0	Não		
M.	Feminino	Biparental	0	Não		
Mi.	Masculino	Biparental	2	Sim		
Ma.	Feminino	Biparental	1	Sim		
S.	Masculino	Biparental	0	Não	Militar	Nutricionista
V.	Masculino	Biparental	0	Não		Psicóloga
Z.	Masculino	Biparental	2	Sim	Médico	Médica

Nota: Dados facultados pela equipa educativa de sala.

2.6. Caracterização do ambiente educativo

De acordo com Araújo e Formosinho (2018, citadas por Machado & Sousa), o ambiente educativo deve sempre ser acolhedor, organizado, idealizado e baseado na satisfação das principais necessidades básicas das crianças, como a alimentação, a higiene e o repouso, mas também deve existir uma partilha da intencionalidade educativa do/a educador/a no sentido de contribuir significativamente para as aprendizagens, desenvolvimento e enriquecer as experiências das crianças.

2.6.1. Organização do espaço e dos materiais

Segundo Bettencourt e Folque (citados por Araújo & Oliveira-Formosinho, 2018), a organização do espaço por áreas é uma forma de proporcionar diversificadas atividades às crianças, tendo em consideração as interações e a elaboração de projetos que estejam de acordo com os seus interesses. Os espaços e os materiais devem ter sempre em conta a faixa etária do grupo de crianças; a mobilidade das crianças e a recreação do próprio espaço deve estar sempre de acordo com a planificação dos diferentes tipos de atividades humanas em espaços próprios, por exemplo, se as crianças fizerem uma gincana, é mais aconselhável ser feita no recreio, porque o espaço é mais amplo e podem ser criados diferentes circuitos; os espaços também devem ser flexíveis, tanto para as crianças como para os adultos, de modo a enriquecer a cultura e as aprendizagens das crianças.

Mas, para que tal aconteça, é necessário que os/as educadores/as observem atentamente como é que as crianças utilizam o espaço, neste caso a sala de atividades e os materiais disponibilizados na mesma. Habitualmente, é nas salas que as crianças passam grande parte dos seus dias e, por essa razão, é essencial que sejam espaços agradáveis para as mesmas, e que promovam o seu desenvolvimento holístico (Zabalza, 1992). No entanto, os móveis e os materiais devem estar sempre à altura e alcance das crianças, de modo a facilitar o seu acesso, o que acaba por promover a autonomia e um sentimento de pertença nas crianças, de modo a conseguirem explorar e descobrir de forma espontânea o ambiente educativo onde estão inseridas atualmente (Forneiro, 1998).

A sala em que realizei a PPS II estava dividida por pequenas áreas, mais concretamente, “o cantinho da biblioteca”, a área dos jogos de mesa/chão, a área da “casinha”, a área do retorno à calma. Todos os jogos, livros, brinquedos estavam ao alcance das crianças, para que pudessem explorar livremente, descobrir e brincar com os seus pares.

2.6.2. Organização do tempo

Um/a educador/a, para proporcionar às crianças um ambiente educativo *acolhedor* e que se adeque às aprendizagens e ao seu progressivo desenvolvimento, necessita de organizar o tempo sempre em função das mesmas, contribuindo assim para o desenvolvimento da autonomia e da sua participação, sem nunca esquecer o direito à individualidade de cada uma, ou seja, o respeito pelos ritmos e necessidades de cada uma das crianças (Araújo & Oliveira-Formosinho, 2018).

2.6.2.1. Rotinas diárias

As rotinas diárias são marcos temporais que devem estar presentes no Jardim de Infância, ou seja, se existir uma organização do tempo e do espaço que esteja adaptada à faixa etária do grupo, torna-se mais fácil para o/a educador/a adaptar a planificação aos interesses e curiosidades do grupo, no sentido de encorajar e apoiar as iniciativas de acordo com as necessidades e interesses de cada uma das crianças.

Diariamente, era planeada pela educadora uma rotina pedagógica que estava estruturada e adaptada a cada um dos momentos (cf. Tabela 3 - Dia tipo das crianças da Sala Azul); era preenchido diariamente um calendário com o grupo no sentido de as crianças entenderem os marcos temporais, passado, presente e futuro (Projeto da Instituição “*Relembrar o passado, viver o presente, construir o futuro*”).

Tabela 3

Dia tipo das crianças da Sala Azul

7h45	Entrada Crianças
9h30	Acolhimento/Educadora
9h45	Atividades propostas pela Educadora/ Atividades Letivas (Música, Movimento e Drama, Educação Emocional, Inglês e Educação Física)
11h15	Higiene
11h30	Almoço

12h30	Higiene
13h00/ 15h00	Recreio/ Conto de Histórias
14h30	Assembleia de grupo/Educadora
15h15	Higiene
15h30	Lanche
16h30/20h00	Sala/Recreio

O período da manhã estava dividido da seguinte forma: às 7 horas e 45 minutos, uma auxiliar de ação educativa recebia as crianças à porta, enquanto as educadoras de infância estavam no denominado tempo não letivo, a planificar as atividades diárias; às 9 horas e 30 minutos, a educadora acolhia o grupo; por volta das 9 horas e 45 minutos, a educadora cooperante realizava uma proposta de atividade e, em determinados dias (3.^a e 4.^a feira), eram lecionadas as Atividades Letivas (Música, Movimento e Drama, Educação Emocional, Inglês e Educação Física). Às 11 horas e 15 minutos, as crianças faziam a sua higiene para depois almoçarem; às 11 horas e 30 minutos, a sala Azul almoçava conjuntamente com a sala Vermelha e Amarela; às 12 horas e 30 minutos, as crianças faziam novamente a higiene. O período da tarde era constituído pelo seguinte horário: das 12 horas e 30 minutos às 14 horas e 30 minutos, as crianças dos 3 e 4 anos faziam o repouso, enquanto o grupo com 5 anos brincava no recreio, ouviam histórias e realizavam atividades pedagógicas. Às 14 horas e 30 minutos, as crianças partilhavam com a educadora as situações que aconteceram no recreio, ou seja, faziam uma assembleia de grupo; às 15 horas e 15 minutos, as crianças faziam a sua higiene; às 15 horas e 30 minutos, era dado o lanche às crianças e, das 16 horas e 30 minutos às 20 horas, as crianças frequentavam as atividades extracurriculares que podiam acontecer na sala de atividades ou no recreio exterior.

Seguidamente a este capítulo que foi apresentado, nomeadamente, a caracterização da ação educativa, pretendi delinear as minhas intenções pedagógicas e educativas como futura educadora de infância, quer seja com as crianças, a equipa educativa e com as famílias, fundamentá-las e enriquecer o processo e a avaliação apresentando a análise reflexiva da intervenção em jardim de infância.

3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| " ' | | ' |

Neste capítulo, apresento uma análise reflexiva da intervenção em Jardim de Infância, baseando-me na caracterização do contexto socioeducativo, descrito no capítulo anterior. Neste sentido, vão ser apresentadas as intenções para a ação que estiveram na origem da minha ação com as crianças, as famílias e a equipa educativa e, por fim, serão explicitados os processos e a avaliação da intervenção em Jardim de Infância, focando-me nos objetivos, nas estratégias, nas rotinas, nos espaços, no tempo e nos materiais, onde também está presente uma relação entre a análise reflexiva e a problemática emergente que surgiu no âmbito da PPS II.

3.1. Intenções para a ação

De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Silva et. al., 2016), a intencionalidade educativa é algo que faz parte integrante do currículo de um/a educador/a de infância; é o que dá sentido à ação pedagógica, ou seja, existe um propósito que se enquadra na prática educativa, sendo uma forma de saber o porquê das ações desempenhadas na prática e o que se pretende atingir com a mesma. No entanto, também é importante realçar que a intencionalidade do/a educador/a caracteriza a sua prática profissional, exige-lhe “que reflita sobre as conceções e valores subjacentes às finalidades da sua prática: papel profissional, imagem de criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem” (Silva et al., 2016, p.13).

O papel do/a educador/a é definir a intencionalidade educativa que esteja de acordo com os dois conceitos fundamentais na Educação de Infância: o *cuidar* e o *educar* estão presentes em todo o processo educativo e é a partir destes dois conceitos que as aprendizagens das crianças são estimuladas pelo/a educador/a nas suas descobertas e explorações, proporcionando-lhes experiências significativas para o progressivo desenvolvimento e aprendizagem (Carvalho & Portugal, 2017; Portugal, 2017).

Seguidamente, considero fulcral apresentar e fundamentar teoricamente cada uma das principais intenções educativas para com as crianças, a equipa educativa e as famílias, tendo em conta as notas de campo e as reflexões semanais do Portfólio da PPS II.

3.1.1. Para com as crianças

De acordo com a *Carta de Princípios Éticos*, um/a educador/a de infância deve sempre assumir uma ética que se enquadre principalmente na *Declaração dos Direitos Humanos e dos Direitos da Criança* (APEI, 2011). Todas as crianças são fundamentais no seu processo educativo, pois são elas que assumem um papel determinante na minha prática, são os sujeitos do processo educativo que constroem de forma articulada os seus saberes.

Como futura educadora de infância, considero importante definir as intenções da minha ação; em primeiro lugar, devo **i) respeitar a individualidade, os direitos e incluir as crianças no seu processo educativo**. Esta intenção enquadra-se na minha prática, porque todas as crianças são seres humanos que, apesar de partilharem com os pares as vivências do dia-a-dia, são indivíduos que apresentam um ritmo de adaptação e aprendizagem diferente umas das outras. Em relação aos direitos das crianças, desempenhei a minha ação em função de todas as crianças, sem nunca existir qualquer tipo de discriminação que impedisse o seu desenvolvimento, a nível físico, psicológico, social e cognitivo; tive sempre em conta os principais interesses e as oportunidades oferecidas às crianças, mas também dei “voz às crianças”, de modo a participarem no processo de ensino-aprendizagem (*Convenção dos Direitos Humanos*, Unicef, 1989).

De acordo com Tomás (2017), os direitos das crianças estão diretamente relacionados com a Educação de Infância, assumindo o/a educador/a um papel determinante que está complementado na formação inicial ou contínua. A teoria está interligada com a prática; no entanto, ainda deve ser refletida pormenorizadamente a forma como os direitos das crianças se enquadram nas práticas pedagógicas do/a educador/a e de que modo podem valorizar a criança como o agente e sujeito do processo educativo, dando-lhe uma “voz ativa”.

O/a educador/a deve definir os direitos da criança no quotidiano existindo uma partilha contínua entre ambos, mas também é importante referir que a ação pedagógica se enquadra em dois fatores determinantes, mais concretamente, no planeamento educativo relacionado com as principais intenções dos profissionais de educação e na organização do ambiente educativo, nunca esquecendo que as

crianças são fundamentais no processo educativo. Considero importante salientar que o/a educador/a deve potenciar o envolvimento com o ambiente educativo de modo a criar um espaço quer para os adultos como para as crianças; no entanto, também é fundamental a criação de diferentes espaços, que promovam o contacto com a natureza de forma às crianças explorarem e descobrirem o mundo envolvente (Tomás, 2017).

Uma das notas de campo que redigi no Portfólio da PPS II demonstra que todas as crianças têm os mesmos direitos e cada uma é livre de fazer as suas escolhas:

Hoje de manhã a coordenadora pedagógica da instituição considerou importante conversar com o grupo, fez uma grande roda e falou com elas sobre alguns comportamentos, que estavam a deixar a Fi. triste, o primeiro foi o facto da Jo. e da C. gozarem com a sua garrafa de água, porque segundo estas duas meninas “*parecia um biberão*”, a educadora T. pediu à Jo. para ir buscar a sua garrafa de água ao sítio onde estão guardadas, reparei que a Jo. começou a chorar compulsivamente. A menina não a encontrou. A educadora T. perguntou-lhe *quem é que escolhe a garrafa para a menina trazer para a escola?* a Jo. responde *sou eu*, a educadora T. diz, pois, *a Fi. também tem direito a escolher a sua garrafa de água, isso chamasse termos respeito pelos pares*, mas ainda havia outras duas coisas importantes a conversar com o grupo o facto da C. e do K. baterem na Fi. e o J. dizer que era a Fi. que entornava água para o chão.

A coordenadora explicou à Fi. que o J. é uma criança especial, que não consegue ter a perceção do que se passa à sua volta, deu-lhe um exemplo muito real, enquanto estávamos todos em roda a conversar com o J. estava a cantar os parabéns, basicamente é uma criança que não tem noção do que se passa à sua volta.

Mais tarde, depois do almoço, a educadora T. voltou novamente a conversar com o grupo, pois a C. tinha chegado à instituição, a Fi. voltou novamente a referir os mesmos assuntos que conversaram de manhã,

perguntou à C. *o que se anda a passar porque é que anda sempre a bater na Fi.?*, a C. responde *porque quero estar sozinha*, a educadora T. dá um exemplo próprio *se eu tiver zangada com os meus amigos acha que vou bater neles, não vamos conversar para resolvermos o problema. C. não acha que tem de disser alguma coisa à Fi.*, a criança começa a chorar e diz *sim tenho de pedir-lhe desculpa*. A C. pede desculpa e promete não voltar a ter atitudes menos corretas com a Fi. dando-lhe um abraço apertado (Nota de Campo 33, 30 de outubro de 2023, Direitos da Criança).

A outra intenção que considere essencial definir na minha prática educativa foi a seguinte: **ii) estabelecer relações afetivas e calorosas com as crianças, com o objetivo de criar um ambiente educativo que seja benéfico para o seu progressivo desenvolvimento e aprendizagem.** Esta intenção também se relaciona com o conceito *cuidar e educar* que estão relacionados à vinculação que é estabelecida entre as crianças e as principais figuras de referência, ou seja, o/a educador/a deve assumir um compromisso com as crianças, trabalhando assim, a singularidade e satisfazendo as suas principais necessidades básicas criando momentos de interações individualizadas e com o objetivo de enriquecer a relação pedagógica entre ambas (Dias, 2012).

Com efeito, é crucial o/a educador/a conquistar a confiança das crianças para se tornar o seu *porto seguro*, trabalhando assim a sua autoestima, de modo a explorarem tudo o que as rodeia; no entanto, é importante que as crianças estejam num ambiente acolhedor e que promova a exploração do mundo, bem como sejam capazes de criar relações próximas com os outros.

Segundo Hohmann e Post (2003), “o educador responsável desempenha um papel fundamental na vida da criança na instituição mas não é a única pessoa que presta cuidados à criança” (p.64), se os/as educadores/as conhecerem o seu grupo torna-se mais fácil serem encontrados estímulos para a criança aprender baseando-se essencialmente nas figuras de referência como o modelo fundamental da aprendizagem, sendo a mesma que conhece as suas preferências e principais características e ao mesmo tempo, que lhes proporciona experiências que sejam

enriquecedoras para as suas aprendizagens (Portugal, 2012; Hohmann & Post, 2003).

Observei que o grupo tinha uma relação próxima tanto com a educadora como a auxiliar de sala cooperante, quer seja nos momentos de brincadeira ou nas atividades propostas. O grupo de crianças esteve *aberto, disponível e disposto* a receber um novo “adulto de referência” que fizesse parte da sua vida quotidiana. Algumas das minhas observações vão ao encontro da intenção que delinee para com as crianças, ou seja, são várias as situações que estão diretamente interligadas com o que referi anteriormente:

As crianças presentes disseram o nome e a idade; a maioria tem 5 anos. No final, apresentei-me ao grupo dizendo a minha idade, que são 25 anos, a educadora questionou-os da seguinte forma: “*quantos anos tem a Ana a mais que vocês?*”. Observei que o Mi. estava a contar pelos dedos.

Depois de ter passado algum tempo, as educadoras ajudaram, de uma forma lúdica, as crianças a pensarem: começaram por representar com os dedos a educadora e eu mostrámos os dez dedos das mãos e a educadora A. os cinco dedos da mão dela. Para que as crianças entendessem a questão, a educadora A. retirou os cinco dedos; o grupo entendeu que eu tinha vinte anos a mais que todas as crianças (Nota de Campo 1, 02 de outubro de 2023, Relação educadora-criança).

No princípio da tarde, o grupo esteve a fazer, a partir dos paus que apanharam na “quintinha”, teias para decorarem a sala de atividades; todas as crianças tinham um ramo de uma árvore que enrolaram à volta com fios de lã. Eu e a auxiliar da sala de atividades distribuímos por cada criança um pau e demos alguns fios de lã de diferentes cores às crianças.

Observei que a Jo., como não tinha os paus bem enrolados um ao outro, estava com dificuldades em fazer uma teia; expliquei-lhe que tinha de segurar nos paus e como é que poderia de enrolar os paus. Entretanto, vou ajudar outra criança, mas também percebo que a Jo. continua a juntar os

paus e a enrolar demasiada lã num sítio; explico-lhe novamente como pode fazer a teia de aranha.

Constatei que a maior parte do grupo tem muita dificuldade em esperar pela sua vez e que começam a ficar muito *impacientes* e *agitados* (Nota de Campo 19, 17 de outubro de 2023, Relação auxiliar-criança).

Do meu ponto de vista, tanto o relacionamento da educadora como da auxiliar de sala cooperante foram para mim um exemplo, porque notava-se que cada uma utilizava estratégias e diversificados métodos de aprendizagem para cativar o grupo e, ao mesmo tempo, observei que as crianças demonstravam carinho, afeto e apego pela equipa educativa de sala. Todos os dias, criavam laços afetivos mais fortes com os principais adultos de referência. Criei uma relação de respeito, empatia, segurança e confiança com as crianças.

Com este grupo, senti que tive uma boa relação de proximidade e afetividade, mostrei-me mais disponível para criar diálogos com as crianças, envolvendo-me de dia para dia nas suas diferentes brincadeiras e nos jogos tradicionais portugueses que as crianças proponham principalmente durante a hora do recreio. As notas de campo seguintes espelham essa relação.

Diálogo com o J. sobre a sua brincadeira.

Observei que estava a fazer uma construção de legos.

Ana: *O que estás a fazer J.?*

J.: *Um jardim zoológico.*

Ana: *Posso ajudar a construí-lo?*

J.: *Sim.*

(Dá-me um lego para a mão, coloco-o no suporte de legos. Depois, aponto para um animal)

Ana: *Sabes que animal é?*

J.: *Um elefante.*

Ana: *Boa J. Mas tens aqui mais animais, sabes quais são?*

J.: *Sim, é um cão. E este? (aponto para o gato)*

Ana: *É um gato.*

Reparo que o J. construi com três peças de lego um “barco” vai até ao jardim zoológico e diz-me “*O elefante e o cão estão a fugir no barco.*” respondolhe “*aí, estão*”.

J.: *Olha, o gato pirata também está a fugir.*

(pego no barco com o gato pirata)

Ana: *Vou nadar, nadar e flutuar para ir ter contigo elefante.*

J.: *Anda a flutuar, a flutuar ter comigo.*

Ana: *Uf, finalmente cheguei amigo para te ajudar. Vamos voltar para o jardim zoológico?*

J.: *Está bem, vamos.*

(o elefante e o gato caminham até ao jardim zoológico e cada um vai para a sua jaula) (Nota de Campo 13, 11 de outubro de 2023, Relação estagiária-criança)

Diálogo com Ana e C.

Ana: *O que se passa? O que o teu coração sente?*

C.: *Não sei*

Ana: *Estás alegre?*

C.: *Não.*

Ana: *Então, o que se passa?*

C.: *Quero os pais.*

(ajoelho-me e pego nas mãos da criança)

Ana: *Queres um abraçinho e queres sentar-te um pouco aqui no meu colo?*

C.: *Sim.*

(sento-a ao meu colo)

Ana: *Tu sabes que os pais vêm mais daqui a nada. Não gostas de estar na escola com a auxiliar L., com educadora C. e com a Ana?*

C.: *Mas, eu quero ir para casa.*

Ana: *Sabes que os pais estão a trabalhar, certo?*

C.: *Sim.*

Ana: *Este foi o sítio que eles escolheram para cuidar de ti, enquanto estavam a trabalhar. Queres ficar no meu colo no miminho?*

C.: *Sim.*

Ana: *Queres que te dê festinhas na cabeça?*

C.: *Sim.* (Com a C. já sentada ao meu colo, conforto-a junto ao meu peito, fazendo-lhe festinhas na cabeça.) (Nota de Campo 86, 29 de novembro de 2023, Relação estagiária-criança).

Também é fundamental referir que os padrões familiares das crianças influenciam as relações afetivas com os “adultos de referência”; para elas, é benéfico serem criadas interações em que comece a existir uma consciência do eu e também sejam capazes de aprender a agir face a estímulos emocionais. Este facto é essencial para as relações emocionais afetivas e para o progressivo desenvolvimento e aprendizagem, como também é importante as crianças saberem decifrar e comunicar os seus sentimentos, desejos e conseguirem construir um relacionamento com as outras crianças e com os “adultos de referência”, dando assim resposta aos estímulos, que desenvolvem as capacidades mentais e contribuem para a aprendizagem das interações recíprocas; ao mesmo tempo, as crianças começam a conseguir regular os seus comportamentos e sentimentos que estejam adequados a cada uma das situações (Brazelton & Greenspan, 2006).

3.1.2. Para com a equipa educativa

No ramo da Educação, o trabalho colaborativo entre todos os membros de uma equipa educativa é essencial para promover um ambiente de qualidade que esteja adequado à faixa etária, no sentido de potenciar às crianças aprendizagens que enriqueçam o seu progressivo desenvolvimento. Baseando-me no que referi anteriormente, considereei importante delinear uma intenção: **i) colaborar com a equipa educativa demonstrando ter uma maior iniciativa própria e estar inteiramente disponível no dia a dia para ajudar e apoiar a educadora e a auxiliar de ação educativa no que for essencial no trabalho diário, sendo mais um membro que apesar de estar a aprender a sua profissão, contribui para o enriquecimento das aprendizagens com o grupo de crianças.** Considero importante realçar que a criança é o agente e sujeito ativo do processo de aprendizagem e desenvolvimento, tanto a nível físico, psicológico, emocional,

moral, entre outros, mas também é importante recordar que sem a colaboração da equipa educativa e das famílias, existe uma maior dificuldade em promover a aprendizagem das crianças. Neste sentido, o/a educador/a desempenha um papel muito importante na vida das crianças, ou seja, é o modelo que está sempre disponível e disposto a educá-las e que será a base de aprendizagem destes seres humanos. Somos nós que contribuímos para a constante progressão pessoal e individual das crianças; com efeito, na valência de Jardim de Infância, começamos por criar relações de proximidade que estejam de acordo com o ambiente, que promovam o desenvolvimento da autonomia, criando experiências significativas para a aprendizagem que sejam partilhadas de modo a que cada uma das crianças tenha a iniciativa de tomar as suas próprias decisões que vão surgir à medida que são criados os projetos dentro da sala de atividades (Portugal, 2008; Sintra, 2018).

As notas de campo que se seguem pretendem ilustrar esta intenção pedagógica que delinee para com a equipa educativa:

Na hora do recreio, estava sentada a observar as brincadeiras do grupo de crianças; a Fi. aproxima-se de mim e diz-me: *Ana, a Jo. não me deixa brincar!* Levanto-me vou até junto à Jo., à E. e à C. ajoelho-me diante das crianças e pergunto: *Jo., porque não deixas brincar a Fi.?* Responde-me: *porque ontem, a Fi. não estava a querer brincar connosco;* e respondo-lhe: *pois, ontem foi ontem, hoje é hoje, Jo. como é que tu achas que a Fi. se sente alegre ou triste?* Responde-me: *sente-se triste.* Pergunto-lhe: *então, tu gostavas que ela te fizesse o mesmo?* Abana-me com a cabeça, dizendo: *Não.* Digo-lhe: *Então, a Fi. pode brincar ou não?* A criança responde-me: *sim pode.*

Durante a tarde, a educadora cooperante disse às crianças que iam pintar o cenário da festa de Natal; como é habitual, a educadora primeiro explicou como é que as mandalas deveriam ser pintadas, por exemplo, se pintassem uma bola pequena de azul, deveriam pintar as outras também de azul. A educadora decidiu distribuir o grupo, o A., o K., o S., a El., a M., o J. e o Lou. estiveram a pintar as árvores de Natal do cenário juntamente com a

educadora e a auxiliar de sala cooperante, enquanto o V., a C., a L., o F., o Ar., o Mi., a Ma., o Z., a E. e a Jo. estavam a pintar as mandalas que tinham escolhido. Sentei-me juntamente com as crianças a observar e a escutar o que estavam a conversar; reparei que a C. disse algumas vezes: *só vou dar prendas ao Z., à E. e à Jo.*; como esta conversa me estava a causar algum desconforto, disse-lhe: *sabes que no Natal o que importa não são as prendas*; responde-me muito *perspicazmente*: *eu sei, o que importa é estarmos com a família e o nosso amor por eles*. Fiquei boquiaberta com a resposta da criança e, durante algum tempo, pensei: *estás a ter um pensamento pequenino, tu também já foste da idade deles, por isso agora mais vale remeteres-te ao silêncio e observares apenas o que se passa à tua volta*.

Passado alguns minutos, a educadora cooperante pede para as crianças começarem a arrumar a sala de atividades; reparo na área da mesa e observo que as crianças que estavam lá sentadas tentam levantar-se do lugar e digo-lhes: *vamos lá meninos, quem estava na mesa é para ajudar o F. a arrumar, apanhem os lápis e as canetas do chão para irmos à casa de banho lavar as mãos*. Enquanto estas crianças arrumam a mesa, reparo que os outros membros do grupo se sentem perdidos, porque ainda não tem indicação do que é para fazer de seguida; como a educadora e a auxiliar estão a terminar o cenário, decido pedir-lhes o seguinte: *Meninos, formem fila para irmos à casa de banho lavar as mãos para irem lanchar!* Informo a educadora e a auxiliar que vou com o grupo lavar as mãos à casa de banho para irem fazer a refeição, quando reparo que todos estão orientados, vou à sala e digo-lhes: *vou andando, já está na minha hora, um bom fim-de-semana*. A educadora responde-me: *claro que sim, já está na tua hora, agora gostei muito de ver a iniciativa que tomaste, obrigada, continua o bom trabalho que estás a fazer*. A auxiliar de sala reforça: *também gostei muito de te ver agora e há pouco na hora do recreio* (nota de campo 78).

De manhã, como é habitual, o responsável do dia marca no calendário, o dia e assinala com uma cruz na grelha onde está o seu nome. A educadora pede à M. para ir buscar uma caneta da cor que quiser para indicar no mês que estamos atualmente o dia. Reparo que a M. fica um pouco perdida a olhar para o calendário; os pares dizem: *M. não é aí!* A educadora cooperante diz-lhe: *espera, aí um pouco, já te vou ajudar.* Nessa altura, levantei-me da cadeira, fui até junto da criança peguei-lhe na mão e disse: *é aqui, M., no dia 5 de dezembro.* A M. já quer ir arrumar a caneta no sítio; digo-lhe: *espera aí, falta pões uma cruz, aqui no teu nome.* Depois, foi buscar a caixa das canetas à prateleira e deu-ma para a mão. Digo-lhe: *M., é aqui, abre tu (abre a caixa das canetas), boa, estás a ver que foste capaz?*

Em relação à equipa educativa de sala, senti que demonstraram estar disponíveis, tanto a educadora como a auxiliar de sala; observavam o meu papel dentro da sala de atividades e, se considerassem necessário, intervinham no sentido de me ajudarem a resolver as situações, principalmente, se observassem que não estava a conseguir proceder da forma mais adequada com as crianças. Em alguns momentos, senti dificuldade em demonstrar uma postura de assertividade para com o grupo.

Uma nota de campo que redigi demonstra a ideia referida anteriormente:

De manhã, a educadora cooperante considerou importante conversar comigo sobre a atitude que está descrita na nota de campo anterior (nota de campo 8). Entendeu que eu tenha agido por impulso, mas alerta-me para o facto da maior parte do grupo ter ficado sozinho na sala, que é algo que não pode voltar a acontecer. Questiona-me se observo algo que está a acontecer na sala de atividades em que não concorde ou que não entenda a razão de ser; exponho-lhe a seguinte situação, por exemplo, uma situação que aconteceu no dia anterior, no início não consegui entender o porquê da L. estar a chorar e estar constantemente atrás da educadora com um livro na mão, no decorrer da situação percebi que o livro já tinha sido da criança, por isso, é que estava a fazer uma birra. A educadora disse-lhe

primeiro para se acalmar que depois conversavam as duas e também me explicou que considerou importante que a criança em questão entendesse que nem sempre os adultos estão disponíveis no momento, que, por vezes, a criança tem de se acalmar primeiro para ser mais fácil resolver a situação. Depois, a educadora cooperante colocou-me a par da sua planificação e dos tópicos que pretendia desenvolver até ao mês de janeiro por exemplo, as vogais, o *Dia da Alimentação*, da *Erradicação da Pobreza*, o *Halloween*, o São Martinho, entre outros. Também conversou comigo que gostava de ver uma Ana mais *proativa*, que fizesse as tarefas sem medos e que experimentasse (Nota de Campo 9, 10 de outubro de 2023, Conversa com a educadora cooperante).

Também considerei importante **ii) dialogar e promover a partilha de ideias/sugestões com a equipa educativa que sejam benéficas para as aprendizagens do grupo e que enriqueçam o meu desempenho contribuindo para a progressiva construção da profissionalidade como futura educadora de infância**. Algumas conversas com a educadora cooperante demonstram que existiu um diálogo e uma relação de empatia perante o trabalho que pretendi desenvolver no decorrer da PPS II. Ambos os membros da equipa educativa de sala demonstravam estar disponíveis e abertas a novas sugestões que pudessem enriquecer o progressivo desenvolvimento e aprendizagem do grupo de crianças:

Depois de ter realizado a atividade com as crianças, a supervisora institucional elogiou a minha evolução significativa com o grupo; de certa forma, também me apanhou um pouco *despercebida* e de *surpresa*, porque deu-me um abraço e felicitou o desempenho que estava a demonstrar ter com o grupo de crianças, observou-me mais envolvida na ação e não tão *tensa* e *inibida* como já aconteceu anteriormente. Passado algum tempo, a educadora cooperante também me disse umas palavras de conforto, “*parabéns, a professora gostou e ficou muito contente com a tua evolução, agora vamos continuar a trabalhar*” e deu-me um abraço muito apertado. Penso que gestos e palavras valem mais do que uma ação. Um abraço para

mim é um conforto, mas também é uma força da natureza que me ajuda a caminhar até onde estou hoje, é algo que por vezes sinto falta, mas sei quando vem, vem, sempre com um sabor especial. (Nota de Campo 55, 13 de novembro de 2023 - Conversa com a educadora cooperante e a Supervisora Institucional).

3.1.3. Para com as famílias

Bettencourt e Folque (citados por Araújo & Oliveira-Formosinho, 2018), acreditam que, tal como a equipa educativa, as famílias também são essenciais para o processo educativo das crianças. O papel do/a educador/a é determinante para o progressivo desenvolvimento e aprendizagem, pelo que ambas devem partilhar continuamente a informação demonstrando estar sempre disponíveis e estabelecendo uma comunicação eficaz que promova o diálogo entre os dois pilares fundamentais da educação. Cada instituição possui uma individualidade própria, apresentando características únicas que a distingue das demais.

A dimensão família caracteriza-se pela ligação, por afinidade ou por grau de parentesco, de vínculos entre indivíduos. Quando apelamos a esta dimensão, referimo-nos a adultos que estabelecem relações estreitas e afetivas com as crianças e que contribuem para a sua proteção e desenvolvimento (Carvalho & Vilarinho, 2017). Este modelo permite que os profissionais de educação implementem programas para o envolvimento dos pais, sendo, por isso, um importante instrumento para auxiliar os/as educadores/as e as instituições a desenvolverem programas de colaboração com as famílias e a comunidade.

Esta tipologia (escola- família- comunidade) permite, igualmente, a tomada de consciência do tipo de auxílio que os profissionais apresentam na sua prática e como conceder respostas de qualidade às necessidades das crianças, dos profissionais e das famílias (Bhering & SirajBlatchford, 1999). Os pais passam a: compreender os objetivos da instituição, o desenvolvimento e o processo das crianças; valorizar a escola e o percurso académico; adotar atitudes e expectativas mais favoráveis relativamente aos filhos e à educação; aquisição de conhecimentos e competências, tornando-se assim mais confiantes e eficazes na ajuda prestada aos

filhos; estabelecer relações mais calorosas e participativas com a instituição escolar. A instituição e os/as educadores/as beneficiam da valorização social; melhoria das percepções das famílias relativamente à instituição e aos profissionais de educação; melhoria do conhecimento das características e das necessidades das famílias e das crianças; apresentar um clima social escolar mais aberto, caloroso e democrático (Bhering & Siraj-Blatchford, 1999; Carvalho et al., 2000; Silva & Martins, 2002; Zenhas, 2010). Assim sendo, o mais importante, quando se trabalha com as famílias, com as crianças e com a comunidade, é colocar amor naquilo que fazemos, ser flexíveis, saber ouvir e estar disponível. Para que haja uma boa relação com as famílias das crianças, criamos empatia, confiança e somos transparentes no trabalho que fazemos. Mas, também é importante construirmos com as famílias comunidades de aprendizagem, onde todos aprendem com todos, através da promoção de uma educação inclusiva de qualidade, onde todos são mobilizados para o desenvolvimento das crianças.

A colaboração das organizações socioeducativas com as famílias é essencial para o sucesso educativo das crianças; é preciso que os/as educadores/as, as organizações socioeducativas e a comunidade, reflitam coletivamente sobre a forma de estabelecerem projetos adequados às características e às suas necessidades das famílias, de modo a trazerem aquelas até à instituição, fazendo-as participar, a todas, voluntariamente, criando um clima favorável ao desenvolvimento de uma relação de confiança mútua, propícia à colaboração (Zenhas, 2010).

Seguidamente, vou definir as principais intenções que delinee para com as famílias: **i) respeitar a confidencialidade das famílias e das crianças do grupo (consentimentos informados)**. Neste sentido, elaborei uma carta de apresentação (cf. Anexo D) que esteve disponível e de fácil acesso para as famílias, estando a mesma afixada à porta da sala; nos meus registos diários do Portfólio da PPS II, (cf. Anexo A. Portefólio da PPS II, em Anexos ao Relatório) respeitei a privacidade e o anonimato das crianças, como também utilizei abreviaturas para os nomes, quer das crianças, quer da respetiva equipa educativa, protegendo assim a confidencialidade de ambas. Elaborei e entreguei um modelo de um consentimento informado à respetiva família da criança do portfólio de desenvolvimento e

aprendizagem (cf. Anexo B. Consentimento informado para a elaboração do portfólio de desenvolvimento e aprendizagem de uma criança, em Anexos ao Relatório); a sua principal finalidade foi observar as relações com os pares, com os adultos de referência, concretamente, a educadora cooperante e com os materiais disponibilizados na sala de atividades.

Também pretendi **ii) assumir uma escuta ativa, bem como, uma atitude de respeito e empática para com as famílias.** O/A educador/a deve escutar e observar as crianças a conversarem com as outras crianças ou com os adultos de referência; é uma das formas que os profissionais de educação têm para estimular as crianças na sua autoestima, bem como no desenvolvimento das suas competências nas atividades propostas pelo/a educador/a (Portugal, 2012). Apesar de observar que as famílias estavam envolvidas no processo educativo das crianças, considero importante frisar que a instituição demonstrava ter uma boa relação e envolvimento com as famílias, visto que são as próprias as primeiras educadoras das crianças; a organização socioeducativa procurava que as famílias participassem em diferentes momentos do dia-a-dia das crianças, por exemplo, no Dia da Alimentação, foi convidada pela instituição uma mãe de uma criança do grupo dos 5 anos para explicar os benefícios e os malefícios de alguns alimentos para a saúde; numa outra ocasião, na festa de Natal, todos os encarregados de educação tiveram o privilégio de observar as atuações dos seus educandos:

Todas as salas do Jardim de Infância onde estou a estagiar tiveram a oportunidade de fazer uma atividade com a mãe do S. A educadora da sala vermelha explicou às crianças que hoje é o dia da Alimentação Saudável; de seguida, deu a palavra à mãe do S., que esteve a explicar às crianças que é nutricionista e o porque de comermos alimentos saudáveis, algumas crianças disseram para ficarem mais fortes, para não ficarem doentes, para comerem melhor, entre outras coisas. De seguida, foi feito um jogo com as crianças sobre os alimentos saudáveis, mais ou menos saudáveis e saudáveis, cada educadora escolheu uma criança das respetivas salas, da sala azul foi o Lou., da sala amarela foi a C. (4 anos)

e da sala vermelha foi o M. (3 anos), para colarem nas respetivas cores os alimentos não saudáveis que estavam na cor vermelha, um para os alimentos mais ou menos saudáveis, estes estavam na cor amarela e uma para os alimentos saudáveis, que correspondiam à cor verde.

A segunda atividade foi as crianças de todas as salas irem à vez fazerem bolas energéticas com o apoio da mãe do S., de uma educadora e de uma auxiliar de sala, em que foi seguida uma receita, que mencionarei posteriormente (Nota de Campo 16, 16 de outubro de 2023, Envolvimento das famílias com a instituição).

As crianças do 1.º ciclo quiseram apresentar as partes escritas nos atos do teatro e encarnaram as personagens como a avó, o senhor António, o Zacarias, a menina, o relógio, entre outras. Todos os grupos do jardim de infância e do 1º ciclo apresentaram uma música de cantores conhecidos, tais como, Bruno Mars, Quatro e Meia, Carolina Deslandes, Carlão, Fernando Daniel, Broas de Mel, Bethoveen, entre outros, todas tinham uma coreografia, que era guiada pelos educadores, professores, auxiliares de ação educativa e estagiárias dos grupos de pré-escolar (Nota de Campo 98, 07 de dezembro de 2023, Envolvimento das famílias com a instituição).

Durante o acolhimento das crianças, procurava comunicar com as famílias do grupo demonstrando ser uma pessoa *afável*, estar disponível e assumia uma escuta ativa para com as famílias, tendo sempre em conta que são os pilares das aprendizagens e do desenvolvimento das crianças. As organizações socioeducativas são as segundas educadoras das crianças, por isso, é necessário estabelecer uma relação de proximidade entre ambas no sentido de contribuírem de forma significativa para o processo educativo das crianças.

3.2. Processo e avaliação da ação

Antes de refletir de um modo mais pessoal sobre o desempenho e os contributos que o estágio em Jardim de Infância me ofereceram, importa frisar que

um/a educador/a de infância para contribuir de forma positiva para as aprendizagens das crianças; tem a necessidade de observar, registar, documentar, planejar, agir e avaliar, com o objetivo de enriquecer a sua prática educativa. No entanto, o seu papel também é refletir e tomar decisões que se enquadrem com as características de cada criança, do grupo e do contexto socioeducativo em questão (Silva et al., 2016).

Na realização deste último estágio, consigo entender mais pormenorizadamente, que o *Mestrado em Educação Pré-Escolar* me ofereceu ferramentas essenciais para a construção da minha profissionalidade como futura educadora de infância. Este ano letivo, senti que a profissão escolhida para a minha vida tem uma certa “magia”, é muito trabalhosa, mas observar todos os dias os sorrisos das crianças quando entro na instituição e a *alegria* com que diariamente me recebem dentro da sala de atividades dizendo *Ana, Ana, bom dia!* encham-me o coração e parece que não é real, mas todos os dias tenho vontade de ficar até ao final do dia. No entanto, não o consigo fazer, porque por detrás da palavra “estágio” existem outros afazeres que não posso deixar para trás. Esta “magia” de que falo também se deve à prática da equipa educativa (educadora e auxiliar de sala) com o grupo, ambas demonstram um *amor* e uma *dedicação* constante pela sua prática educativa com as crianças em simples atitudes, visitas de estudo, acontecimentos do dia- a- dia ou simples atividades, ambas conseguem planejar e planificar atividades que vão ao encontro dos principais interesses e curiosidades das crianças. Um exemplo: houve um dia que o grupo de crianças foi ao Museu da Pimenta realizar uma visita de estudo com uma guia turística observou alguns azulejos e animais nas obras de arte e, no dia seguinte, a educadora cooperante propôs ao grupo construir um azulejo com os desenhos que desejassem fazer no quadrado.

De seguida, apresento a nota de campo que espelha esta situação:

No início da visita, a guia que nos acompanhou, a Joana, fez com todo o grupo de crianças dos 5 anos uma roda para que as crianças se apresentassem e dissessem o seu animal favorito; começou pela El. e a Ma., disseram: *o coelho*, depois, a Fi. e o Lou. Responderam: *a chita*, a seguir o K., o V. e a auxiliar de sala disseram: *o cavalo*, a C., o J. e o F. disseram: *o cão*, o Z.

pronunciou *o leão*, de seguida, a Jo. e o Mi. Disseram: *a cobra*, a L. e a educadora cooperante referiram: *o gato*, o S. respondeu: *as formigas*, a guia Joana disse: *o golfinho* e eu disse *a girafa*. Todos fomos até à entrada do museu observar as plantas que existiam nos azulejos, depois estivemos a observar todos os animais que estavam num prato de cerâmica. A Joana perguntou: *que animais vocês vêm no prato?*, a Jo. diz *peixes e cobras*, o Mi. viu *um escaravelho*, o Lou. disse *um sapo*, a L. referiu *um nenúfar*, a auxiliar diz uma *li(...)*, a C. completa a palavra dizendo *é uma libelinha*, a Joana diz *estou a ver que vocês são uns grandes naturalistas*, continuamos para a parte do museu da pré-história num pequeno vídeo as crianças vem um animal desta época, o veado, conversam sobre o facto de ser uma época que os homens viviam nas cavernas e que tinham de ir encontrar os seus próprios alimentos, entretanto, a Joana diz *ainda existia um outro animal que vivia nesta época e que alguns de vocês gostam muito*, a Jo. refere *é o cavalo*, a guia felicita-a dizendo *Boa, tu conseguiste descobrir sem olhares para a imagem*, depois fomos até há 2 mil anos atrás, a Joana perguntou *sabem qual é o rio de Portugal?* todos respondem *é o rio Tejo*, a Joana perguntou-lhes *o que acham que é isto que estamos a ver?* todos responderam *são vasos*, a Joana diz *e se eu vos disser que isto são ânforas era o que os romanos utilizavam para transportar comida. E que tipo de comida?* a L. disse *peixe*, a guia refere *que é verdade os romanos adoravam o peixe do rio Tejo*, as crianças disseram e *pescavam o peixe*, a Joana diz o seguinte, *é verdade e metiam em tanques com sal, com ervas aromáticas imaginem quanto tempo eles deixavam lá o peixe 2 a 3 meses ficava muito malcheiroso. Mas, o peixe desfazia-se e ficava com um molho delicioso. Os romanos utilizavam um tempero que nós em dia pomos na salada, o que achas que é?* O grupo menciona alguns temperos como *o vinagre, o azeite, o sal, a mostarda, a maionese e o ketchup*, a guia diz que *eles usavam o garo para temperar o peixe*, a L. partilha com a guia *que vai a Troia todos os Verões*, a Joana pergunta-lhe se *sabe que em Troia eles salgavam o peixe. E que mais utilizavam os romanos nestas ânforas, pois bem, eu vou vos disser*

é um tempero que nós utilizamos hoje na salada, o V. diz é o azeite, a Joana pergunta-lhes sabem para que os romanos utilizavam o azeite para acender umas lanternas, olhem ali. E de que é feito o azeite, agora temos aqui uma referência a uma planta. O azeite vem de que fruta? a auxiliar: diz da Azei (...), as crianças dizem da azeitona, a Joana pergunta-lhes e de que árvores vem as azeitonas? a L. diz da oliveira. A guia também conta às crianças que havia outra coisa que os romanos adoravam vinho. De que é feito o vinho? É uma fruta com muitos bagos., as crianças dizem de uvas, a Joana também diz a pedra que está ao pé de mim servia para moer cereais e fazer farinha, havia uma imagem com mais animais, a Joana pergunta-lhes o que estão a ver? A E. responde são touros, a guia diz que são touros que puxavam uma carroça que levava as ânforas que vimos. Os animais eram usados como meios de transporte, a E. diz e também eram amigáveis para as pessoas. (Nota de Campo 40, 02 de novembro de 2023, Visita de estudo ao Museu da Pimenta).

De acordo com as intenções para a ação que referi anteriormente, quer seja para com as crianças, a equipa educativa e as famílias, considero fundamental refletir de um modo pessoal sobre as mesmas. Em primeiro lugar, delineei esta intenção, **i) respeitar a individualidade, direitos e incluir as crianças no seu processo educativo.**

Tal como está descrito numa das notas de campo do portfólio da PPS II, ao observar, que o Ar. está a conversar mais do que a comer o almoço sento-me junto à criança para o ajudar na refeição. O Ar estava a tentar mexer no meu relógio para o ver; digo-lhe: *Mostro o meu relógio quando acabares de comer, pode ser?* Dou-lhe uma garfada à boca e, passado pouco tempo, a criança tenta de novo mexer no relógio, tiro-o e coloco-o no bolso da bata para não ser um fator que o distrai (Nota de Campo 80, 27 de novembro de 2023, Relação estagiária-criança).

A minha segunda intenção para com as crianças foi **ii) promover o respeito e transmitir às crianças valores e atitudes, enquanto cidadãs ativas no seu**

processo de ensino-aprendizagem. Na minha prática educativa, procurei adaptar as minhas atividades à faixa etária e enquadrá-las em algumas festividades do ano letivo, por exemplo, no Halloween, no São Martinho, no Natal e no projeto que desenvolvi com o grupo- *Os Super-heróis da humanidade: contributos para a Atualidade*"; tive a preocupação de respeitar os ritmos de desenvolvimento e aprendizagem de cada uma das crianças do grupo, tornando-se assim os próprios agentes e sujeitos do processo educativo. A terceira intenção que considerei essencial definir na minha prática educativa foi **iii) estabelecer relações afetivas e calorosas com as crianças, com o objetivo de criar um ambiente educativo que seja benéfico para o seu progressivo desenvolvimento e aprendizagem.** Desde o princípio da PPS II que a equipa educativa do jardim de infância me recebeu de forma a que todos os dias sentisse que tinha um certo significado estar a estagiar naquela instituição. A equipa educativa da sala de atividades dos cinco anos sempre me viu não apenas como uma “estagiária”, mas sim como mais um membro que durante alguns meses está a enriquecer as suas aprendizagens, contribuindo assim para a sua formação profissional. Ao início, senti que algumas crianças do grupo se mostraram mais recetivas à minha presença; com o decorrer do tempo, foi algo que considerei fundamental trabalhar com o grupo: demonstrava-me sempre disponível para as brincadeiras, mas também, procurei que existisse um certo respeito por mim dentro da sala de atividades, penso que é algo ainda a trabalhar enquanto futura profissional da educação.

As intenções que defini para com a equipa educativa foram i) **colaborar com a equipa educativa demonstrando ter uma maior iniciativa própria e estar inteiramente disponível no dia a dia para ajudar e apoiar a educadora e a auxiliar de ação educativa no que for essencial no trabalho diário, sendo mais um membro que apesar de estar a aprender a sua profissão contribui para o enriquecimento das aprendizagens com o grupo de crianças e ii) dialogar e promover a partilha de ideias/sugestões com a equipa educativa que sejam benéficas para as aprendizagens do grupo e que enriqueçam o meu desempenho contribuindo para a progressiva construção da profissionalidade como futura educadora de infância.** Procurei conversar com a educadora e a

auxiliar de ação educativa sobre os diferentes momentos de aprendizagem que foram proporcionados ao grupo de crianças, de modo a entender qual seria o meu espaço para desenvolver a minha ação pedagógica. Nos momentos de maiores incertezas, procurei conversar de uma forma aberta, de expor as minhas dúvidas e angústias à educadora cooperante; creio que fui *empática* e estive totalmente disponível para ajudar a equipa educativa em pequenas tarefas diárias; de forma gradual, senti-me acolhida pelo grupo e procurei ter uma maior iniciativa própria, por exemplo, quando percebia que a educadora ou a auxiliar de ação educativa estavam ocupadas a fazer uma outra tarefa, levava o grupo à casa de banho para lavarem as mãos para depois irem fazer a sua refeição.

As minhas intenções com as famílias basearam-se em algo que já tenho escutado há algum tempo: as educadoras cooperantes referirem: “as famílias são os primeiros educadores das crianças” e, como tal, considerei que estas duas intenções: **i) respeitar a confidencialidade das famílias e das crianças do grupo (consentimentos informados)** e **ii) assumir uma escuta ativa, bem como uma atitude de respeito e empática para com as famílias**. Importa salientar que a organização socioeducativa protege a privacidade das crianças e das respetivas famílias, por isso, é mais difícil existir um envolvimento da estagiária com as mesmas, ou seja, devido à *Lei da Proteção de Dados (Lei nº 58/ 2019)* e ao facto de algumas famílias das crianças não permitirem os registos fotográficos dos seus educandos, a coordenadora pedagógica definiu que não poderia tirar fotografias aos rostos das crianças, apenas aos produtos finais das atividades que realizei com o grupo de crianças. Face ao exposto, não elaborei um consentimento informado para os registos fotográficos, nos registos escritos (notas de campo, relatório e portfólios); usei apenas a letra inicial de cada um dos nomes próprios das crianças na presente investigação; elaborei um consentimento informado para a elaboração do portfólio de desenvolvimento e aprendizagem do V.C.

No acolhimento das crianças, tive um maior contacto com as famílias; sinto que construí uma relação de empatia com as mesmas, demonstrei estar sempre *disponível* e ser *afável* para as famílias das crianças.

4. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| | ' ' | | ' ' |

O presente capítulo apresenta as principais opções metodológicas e éticas da investigação delineada ao longo da prática educativa com crianças em contexto de Jardim de Infância. Inicialmente, vou explicar como surgiu a problemática identificada, apresento a revisão da literatura realizada, identifico o método, as técnicas e os instrumentos de recolha de dados no processo de investigação e, por fim, apresento os dados obtidos e as conclusões retiradas, após a sua análise.

4.1. Identificação e fundamentação da problemática

O tema do presente relatório: “Os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância: contributos para o desenvolvimento holístico das crianças”, deveu-se ao facto de eu ter observado tudo o que se passava na sala de atividades e, também, porque todos os dias as crianças queriam que fosse para o recreio com elas, dizendo-me: “Ana, tu não me apanhas!” (corriam atrás de mim) ou puxavam pela bata, afirmando: “Queres vir “brincar” comigo ao esconde-esconde?” (escondidas), ao telefone estragado (todos tinham de segredar uma palavra até chegar ao último elemento do grupo que está na roda). Penso que também devo mencionar que este grupo gostava de fazer jogos tradicionais portugueses com a equipa educativa; por exemplo, recordo-me que observei um dia a auxiliar de ação educativa a jogar ao macaquinho do chinês com o grupo ou a educadora cooperante a proporcionar ao grupo o jogo denominado “arranca-rabiosque”, ou seja, todas as crianças têm um lenço atrás das costas e todas tem de correr para tirarem os lenços uns dos outros; o que conseguir ficar com o lenço até ao fim do jogo, ganha, ao jogo dos polícias e ladrões, ao jogo das cadeiras, à macaca, entre outros jogos.

Algumas notas de campo espelham o que referi anteriormente:

Durante este período de tempo, reparo que as crianças gostam de brincar à apanhada e que algumas vão ter comigo para me dizerem “*Tu não me apanhas, tu não me apanhas!*”. Respondo “*Isso é que vamos ver!*” Começo a correr em direção ao S. e ao K.: As crianças e eu corremos pelo recreio; observo que o K. está em cima de um pequeno muro, dizendo-me: “*Não vale, aqui é o coito, não me podes apanhar*”; ao mesmo tempo, fico

com as minhas mãos junto às caras das crianças para fazer-lhes cócegas. Entretanto, começamos a correr novamente e a M. (4 anos) pergunta-me: “*posso brincar convosco?*”; respondo-lhe: “*Claro que podes*”, continuo a correr, mas desta vez, tento apanhar a M., só que ao tentar fazer cócegas à criança (Nota de Campo 12, 12 de outubro de 2023, Jogo Tradicional).

Depois da hora de almoço, as crianças vão para o recreio brincar; eu estava sentada a observá-los; entretanto, o F. chega-se junto a mim e pega-me na mão dizendo-me: *Anda, anda, vou-te prender*, aproximou-se a M. (4 anos) exclamando: *Anda, jogar à pedra papel ou tesoura!*, disse-lhe: *Mas, eu só tenho uma mão, bato com ela na perna e podemos jogar*, a menina responde-me, *Não, não, tens de fazer com as duas*, disse-lhe: *Mas, o F. está-me a prender a outra.*, a M. diz-me: *Não faz mal, eu ajudo-te a tirar a mão*. A M. quer-me ajudar a tirar a mão, mas o F. diz-lhe: *Se a ajudas também ficas presa.*, a rapariga acaba por se juntar à brincadeira do F., ambos me levam para o campo onde está um poste, o menino prende-me as mãos ao poste, enquanto a M. fecha a “porta da prisão”, reparo que o F. fica algum tempo atrás de mim perguntei-lhe, *O que estás a fazer?*, responde-me *a fechar o cadeado, olha aqui as chaves (ervas do jardim), já estás presa*, respondo-lhe *A sério, mas eu tenho um problema estou a ficar com fome.*, o Mi., a M. e o S. começam a colocar folhas e paus no bolso da minha bata, pergunto-lhes *Para que é isso?*, respondem-me *é para comeres não disseste que tinhas fome*, disse-lhes *Há é para eu comer, que queridos, obrigada*. O F. abre-me o cadeado das algemas e deixa que coma a refeição (Nota de Campo 25, 23 de outubro de 2023, Jogo Tradicional).

Hoje joguei às escondidas com cinco das crianças do grupo - o S., a M., o Z., o V. e a Jo.: comecei por perguntar às crianças: *gostavam que contasse até quanto?* todas me responderam: *pode ser até 10*, disse-lhes: *está bem, vou-me virar para a janela e vou fechar os olhos*. O Z. como anteriormente estava no campo a jogar à bola com o Mi. e com o F. chega-se perto de

mim e pergunta-me: *o que estás a fazer, é a jogar ao “esconde-esconde?”*, digo-lhe: *sim é isso mesmo.*, o Z. questiona-me se também pode jogar, ao que respondo: *claro que sim*. Quando terminei de contar, caminhei por todo o recreio para procurar todas as crianças, que referi anteriormente; fui até debaixo do telheiro, ao parque infantil e não os encontrei, depois fui até junto das “casinhas” e vi que estavam lá escondidas, as cinco crianças, disse-lhes: *Bu, bu, encontrei-vos a todos, ah ah ah!* A Jo. e o Z. ainda tentaram fugir, mas consegui apanhá-los e comecei a fazer-lhes cócegas; as duas crianças começaram a *rir-se*.

Observei que todas as crianças estavam muito *divertidas* e *entusiasmadas* com a brincadeira; notava-se que cada um dos seus sorrisos *brilhava* por sentirem *alegria* e *felicidade* no que estavam a fazer naquele momento (Nota de Campo 36, 31 de outubro de 2023, Jogo Tradicional).

Diálogo com a Ma. e a M.

Ana: *Sabem que jogo é este que está aqui no chão?*

Ma.: *É a macaca.*

Ana: *Ma. sabes jogar?*

Ma.: *Sim é bué fácil.*

(olha um, dois, três ao pé-coxinho, um, dois, com os dois pés e assim sucessivamente até acabarmos. A M. imita o que a Ma. está a fazer)

M.: *Ana, é assim como eu fiz.*

Ana: *Sim M., se quiseres podes fazer outra vez. Um, dois, três macaquinho do chinês.*

Ma.: *Não é assim, é mais devagarinho Ana* (aponta com o seu dedo para os números é um, dois, três) (Nota de Campo 107, 15 de dezembro de 2023, Jogo Tradicional).

Enquanto futura educadora, considero que brincar ao ar livre é uma atividade da infância que enriquece a criança. Esta nota de campo espelha o que referi anteriormente, nomeadamente,

Depois das crianças do 1º ciclo terem ido para as aulas e como me apercebi que naquele momento as crianças estavam apenas sentadas a olhar, decidi intervir e pensei voluntariamente em realizar um jogo tradicional com as crianças, nomeadamente, o “telefone estragado”; formei uma roda com o grupo e expliquei-lhes qual era o objetivo do jogo: primeiro, escolhi uma palavra, por exemplo, girafa, e tinha de segredar ao ouvido dos pares até chegar ao último; neste caso, era a Jo. que entendeu “pão”; eu dava uma pista, por exemplo, tem riscas castanhas e vive no jardim zoológico; uma criança respondeu: *é uma girafa! Sim, está, certo*, respondi. Todas as crianças tinham de escolher uma palavra e segredá-la aos pares até chegar ao último (Nota de Campo 28, 24 de outubro de 2023, Relação estagiária-criança).

Diariamente, reflito que as crianças são seres humanos que precisam de liberdade e de estar ativas no seu dia a dia; devem ser estimuladas, principalmente no espaço do recreio, pois as crianças conseguem ter uma maior liberdade para pensarem nos jogos tradicionais portugueses que fazem parte da infância.

4.2. Revisão da Literatura

Seguidamente, considero que seja importante fundamentar teoricamente a problemática de investigação referida anteriormente com o intuito de investigar sobre a importância que os jogos tradicionais portugueses têm em contexto de Jardim de Infância e de que forma contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças.

4.2.1. O Brincar e o Jogo na Infância

Tendo como referência os princípios e fundamentos da pedagogia para a infância das *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Silva et al., 2016), o brincar é um fator determinante na educação de infância, pois que é a partir deste conceito fundamental que as crianças aprendem de uma forma lúdica e dinâmica, contribuindo assim para o seu desenvolvimento. Mas, para que a criança aprenda, é necessário que o/a educador/a crie ambientes propícios à brincadeira,

deixando-as explorar o que as rodeia e, assim, promover à criança uma integração articulada do saber. O brincar é um comportamento que faz parte da infância das crianças; é uma forma destas demonstrarem as suas emoções e, ao mesmo tempo, expressarem os seus sentimentos (Ferland, 2006, citado por Sá, 2012). No entanto, brincar é também uma atividade espontânea da criança, que corresponde a um interesse intrínseco e que se caracteriza pelo prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração (Silva et al., 2016).

Silva (2017) defende que

a brincadeira, ao nascer de um ato livre e espontâneo da criança e, naturalmente, corresponder a algo que ela escolhe para fazer desinteressadamente, sem esperar mais outra recompensa que não a do prazer de se dedicar a esse ato de expressão lúdica, está a abrir espaço para dar largas à sua imaginação, fantasia e criatividade e, nestas, à construção de uma personalidade aberta e predisposta para aprender e para exercitar os saberes que for adquirindo noutros espaços formais, para com eles erguer os seus próprios saberes com que enfrentará o quotidiano social (p.17).

Importa ainda salientar que o brincar é uma forma que a criança tem de manifestar o seu comportamento humano, de modo a desenvolver determinadas capacidades como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação e refletir sobre a realidade e a cultura; estimula a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia e proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção (Gomes, 2010). Neto (2015, citado por Ferreira, 2017), corrobora desta ideia: as crianças, ao brincarem, desenvolvem-se a nível cognitivo, adquirem competências básicas nas suas operações mentais, desenvolvem a linguagem, a identidade cultural, o desenvolvimento motor.

O brincar, segundo (Vygotsky, 1967 citado por Ferreira, 2017), caracteriza-se por três conceitos fundamentais, a *ludicidade*, o *prazer* e o divertimento; com efeito, as brincadeiras das crianças estão relacionadas com as emoções positivas, com o bem-estar, a redução do medo, da ansiedade e do *stress*; brincar permite que

as crianças se desenvolvam intelectualmente durante os anos iniciais das suas vidas (Vygotsky, 1967 citado por Ferreira, 2017). A empatia, a compaixão, a partilha, a inclusão e a aceitação da diferença são competências essenciais na interação social: ao brincarem, as crianças aprendem a escutar os pares e os adultos de referência e começam a ser capazes de negociar, argumentar e a compreender os diferentes pontos de vista uns dos outros (Vygotsky, 1978; Lester & Russel, 2010 citados por Lino, Hortas, Nunes, Rocha, Sá, Vieira & Fuertes, 2020).

De acordo com Araújo e Nobre (2021), o brincar na infância enriquece as aprendizagens da criança e desenvolve as suas aptidões e competências básicas do quotidiano (Sá, 2012); é uma forma das crianças descobrirem o mundo que as rodeia, através da exploração, da experimentação e da descoberta dos espaços interiores e exteriores. O brincar é uma “técnica” de aprendizagem, em que as crianças começam a enriquecer os seus conhecimentos, de modo a promoverem a sua autonomia (Almeida, 2018). Para além disso, o brincar é um alicerce para que a criança possa “desfrutar de si”, “ter prazer consigo” e “encontrar a satisfação do seu desejo em si própria”, ou seja, é o tempo e o espaço de fruição, de ludicidade” (Almeida, 2018, p.162). Neto (2020) acrescenta que “o contexto social é para a criança uma referência fundamental quanto à criação de motivações, valores e normas de conduta na prática das suas atividades motoras e lúdicas” (p.202).

Na perspetiva de Dantas (2002 & Brougère, 1998, citados por Palma, 2008), o jogo enquadra-se na sociedade como uma atividade lúdica, com regras específicas; é uma atividade cultural e social com espectadores ou concorrentes, em que estão presentes determinados jogadores que criam relações com os pares; é também uma forma das crianças aprenderem a lidar com os conflitos, com a frustração e glória que está presente no jogo (Barbeito, 2019). Segundo Dias e Mendes (2012), o jogo está relacionado em três fases que fazem parte do desenvolvimento das crianças, nomeadamente, os jogos de exercício estão presentes na fase sensório-motora, os jogos simbólicos fazem parte da fase pré-operatória e os jogos de regras enquadram-se na fase das operações concretas. Na fase sensório-motora, as crianças realizam jogos de imitação com o objetivo de explorarem o mundo que as rodeia, mas na fase pré-operatória já são perceptíveis

para as crianças determinadas regras e conseguem ter um maior interesse pelo “faz-de-conta”, por último, na fase das operações concretas, há uma percepção diferente das regras, a criança começa a socializar com os pares e a adquirir competências sociais que vão ser benéficas para a sua vida adulta, promovendo assim, a cooperação e a interajuda entre os pares.

4.2.2. O papel do/a Educador/a na promoção do brincar e do jogo

Nos dias de hoje, os/as educadores/as atribuem um significado diferente ao brincar: dão mais importância à imaginação, à criatividade e às interações entre os pares, como também à partilha, à cooperação, ao espírito de entreatajuda, à capacidade de criarem as suas próprias brincadeiras, bem como relacionarem os sentimentos ao próprio ambiente educativo, tornando-o assim *harmonioso, prazeroso e acolhedor*. Segundo Gomes (2010), o/a educador/a deve utilizar ferramentas essenciais na aprendizagem das crianças porque, “ao brincar, a criança está a estimular inteligência, porque este ato faz com que ela liberte a sua imaginação e desenvolva a sua criatividade, bem como possibilita o exercício de concentração e atenção para as diversas situações do quotidiano” (Sarmiento & Silva, 2017, p.42). O/a educador/a tem o papel fundamental de motivar, orientar e envolver o corpo com os objetos, sendo crucial compreender que a criança, ao brincar, consegue entender que as ações estão relacionadas com o imaginário e, ao mesmo tempo, tem um carácter lúdico, ou seja, as crianças sentem-se *realizadas e felizes* de dia para dia, porque aos poucos estão a enriquecer a sua infância (Lino, Hortas, Nunes, Rocha, Sá, Vieira & Fuertes, 2020).

De acordo com Ferreira (2010), os/as educadores/as assumem um papel crucial nas brincadeiras das crianças pois que estas não são apenas uma forma daquelas – as crianças, passarem o tempo; correspondem a um direito humano que completa a aquisição dos seus conhecimentos, o desenvolvimento da sociabilidade e a construção da identidade. Por essa razão, é fundamental observar os diferentes tipos de brincadeiras das crianças de forma a abordar algumas dimensões constantes nas diversas *Áreas de Conteúdo* (OCEPE) (Silva et.al., 2016), concretamente a *Área da Formação Pessoal e Social*, a *Área de Expressão e Comunicação* e a *Área do Conhecimento do Mundo*. Para Ferreira (2010),

não há dúvidas de que o brincar potencia o desenvolvimento da criança: facilita-lhe o conhecimento de si própria, as relações com os outros e o conhecimento do Mundo. Brincar é fundamental: a criança precisa de ter tempo e espaço para brincar. Tanto os pais como os educadores devem promover o brincar e incluí-lo como atividade de excelência na formação das crianças (p. 13).

Segundo Portugal (2000), existem dois tipos de adultos de referência que fazem parte das aprendizagens das crianças: i) *o adulto “playmate”* - o adulto que brinca e se envolve nas atividades desempenhadas pela criança e ii) *o adulto “caremake”* que apenas proporciona à criança um espaço de atividade, sem participar nela. Assim, o papel do/a educador/a é estar disponível para escutar, compreender e dar voz às crianças, respondendo às suas necessidades; deve, também, apoiar e proporcionar diversificados tipos de explorações e descobertas que são benéficas para o desenvolvimento de novas aprendizagens (Coelho & Tadeu, 2015).

O/A educador/a assume um papel determinante no desenvolvimento da criança, sendo o jogo uma atividade lúdica que faz parte da sua vida quotidiana, desenvolvendo competências essenciais, como motoras, cognitivas, emocionais e sociais (Palma, 2008). Neste sentido, é fundamental o/a educador/a proporcionar às crianças momentos que englobem a prática motora, ou seja, é uma forma de facilitar as suas ações e de proporcionar às crianças experiências que enriqueçam a exploração dos espaços e dos materiais em que estão incluídas (Neto, 1995, citado por Barbeito, 2019). O/A educador/a deve criar condições adequadas ao desenvolvimento da cultura motora básica das crianças, proporcionando-lhes diferentes formas de trabalho, de modo a que as crianças consigam desenvolver a sua plasticidade motora e se adaptem a novas situações do dia a dia. Simões (2020) afirma que o ócio, o brincar e o jogo são potenciais ferramentas em que os/as educadores/as criam um espaço educativo que faz parte das interações sociais como formas de aprendizagem e em que as crianças estão envolvidas com o grupo, de modo, a serem trabalhadas as diferentes personalidades, valores e comportamentos. Neste sentido, o papel do/a educador/a é criar intencionalidades educativas que se

baseiem na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças. De acordo com Freire (2001 citado por Simões, 2020) as atividades planeadas pelo/a educador/a devem estar relacionadas com as áreas de conhecimento e interligadas com as oportunidades e desafios que promovem o enriquecimento pessoal e social dos indivíduos do grupo. Neste seguimento, é essencial interligar a prática desportiva com o jogo e o brincar, organizar os espaços e o tempo para as crianças brincarem livremente, fomentar a educação física nas instituições, melhorar as infraestruturas desportivas, garantir uma formação desportiva e boas condições para o desporto de alta competição e dar prioridade à generalização sobre a especialização (Neto, 2020).

Para Carneiro (2003, citado por Rocha, 2017), o espaço educativo deve proporcionar às crianças diferentes formas de lazer que sejam benéficas para o brincar, de modo a serem recriados os diferentes espaços, proporcionando novas experiências de aprendizagem, facilitando as descobertas e o conhecimento do mundo, tendo em conta, os adultos de referência, os materiais e os pares, dando à criança uma liberdade de decidir e gerir o tempo livre que pode ser flexível. Em suma, o momento do brincar é a altura certa para as crianças descobrirem as suas capacidades e habilidades, se conhecerem a si próprias e o mundo envolvente (Cruz, Oliveira & Neto, 2023).

4.2.3. Os contributos dos jogos tradicionais portugueses para o desenvolvimento holístico e a aprendizagem na infância

O brincar de forma livre contribui significativamente para o desenvolvimento holístico das crianças: desde tenra idade, as crianças começam a comunicar a partir de gestos, de sons e, depois, começam a aprender os diferentes papéis sociais das brincadeiras que fazem parte da imaginação. Conseguem desenvolver capacidades tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação, como também desenvolvem as suas capacidades de socialização, baseadas na interação e experienciam determinadas regras e diferentes papéis sociais. Como refere Sá (2012) “as crianças necessitam de tempo livre para poderem fazer algo que gostem, para poderem dar asas à sua imaginação, realizar jogos sem

imposições, sem nunca esquecer que devem respeitar os outros e os brinquedos/objetos que são de todos” (p. 21).

Segundo Neto (2001, 2003 citado por Barbeito, 2019), o jogo, para além de ser benéfico no progressivo desenvolvimento das crianças, faz parte da infância e complementa-se com a educação, a saúde e a intervenção social, dado que é uma forma da criança aprender com os outros, partindo das interações que realiza. Silva (2017, p.17) acrescenta que o jogo “proporciona o desenvolvimento cognitivo, a capacidade verbal, a produção divergente, as habilidades manipulativas, a resolução de problemas, os processos mentais, a capacidade de processar informação relevante”. Neto (2003, citado por Barbeito, 2019), afirma que os jogos contribuem de uma forma significativa para o progressivo desenvolvimento e aprendizagem, visto que, é a partir das atividades lúdicas pensadas pelos/as educadores/as que as crianças desenvolvem as suas aptidões, conhecimentos e melhoram o desenvolvimento pessoal das suas competências nas aprendizagens; cria-se um estilo de vida ativo nas crianças, que se relaciona com a saúde física, psicológica e emocional.

O jogo na educação de infância corresponde a uma necessidade e um direito essencial que não deve ser imposto às crianças; é um processo aleatório que beneficia a segurança e a autonomia (Neto, 2001 citado por Figueiredo, 2010). Mas, é também, uma forma das crianças terem um maior contacto com a natureza e serem indivíduos livres e ativos - deve existir uma relação com a Natureza e o corpo da criança pode estar preparado para possíveis situações de risco, como também para desenvolver atividades lúdicas e desportivas que sejam benéficas para a sua saúde (Neto, 2020).

O jogo, enquanto atividade lúdica, desempenha duas funções importantes: i) a *função lúdica* - uma forma de diversão e de prazer e ii) a *função educativa* - que transmite conhecimentos e em que a criança aprende conceitos e linguagens abstratas (Neto, 2001, citado por Barbeito, 2019). Neto defende que o jogo é um meio de utilização pedagógica com uma linguagem universal e um poder de significações nas estratégias de ensino-aprendizagem, ou seja, o ambiente educativo tem de estimular as crianças de uma forma lúdica de modo a enriquecer as suas

aprendizagens (Neto, 2001 citado por Barbeito, 2019). Para Neto (2020), “é aconselhável que as crianças e os jovens tenham oportunidade de construir primeiro a própria identidade, que brinquem muito na infância, possam correr riscos, consigam fazer uma diversidade de atividades, de modo a ganharem essa cultura motora básica, que é o pré-requisito para terem sucesso mais tarde como atletas de alto nível de competição” (p.201) e dinâmicas perceptivas e sociais mais simples (*fase de estimulação motora*)” (Neto, 2020, p.210).

Quanto aos espaços interior e exterior como promotores para os jogos tradicionais portugueses e os contributos para o desenvolvimento holístico das crianças, a organização do ambiente educativo está diretamente relacionada com esta dimensão no que respeita ao espaço, ao tempo e ao estabelecimento de variados tipos de relações, mais propriamente das crianças com o meio envolvente, a relação das famílias com a instituição e o contexto onde estas se encontram inseridas.

O ambiente educativo no Jardim de Infância deve ser um espaço *acolhedor*, com oportunidades para as crianças desenvolverem as suas interações com os outros e de se envolverem em atividades *ricas, estimulantes e lúdicas*. Normalmente, os espaços educativos, principalmente, a sala e o recreio estão organizados e equipados de forma às crianças poderem escolher os materiais e as brincadeiras que pretendem desenvolver com os adultos de referência. No entanto, os ambientes também podem ser ajustados às necessidades e às tarefas que os profissionais de educação pretendem realizar com o grupo de crianças, as tarefas propostas devem ser realizadas maioritariamente em grandes e pequenos grupos, promovendo assim a colaboração e a cooperação das crianças com os seus pares, mas também devem existir pequenos momentos de trabalho individual por parte das crianças, promovendo assim a sua autonomia (Cardona, 1992).

O contexto educativo tem de ser *desafiante* para as crianças, de modo a criarem as suas conceções, principalmente, na força do inconsciente (individual e coletivo), o despertar desejos ancestrais (luta e perseguição), a compreensão da incerteza e complexidade (corpo e Natureza), a curiosidade (exploração e descoberta), a autonomia e participação (conhecer-se e dar-se a conhecer aos outros), a libertação do medo (riscos, crenças e topofobias), o prazer e a frustração

(sentido de vida e da existência) e da Natureza e do contexto virtual (consciência de si e do mundo natural e digital) (Neto, 2020).

As crianças aprendem com as próprias ações e experiências do dia a dia, sendo importante a organização do espaço e do tempo: este deve estar bem definido pelos/as educadores/as no sentido de promover a autonomia das crianças; para que tal seja possível, é necessário que os equipamentos estejam devidamente organizados: a existência de diferentes áreas na sala de atividades, nomeadamente, a área da casa, da garagem, do faz-de-conta, entre outras. Os materiais devem estar à altura das crianças e serem acessíveis e fáceis de as crianças as arrumarem sozinhas sem precisarem da ajuda dos/as educadores/as para o fazerem. O tempo também é algo precioso na organização do ambiente educativo, sendo que, o/a educador/a deve pensar em planear antecipadamente as atividades que quer propor às crianças durante o seu dia a dia, tendo sempre em conta os seus interesses, curiosidades e respeito pelo ritmo de cada uma das crianças do grupo (Cardona, 1992).

Sobre o espaço exterior do Jardim de Infância, é no recreio que as crianças encontram liberdade para criarem as suas próprias brincadeiras, recorrendo a diferentes atividades lúdicas que promovem o contacto das crianças com o ambiente físico e natural, de modo a existir um contacto e uma exploração frequente com os elementos da natureza. Com efeito, o espaço da rua é fundamental para as crianças, pois é onde são adquiridas experiências de forma livre. Contudo, segundo Neto (2020), “o aumento progressivo do sedentarismo infantil é proporcional à diminuição da qualidade ambiental em termos de condições e oportunidades de jogo livre, e acompanha as transformações urbanas e a construção de imaginários de segurança que os pais têm na educação dos filhos. A “rua” é um espaço potencial de jogo que está em desaparecimento na cultura lúdica e infantil” (pp.170-171). O autor afirma que as crianças, atualmente, têm pouca “liberdade de ação” (Neto, 2020, p.174), ou seja, não são proporcionados às crianças tempos e espaços suficientes para que possam brincar livremente na rua em segurança, sem perigos e proibições que acontecem no quotidiano das crianças. “Em Portugal, as crianças têm cada vez menos liberdade para serem crianças e fazerem coisas necessárias e

úteis ao seu crescimento. São, na maior parte dos casos, crianças imaturas e totós (...) e as consequências vão ser pagas a médio e longo prazo” (Neto, 2020, p.175).

Não obstante, o recreio – espaço exterior do JI, é um espaço onde as crianças estabelecem novos laços de amizade que as ajudam a enriquecer os seus conhecimentos, existindo assim, uma oportunidade de troca e transmissão em que são desenvolvidas habilidades e saberes sociais, como por exemplo, os comportamentos de liderança, esforços para se fazerem compreender e ser aceites, e para compreender os desejos e expectativas dos parceiros de jogo e brincadeira, aprendem a lidar e a gerir os conflitos e a perceber as diferenças individuais de cada um (idade, género, conhecimento anterior) influenciam os grupos de jogo e brincadeira, suscitando afinidades, exclusões e estratégias diferenciadas de participação (Aires, 2010).

As antigas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE)* (Ministério da Educação, 1997) definiam a importância do espaço exterior: “deve ser planeado com o mesmo rigor e qualidade que o espaço interior, importando perspectivá-los de forma articulada. Em ambos, podem realizar-se situações educativas planeadas ou atividades livres, sendo necessário ponderar qual o papel do adulto nos diferentes espaços e momentos” (1997, p. 39). Nas atuais *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE)* (Silva et. al., 2016), o espaço exterior é definido como o local em que as crianças realizam atividades por iniciativa própria e onde existe uma relação com o ambiente que deve beneficiar as interações entre a criança e o espaço educativo. Este espaço – o exterior, é um espaço de produção e de transmissão da cultura lúdica das crianças (Azevedo, 2015). Lino (2013) defende que este espaço deve estar idealizado e organizado pelos/as educadores/as e é uma forma de dar continuidade às atividades iniciadas em sala, ou seja, é uma extensão do espaço interior, ambos devem estar adaptados e adequados a cada uma das faixas etárias, de modo a que as crianças tenham oportunidade para desenvolver experiências significativas de aprendizagem. Como refere Neto (1999), “os tempos de recreio nas escolas, são para as crianças, momentos de grande oportunidade de estimulação para as suas aquisições motoras, estruturação perceptiva e relacionamento social” (p.7).

Em países vizinhos a Portugal, concretamente, na Noruega, Dinamarca, Inglaterra, Suíça, Escócia, Alemanha, Japão e Estados Unidos, os/as educadores/as criaram espaços concretos para as crianças explorarem a Natureza, nomeadamente, as “*Escolas da Floresta*” ou “*Forest School*”, em que a criança tem o privilégio de brincar de uma forma mais natural e com uma maior liberdade, em brincadeiras em riachos, fazem fogueiras; o adulto ajuda-as e ensina-as a fazer fogo de uma forma correta e segura; utilizam facas/canivetes, pregos, martelos e serrotes para produzir artefactos e intervir em outros elementos que necessitam para realizar as brincadeiras e pequenas construções; brincam com terra, areia, usam cordas, pedras e gravetos e outros elementos da natureza para compor os momentos de brincar, sobem às árvores (Cocito, 2016). Ao brincar de forma livre, o corpo das crianças encontra-se em harmonia com a Natureza; “no espaço natural, é essencial brincar, ser ativo e saber parar! É oscilando entre estes dois polos que podemos ajudar as crianças a encontrar o seu equilíbrio mais interno e a controlar as suas energias” (Neto, 2020, p.153).

Tal como refere Figueiredo (2010), “as atividades desenvolvidas pelas crianças pequenas devem proporcionar a brincadeira em diferentes espaços, privilegiando as experiências na Natureza, a criatividade, vivências *felizes* e aprendizagens que despertem o interesse das crianças por novas descobertas e aprendizagens (p.36).

De acordo com Torres (1995, citado por Nova, 2009), os jogos tradicionais portugueses são uma forma das crianças desenvolverem as suas brincadeiras, de entenderem que fazem parte de uma sociedade com as suas tradições, gastronomia e costumes próprios presentes no dia a dia. A cultura de cada um dos povos é determinante e, a partir do brincar, criam-se relações sociais entre os indivíduos, aproximam-se gerações, potencia-se a cooperação e a competição (Nova, 2009). Os jogos tradicionais portugueses apresentam potencialidades educativas em diferentes contextos educativos; no entanto, deve existir respeito pelas regras presentes nos jogos tradicionais portugueses, como uma forma de demonstrar às crianças que, para brincarem ludicamente, precisam de querer participar nas

decisões em conjunto e de compreenderem os valores e as atitudes presentes na *Área de Formação Pessoal e Social* das *OCEPE* (Silva et. al., 2016).

Atualmente, o desenvolvimento holístico está condicionado, porque, por um lado, não existe muito tempo para as crianças brincarem no espaço exterior devido a determinados fatores, nomeadamente, às mudanças na sociedade atual, a nível epidemiológico, demográfico, nutricional, na mobilidade ativa, na utilização das novas tecnologias. Por outro lado, os pais também não deixam que as crianças tenham experiências ao ar livre que contribuam para o seu crescimento, pois que ainda existe algum receio por parte das famílias e dos/as educadores/as de criar desafios que motivem as crianças a estimularem o seu corpo no espaço natural, de modo a adquirirem competências motoras, emocionais e sociais a aprenderem a correr riscos com segurança. As crianças preferem estar dentro de casa a utilizar as novas tecnologias do que estarem a brincar de forma ativa na rua. A este propósito, Neto (2020) afirma que “é tempo de procurar a criação de uma escola ativa num corpo ativo e numa comunidade ativa; de formar uma escola nova, aberta ao conhecimento e à capacidade investigativa de situações novas e imprevistas, através das ofertas de aprendizagem experiencial dentro e fora do espaço educativo” (p.160). Para além destes fatores, o currículo para crianças pequenas está sobrecarregado, não existindo muito tempo livre para as crianças explorarem e descobrirem a natureza a partir do brincar, pois que “o tempo espontâneo, do imprevisível, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural, deu lugar ao tempo organizado, planeado, uniformizado” (Neto, 2001, p.1).

De acordo com Neto (2020), as crianças deviam ser motivadas pelos adultos de referência a exporem as suas ideias, motivações e necessidades, dando importância aos diferentes movimentos, espaços, à afetividade dos profissionais em educação e das famílias, ao contacto frequente com a Natureza, aos diversificados materiais para brincar, à exploração, aos acessos, ao risco e segurança, à experimentação e criatividade, à convivência em grupo de amigos, pais, educadores/as, animadores, entre outros. O autor acrescenta que deveria se possível a realização de atividades de exploração e descoberta motora, como andar, correr, saltar, trepar, equilibrar, lançar, pontapear, agarrar, nadar, dançar, lutar, atividades

culturais, ou seja, estudos, experiências, cartazes, portfólios, histórias e textos, algumas atividades lúdicas, como jogos sensoriomotores, motores e sociomotores, jogos tradicionais, atividades expressivas, como por exemplo, gráficas, plásticas, dramáticas, musicais, motoras, atividades de construção, como cabanas, construções diversas, brincar com areia, água, fogo, exploração dos elementos naturais e atividades desportivas.

Para que esta realidade venha a ser possível, Neto (2020) afirma:

Procura-se que, no futuro, seja possível modificar significativamente os espaços de jogo e recreio tradicionais elaborados com recurso a equipamentos *standard* e substituí-los por espaços mais imaginativos e criativos (pedras, areia, água, troncos de madeira, vegetação, etc.), que suscitem os comportamentos de cooperação, de risco, de sentimentos de pertença e cidadania. Necessitamos, neste âmbito dos espaços de jogo públicos, de um planeamento urbano mais criativo e ousado para as crianças e os jovens (p.191).

Neto (2020) acrescenta que devem ser criadas *affordances*, de modo às crianças explorarem os espaços de uma forma lúdica e onde possa ser criada a liberdade de que tanto as crianças necessitam para brincarem livremente em todos os espaços, mas, “a rua deveria tornar-se um espaço de vida e encontro, em que o brincar e o jogar fossem possíveis, de acordo com as necessidades aparentemente contraditórias da criança: segurança e atração pelo risco, movimento e repouso, socialização e autonomia, imitação e criatividade (expressão), ficção e contacto com a realidade, ensaiar experiências novas e agir sobre as coisas (Neto, 2020, p.185).

4.3. Roteiro metodológico e ético

A problemática identificada no decorrer da PPS II em contexto de Jardim de Infância teve como objetivos: **i) conhecer e caracterizar os jogos tradicionais portugueses para a infância e ii) analisar os contributos dos jogos tradicionais portugueses para o desenvolvimento holístico das crianças.**

O método utilizado foi um **estudo de caso de natureza qualitativa**, com as seguintes **técnicas de recolha de dados**: i) as entrevistas semiestruturadas às educadoras, auxiliares de ação educativa e técnicos das atividades extracurriculares cooperantes e ii) a observação participante e não participante. No que se refere aos **instrumentos de recolha de dados** e para sustentar a observação realizada, recorri às notas de campo e às reflexões semanais que elaborei ao longo da prática educativa presentes no portefólio da PPS II (cf. Anexo A. Portefólio da PPS II, em Anexos ao Relatório). Elaborei, também alguns guiões para as entrevistas realizadas (cf. Anexo F. Guião da Entrevista às Educadoras Cooperantes e Anexo J. Guião da Entrevista às Auxiliares de Ação Educativa/ Técnicos das Atividades Extracurriculares).

O estudo que realizei é de natureza qualitativa, pois é o investigador que constrói as próprias fontes e instrumentos para analisar os dados. Normalmente, este tipo de abordagem é de cariz descritivo e indutivo, porque os dados estão relacionados com as diferentes visões sobre o mundo da educação e os investigadores dão uma maior importância ao processo do que propriamente aos resultados, ou seja, esta natureza da investigação responde às perguntas “como?” e “porquê?” (Bogdan & Bicklen, 1994).

O estudo de caso é relevante para o investigador poder estudar uma determinada situação com uma maior profundidade, criando hipóteses que no decorrer da investigação serão testadas e interpretadas, ou seja, a problemática estudada deve ser clara e os objetivos devem estar bem delineados, existindo assim uma maior facilidade na recolha e na análise dos dados (Meirinhos & Osório, 2010; Amado, 2014). Este método pode assumir uma perspetiva holística, ou seja, parte-se de uma visão mais geral para uma particular, tendo assim uma visão mais abstrata que permita estudar um determinado acontecimento em profundidade. Os investigadores devem organizar de forma lógica as principais ideias da investigação criando questões temáticas para as observações, entrevistas e revisão de literatura que, posteriormente, devem ser utilizadas na triangulação dos dados recolhidos no estudo (Meirinhos & Osório, 2010).

De acordo com Yin e Stake (1993, 1999, citados por Meirinhos & Osório, 2010), o estudo de caso faz generalizações, mas o investigador nunca se deve esquecer que as perspetivas mais específicas, ao serem estudadas com uma maior profundidade, podem contribuir de forma positiva para o enriquecimento das particularidades mais gerais da problemática em estudo. Yin (2005, citado por Meirinhos & Osório, 2010) defende que os estudos de caso são um método pouco sistemático e pormenorizado porque é difícil de estudar os aspetos mais relevantes, tal como a definição das opções metodológicas e éticas que são mais pertinentes de serem estudadas no contexto, isto é, as estratégicas que são apresentadas tanto numa abordagem qualitativa como quantitativa de uma investigação, ou seja, este método foca-se essencialmente em entender um caso concreto. Este mesmo autor considera que é fundamental serem estudados fenómenos sociais complexos, que vão ao encontro dos diferentes contextos onde se pode implementar uma investigação, sendo que este tipo de método é “uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos” (Yin, 2003, p.32).

As técnicas de recolha de informação, concretamente as entrevistas, são um meio de comunicação que, nos dias de hoje, são utilizadas para podermos compreender as diferentes visões sobre um determinado tema; esta técnica deve traçar objetivos claros que estejam relacionados com o estudo. Neste sentido, as entrevistas que realizei no âmbito da investigação foram semiestruturadas, dado que foi criado previamente um guião com blocos de informação, os objetivos, as questões e as observações que o investigador considera serem as mais relevantes (Amado, 1986). Considerei também as observações diretas realizadas e que registei em grelhas próprias, de modo a conseguir refletir sobre o estudo. Para analisar os dados recolhidos nas entrevistas e nas observações, recorri à **análise de conteúdo**; esta é uma técnica em que os objetivos devem ser específicos, de modo a conseguir interpretar os dados, baseando-se essencialmente nas características que são listadas e organizadas para o investigador ser capaz de analisar e relacionar todos os conteúdos presentes num determinado contexto, ou seja, para analisar os conteúdos

presentes numa entrevista, é importante organizar os dados a partir da criação de um tema, categorias, subcategorias, unidades de registo e a frequência de cada um dos dados (Vala, 1986). Depois de estarem recolhidos e analisados todos os dados da investigação, é importante que exista uma triangulação, ou seja, a reflexão aprofundada do método, da técnica, da abordagem e do roteiro ético que o investigador teve em conta na identificação da problemática emergente que identificou no decorrer da investigação (Alexander, Cronin, Dickinson, Ellis, Fielding, Sloney & Thomas, 2006).

Segui um roteiro metodológico e ético (cf. Anexo P. Roteiro metodológico e ético), em que elaborei uma tabela com diferentes colunas que mencionam os princípios deontológicos e éticos na investigação (Tomás, 2011), tais como os objetivos do trabalho, os custos e os benefícios, o respeito pela privacidade e confidencialidade, as decisões acerca das quais as crianças a envolver e a excluir, a planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação, o consentimento informado, o uso e relato das conclusões, o possível impacto nas crianças, famílias ou equipa, a informação às crianças e adultos envolvidos e, por fim, o tratamento dos dados. Depois, transcrevi os *Princípios para uma Ética Profissional* (APEI, 2011) e, por último, refiro-me ao papel que desempenhei no contexto educativo durante a investigação em contexto de Jardim de Infância.

4.4. Apresentação e discussão dos dados

Com base na problemática emergente da investigação na valência de Jardim de Infância e nos dois objetivos que delineei no roteiro metodológico e ético, apresento e analiso de seguida os dados recolhidos ao longo da prática educativa, apoiando-me na revisão da literatura que realizei anteriormente para definir a problemática da investigação. Realizei a análise de conteúdo dos dados recolhidos através da elaboração de uma tabela categorial com a análise dos dados das educadoras de infância, auxiliares e técnicos da instituição que foram entrevistados (cf. Anexo O. Análise categorial das entrevistas realizadas à Equipa Educativa da Instituição Cooperante). A análise de conteúdo, tal como Fossá e Silva (2013) defendem, é um “conjunto de instrumentos metodológicos, em constante

aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais)” (p.3). De acordo com Bardin (2006, citada por Fossá & Silva, 2013) há três fases importantes, sendo estas as seguintes: i) a *pré-análise*; ii) a *exploração do material* e iii) o *tratamento dos resultados, inferência e interpretação*; posteriormente, cada uma destas fases vai ser definida em traços gerais.

Na *pré-análise*, deve-se ter as ideias iniciais expostas num quadro que, normalmente, está dividido em categorias, subcategorias, unidades de registo e número de frequências, de modo a interpretar e analisar todos os dados dos entrevistados escolhidos para a presente investigação. De seguida, a *exploração do material*, é uma forma resumida de o investigador trabalhar o texto das entrevistas e de se dividirem em pequenas unidades de registo, sendo que este ponto é fulcral para serem definidas as categorias e as subcategorias da informação referente às entrevistas. Por fim, existe uma discussão/tratamento dos resultados, que se baseia numa análise mais aprofundada dos conteúdos, principalmente, a partir das entrevistas, da revisão da literatura e da observação.

Bogdan e Biklen (2010), acreditam que uma entrevista é “utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (p. 134). Ao realizar as entrevistas, decidi realizar uma análise do conteúdo, isto é, “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2009, p.44).

Com o intuito de recolher informação pertinente para o meu estudo de caso, enviei o guião da entrevista semiestruturada que elaborei para o *email* institucional das três educadoras de infância e auxiliares de sala, bem como para os quatro técnicos das extracurriculares cooperantes, pois tinha como objetivo conhecer e analisar a perspetiva de cada um dos entrevistados sobre os jogos tradicionais portugueses em contexto de Jardim de Infância e os seus contributos para o desenvolvimento holístico das crianças. Contudo, nem todos os participantes

responderam à entrevista; apenas as três educadoras do pré-escolar, a auxiliar de sala e três dos técnicos das atividades extracurriculares é que responderam. Posteriormente, realizei a triangulação dos dados, com o objetivo de definir algumas estratégias que considere essencial serem discutidas neste estudo.

As educadoras, as auxiliares de ação educativa das três salas do pré-escolar e os/as técnicos/as das atividades extracurriculares cooperantes foram informados, a partir de uma conversa informal, do estudo de caso que pretendi realizar na PPS II e os principais objetivos da entrevista a realizar. O guião da entrevista aos auxiliares de ação educativa e aos/às técnicos/as das atividades extracurriculares cooperantes foi elaborado com os seguintes objetivos: i) caracterizar as conceções das auxiliares de ação educativa e da equipa das atividades extracurriculares sobre a criança; ii) o lugar da criança no Jardim de Infância; ii) as formas de participação das famílias no JI e ii) compreender de que forma os jogos tradicionais portugueses em contexto de Jardim de Infância contribuem ou não para o desenvolvimento holístico das crianças. O guião das entrevistas semiestruturadas foi organizado em **sete blocos de informação**, concretamente, na definição do perfil do/a entrevistado/a, nas perspetivas sobre a educação de infância e contextos educativos, ou seja, sobre a importância da educação dos 3 aos 6 anos e a importância socioeducativa do jardim de infância, no trabalho em equipa, na relação com as famílias, na conceção e lugar da(s) criança(s) no jardim de infância, na abordagem pedagógica e nos jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância: contributos para o desenvolvimento holístico das crianças.

Tendo em conta a observação realizada com a elaboração de notas de campo diárias e as entrevistas realizadas que selecionei para o estudo de caso bem como os três tópicos da revisão da literatura, mais concretamente, a relação entre o Brincar e o Jogo na Infância, o papel do/a educador/a na promoção do brincar e do jogo e os contributos dos jogos tradicionais para o desenvolvimento holístico e da aprendizagem na infância, elaborei uma tabela que contém as unidades de registo e onde se encontra transcrita a informação que considere mais relevante de cada uma das entrevistas mencionadas anteriormente; numa outra coluna, estão as respetivas

frequências de cada uma das unidades de registo que apresentei na tabela da análise dos conteúdos. (Cf. Anexo O. Tabela Análise Categorical à Equipa Educativa).

Na entrevista às educadoras, à auxiliar de ação educativa e aos/às técnicos/as das atividades extracurriculares cooperantes, considerei cinco questões pertinentes para o estudo de caso. No que se refere à primeira questão - **“Que jogos tradicionais portugueses observa no grupo da sua sala de atividades?”**, as respostas aos entrevistados foram semelhantes, nomeadamente as respostas das educadoras do pré-escolar das salas azul, amarela e vermelha: todas referem os jogos das cadeiras, das escondidas, da apanhada, do lencinho, do macaquinho do chinês, da macaca, o saltar à corda, a corrida de sacos, o jogo do mata, a linda falua, a mamã dá licença, entre outros. A auxiliar de ação educativa da sala azul considera que é benéfico para as crianças a sua participação nos jogos tradicionais, porque recorda a sua infância e crê que é relevante brincar com o sentido de promover o crescimento e a autonomia das crianças, bem como, procurar o bem-estar e a segurança de todas, visto que, por norma, o espaço exterior é considerado muitas vezes pelas famílias um local mais perigoso para as crianças. Por sua vez, o técnico das atividades extracurriculares da instituição tenta promover a realização dos jogos tradicionais com os grupos de crianças com os quais intervém.

Com efeito e com base em Coimbra (2007), os jogos tradicionais portugueses são uma fonte de aprendizagem em que as crianças ocupam os seus tempos livres de uma forma lúdica e afetiva, ou seja, integram-se em grupo, os intervenientes não estão isolados; geralmente, as crianças participam numa ação comum, quer seja de forma individual ou em grande grupo; adquirem uma disponibilidade corporal que está relacionada com a promoção da coordenação motora. As crianças, ao jogarem, recorrem a determinados gestos que, por norma, estão relacionados com cada uma das situações, contribuindo assim para o desenvolvimento da autonomia; ao mesmo tempo, desenvolvem o seu sentido rítmico e a compreensão do tempo, pois existe uma aprendizagem que relaciona os ritmos com a organização temporal das atividades propostas pelos/as educadores/as, o enquadramento dos jogos nos espaços interiores e exteriores existentes nas organizações socioeducativas, o enriquecimento oral da linguagem,

na maioria dos jogos tradicionais portugueses a componente do canto, das lengalengas e o diálogo, estão presentes, o que estimula a memorização das crianças, a formação da personalidade, isto é, desempenham papéis específicos, tais como de vencedor ou de vencido.

As crianças, a partir dos jogos tradicionais portugueses, desenvolvem as suas competências motoras, ou seja, é uma forma de alargarem as suas capacidades motoras grossas, locomotoras, como por exemplo, galopar, saltar ou o salto vertical ou horizontal, manipulativas, por exemplo, apanhar, lançar e pontapear e de estabilidade, principalmente, no equilíbrio dinâmico e estático e, ao mesmo tempo, aumentam a qualidade de vida no seu crescimento, contribuindo assim para a saúde física, psicológica, sócio emocional e cognitiva, de modo a serem sugeridas novas tarefas motoras ao longo da vida e a aprendizagem de novas competências, principalmente, na aptidão cardiovascular, na resistência muscular, na força e na atividade física que, ao longo da infância, contribuem para a saúde das crianças e para a consequente aprendizagem de desportos e na prática educativa desde tenra idade (Badicu et al. 2022 & Cordovil et al., 2022).

Em relação à segunda questão das entrevistas - **“Que jogos tradicionais portugueses contribuíram para o seu desenvolvimento holístico na sua infância?”**, poder-se-á concluir que os jogos tradicionais portugueses são uma mais valia para o desenvolvimento holístico na infância, visto que a equipa educativa, tal como a auxiliar de ação educativa da sala azul, referiu anteriormente que procura transmitir aos grupos das diferentes salas da organização socioeducativa os diferentes jogos tradicionais portugueses que os recordaram de algumas memórias da equipa educativa na sua infância. A educadora da sala azul mencionou o jogo do lencinho, o jogo do galo e da barra do lenço; a educadora da sala amarela referiu-se aos seguintes jogos: macaca, pião, macaquinho do chinês, saltar à corda, corrida de sacos, lencinho, jogo do mata, às escondidas: “são jogos que fazem parte da minha infância e que tento passar às minhas crianças. Elas têm sempre prazer em saber como nós adultos brincávamos quando eramos pequenos.” (Excerto da entrevista realizada à Coordenadora Pedagógica/ Educadora T.C.). A educadora da sala vermelha mencionou os jogos da questão anterior como a linda falua, a roda

do lenço, a mamã dá licença, o jogo das cadeiras e de que modo estes fizeram parte da sua infância: O técnico das atividades extracurriculares da instituição mencionou os seguintes jogos: macaca, mamã dá licença, cânticos tradicionais, o jogo das cadeiras e alguns trabalhos manuais específicos, tais como o picotar, as massas, as folhas, o barro, as tapeçarias, entre outros. Uma das técnicas das atividades extracurriculares da instituição não selecionou os jogos tradicionais portugueses que fizeram parte da sua infância, mas sim os principais contributos no seu desenvolvimento em criança: refere que foi uma ajuda preciosa para superar alguns dos seus receios e aumentar a sua autonomia.

De acordo com Pereira (2006), atualmente, vivemos num país que a sociedade está a atravessar uma crise de valores, cada vez somos mais individualistas, a maior parte das crianças prefere estar agarradas às novas tecnologias e não usufruir do espaço exterior, da rua ou dos recreios das organizações socioeducativas, é necessário os/as educadores/as proporcionarem às crianças momentos que o brincar ao ar livre está presente na prática educativa, tal como refere a autora supracitada “trazer até às crianças de hoje, os velhos jogos de ontem é, certamente, a mais divertida lição da história, que podemos dar aos nossos filhos e netos, levando-os à descoberta deste tesouro” (Pereira, 2006, p.8).

No que diz respeito à terceira questão da entrevista - **“Na sua opinião, porque é que os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças?”**, apenas duas das educadoras cooperantes do pré-escolar defenderam a sua perspetiva acerca dos jogos tradicionais portugueses: a educadora da sala azul refletiu sobre uma forma de brincar com diversão e tradição, bem como a adaptação dos diferentes jogos para trabalhar competências específicas no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, por exemplo, a barra do lenço com pontos e associações matemáticas, o jogo do galo com formas geométricas, etc.. A educadora da sala vermelha relaciona-os com as seguintes competências que devem ser trabalhadas com os diferentes grupos de crianças: a capacidade de atenção, auditiva, musical e a coordenação motora, o técnico das atividades extracurriculares da instituição interliga os jogos tradicionais com o conhecimento cultural, a diversão, o desenvolvimento e a união

entre as famílias, recordando assim a sua infância. A técnica das atividades extracurriculares da instituição referiu que é uma maneira das crianças conhecerem as raízes do nosso país, porque há zonas do país que têm os seus jogos tradicionais diferentes dos que estamos habituados a brincar nas instituições. A outra técnica das atividades extracurriculares da instituição reflete que os jogos tradicionais portugueses contribuem significativamente para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Tal como reflito ao longo deste relatório da PPS II, o brincar de forma livre contribui significativamente para o desenvolvimento holístico das crianças: desde tenra idade, as crianças começam a comunicar a partir de gestos, de sons e, depois, começam a aprender os diferentes papéis sociais das brincadeiras que fazem parte da imaginação. Conseguem desenvolver capacidades tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação, como também desenvolvem as suas capacidades de socialização, baseadas na interação e experienciam determinadas regras e diferentes papéis sociais. Como refere Sá (2012) “as crianças necessitam de tempo livre para poderem fazer algo que gostem, para poderem dar asas à sua imaginação, realizar jogos sem imposições, sem nunca esquecer que devem respeitar os outros e os brinquedos/objetos que são de todos” (p. 21).

Neto (2003, citado por Barbeito, 2019), afirma que os jogos contribuem de uma forma significativa para o progressivo desenvolvimento e aprendizagem, visto que, é a partir das atividades lúdicas pensadas pelos/as educadores/as que as crianças desenvolvem as suas aptidões, conhecimentos e melhoram o desenvolvimento pessoal das suas competências nas aprendizagens; cria-se um estilo de vida ativo nas crianças, que se relaciona com a saúde física, psicológica e emocional.

O jogo na educação de infância corresponde a uma necessidade e um direito essencial que não deve ser imposto às crianças; é um processo aleatório que beneficia a segurança e a autonomia (Neto, 2001 citado por Figueiredo, 2010). Mas, é também, uma forma das crianças terem um maior contacto com a natureza e serem indivíduos livres e ativos - deve existir uma relação com a Natureza e o corpo da criança pode estar preparado para possíveis situações de risco, como também para

desenvolver atividades lúdicas e desportivas que sejam benéficas para a sua saúde (Neto, 2020).

Relativamente à quarta questão - **“Considera que ao longo dos tempos (passado, presente e futuro) os jogos tradicionais portugueses têm evoluído?”**, nem todos os/as entrevistados/as responderam à questão. No entanto, a educadora da sala azul, a educadora da sala vermelha e uma das técnicas das atividades extracurriculares da instituição referem que os jogos tradicionais portugueses têm a sua própria essência e a sua raiz, mas na prática educativa, são vivenciados em diferentes contextos temáticos e podemos adaptá-los às aprendizagens e aos conhecimentos a serem transmitidos às crianças. Contudo, este tipo de jogos tem sofrido algumas alterações, devido às alterações que temos sentido na sociedade atual. O técnico das atividades extracurriculares da instituição tem uma perspetiva contrária à anterior, afirmando que, atualmente, não são proporcionados às crianças diferentes jogos tradicionais portugueses, que apenas com os jogos da apanhada e das escondidas é que se vai criando ideias novas para as brincadeiras das crianças.

De acordo com Oliveira (2006, citado por Lopes, Mendes & Vieira, 2015), as tradições culturais que englobam os jogos tradicionais portugueses devem ser preservadas e dar resposta às necessidades das sociedades atuais; são uma forma de relacionar o presente com o passado, adquirindo o conhecimento das nossas origens e do património cultural do nosso país, particularizando os jogos nas diferentes regiões de Portugal e que estão a ser transmitidos de geração em geração até aos dias de hoje, ou seja, estão delineados com os seguintes objetivos para a prática educativa: dar a conhecer o contexto histórico-social da prática dos jogos tradicionais portugueses, consciencializar para a importância da valorização e preservação do património cultural tradicional, desenvolver uma atividade para envolver de forma dinâmica e proativa vários agentes educativos e criar situações de interação que permitam analisar o conjunto de relações que se possam estabelecer, promovendo o desenvolvimento de relações interpessoais e de grupo.

Quanto à quinta e última questão da entrevista - **“Tendo em conta o seu papel de educadora de infância ou o seu papel de auxiliar de ação educativa ou de membro da equipa das atividades extracurriculares, considera que é**

importante para as crianças envolverem-se nos jogos tradicionais portugueses?”, toda a equipa educativa, tanto as educadoras do pré-escolar da sala azul, amarela e vermelha, bem como os/as técnicos/as das atividades extracurriculares da organização socioeducativa consideram que é benéfico para as crianças o seu envolvimento nos diferentes jogos tradicionais portugueses, bem como é uma mais-valia para as brincadeiras ao reunirem grandes grupos de crianças, promovendo a socialização, o exercício da solidariedade e do espírito de grupo já experimentados pelos nossos pais e avós, como também em jogos multiculturais desenvolvendo assim alguns costumes e aprendizagens relevantes para as crianças, como também as faz entender as tradições existentes no nosso país e as ajuda a formar a sua personalidade.

Segundo Gomes (2010), o/a educador/a deve utilizar ferramentas essenciais na aprendizagem das crianças porque, “ao brincar, a criança está a estimular inteligência, porque este ato faz com que ela liberte a sua imaginação e desenvolva a sua criatividade, bem como possibilita o exercício de concentração e atenção para as diversas situações do quotidiano” (Sarmiento & Silva, 2017, p.42). O/a educador/a tem o papel fundamental de motivar, orientar e envolver o corpo com os objetos, sendo crucial compreender que a criança, ao brincar, consegue entender que as ações estão relacionadas com o imaginário e, ao mesmo tempo, tem um caráter lúdico, ou seja, as crianças sentem-se *realizadas e felizes* de dia para dia, porque aos poucos estão a enriquecer a sua infância (Lino, Hortas, Nunes, Rocha, Sá, Vieira & Fuertes ,2020).

Ferreira (2010) defende que,

não há dúvidas de que o brincar potencia o desenvolvimento da criança: facilita-lhe o conhecimento de si própria, as relações com os outros e o conhecimento do Mundo. Brincar é fundamental: a criança precisa de ter tempo e espaço para brincar. Tanto os pais como os educadores devem promover o brincar e incluí-lo como atividade de excelência na formação das crianças (p. 13).

Simões (2020) afirma que o ócio, o brincar e o jogo são potenciais ferramentas em que os/as educadores/as criam um espaço educativo que faz parte das interações sociais como formas de aprendizagem e em que as crianças estão envolvidas com o grupo, de modo, a serem trabalhadas as diferentes personalidades, valores e comportamentos. Neste sentido, o papel do/a educador/a é criar intencionalidades educativas que se baseiem na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças. De acordo com Freire (2001 citado por Simões, 2020) as atividades planeadas pelo/a educador/a devem estar relacionadas com as áreas de conhecimento e interligadas com as oportunidades e desafios que promovem o enriquecimento pessoal e social dos indivíduos do grupo. Neste seguimento, é essencial interligar a prática desportiva com o jogo e o brincar, organizar os espaços e o tempo para as crianças brincarem livremente, fomentar a educação física nas instituições, melhorar as infraestruturas desportivas, garantir uma formação desportiva e boas condições para o desporto de alta competição e dar prioridade à generalização sobre a especialização (Neto, 2020).

Para Carneiro (2003, citado por Rocha, 2017), o espaço educativo deve proporcionar às crianças diferentes formas de lazer que sejam benéficas para o brincar, de modo a serem recriados os diferentes espaços, proporcionando novas experiências de aprendizagem, facilitando as descobertas e o conhecimento do mundo, tendo em conta, os adultos de referência, os materiais e os pares, dando à criança uma liberdade de decidir e gerir o tempo livre que pode ser flexível. Em suma, o momento do brincar é a altura certa para as crianças descobrirem as suas capacidades e habilidades, se conhecerem a si próprias e o mundo envolvente (Cruz, Oliveira & Neto, 2023).

No ponto **4.1. - identificação e fundamentação da problemática**, apresentei algumas notas de campo presentes no portfólio da PPS II, concretamente, as notas de campo 12, 25, 35, 36, 107 e 129 que espelham alguns dos jogos tradicionais portugueses implementados pela equipa educativa e alguns em que tive a oportunidade de participar, maioritariamente no recreio com o grupo de crianças dos 5 anos de idade; outras notas de campo ilustram o que os professores das atividades letivas proporcionavam ao grupo para a aprendizagem de alguns

conceitos fundamentais na educação física, como por exemplo, o desenvolvimento da motricidade grossa das crianças e o contacto com a Natureza:

A seguir, ao almoço, o Mi. e o F. começam a pedir-me para jogar à apanhada; começo a correr atrás deles.

Diálogo com o Mi. e o F.

F.: *Ana, não me apanhas, não me apanhas, não me apanhas.*

Ana: *Tens a certeza?*

(continuo a correr atrás da criança e o Mi. junta-se à brincadeira)

Mi.: *Baba, baba, também não me apanhas.*

Ana: *Isso é o que vamos ver.*

(continuo a correr atrás das crianças e, entretanto, apanho o F., mas a criança está em cima do poço)

F.: *Não vale, é coito.*

Ana: *Oh, oh, a sério? Então, vou ver se consigo apanhar o Mi.*

(continuo a correr atrás das crianças e, entretanto, tento apanhar o Mi., mas a criança também se vai pôr em cima do poço)

Ana: *Então, já sei quem vou apanhar é o La. (4 anos)*

La.: *Não podes, agora estou numa missão muito importante.*

Ana: *Aí, que chatice, mas não faz mal, vou tentar apanhar o F. e o Mi.*

F.: *Não me apanhas, não me apanhas, não me apanhas!*

Ana: *Isso é o que vamos ver!*

(continuo a correr atrás das crianças e, entretanto, tento apanhar novamente, o F. e consigo)

F.: *Estou encostado à parede, por isso, é coito.*

Ana: *Nunca mais te apanho. Vou tentar apanhar o Mi.*

(continuo a correr atrás das crianças e, entretanto, tento apanhar o Mi. e também consigo) (Nota de Campo 55, 13 de novembro de 2023, Jogo Tradicional).

Diálogo do professor P. com as crianças sobre a dinâmica do Jogo da Selva:

(o professor coloca a tocar uma canção infantil sobre a selva e distribui pelo ginásio arcos suficientes para o grupo de crianças)

P.: *Agora, têm de correr, correr, correr, correr, correr, cuidado vai aparecer um gorila!*

Crianças: *Ah, ah, ah, ah, ah* (baixam-se imediatamente para não serem atacadas.)

P.: *Agora têm de correr, correr, correr, correr, correr, cuidado vai aparecer um leão!*

Crianças: *Ah, ah, ah, ah, ah* (baixam-se imediatamente para não serem atacadas.)

P.: *Agora têm de correr, correr, correr, correr, correr, cuidado, vem aí a mulher do leão, a leoa.*

Crianças: *Ah, ah, ah, ah, ah* (baixam-se imediatamente para não serem atacadas.)

P.: *Agora têm de correr, correr, correr, correr, correr, rápido, cuidado vem aí umas formigas.*

Crianças: *Saltam. Saltam, saltam, saltam, para as formigas desaparecerem.*

P.: *As formigas já desapareceram? Então, vamos lá correr, correr, correr pela selva.*

Crianças: *Sim, vamos!* (Nota de Campo 60, 15 de novembro de 2023, Jogo Tradicional).

Durante a manhã, a equipa educativa de sala planeou ir com as crianças à mata de São Domingos de Benfica. No início da caminhada, notei que algumas crianças do grupo estavam a apanhar as folhas que estavam caídas no chão e também as atiraram ao ar. Depois, continuámos caminho até chegarmos à relva. As crianças correm sem pararem de um lado para o outro e a educadora pergunta-lhes: *não estão a sentir este cheiro?* Todas continuam a correr, correr, correr, correr, correr e a educadora cooperante

diz: *não estão a sentir este cheirinho a natureza?* De seguida, todos querem explorar um trilho que parece estar *assombrado*, mas algumas crianças, à medida que vão avançando, não se sentem *confortáveis* e não querem terminar o percurso. A educadora volta para trás e é nesta altura que encontra na mata um pequeno campo *cheio* de flores e de árvores para as crianças explorarem. Entretanto, observo que a Ma. encontra algumas pinhas e diz à auxiliar: *L., olha o que encontrei*, a auxiliar de sala diz: *Boa, Ma. uma salva de palmas.*

No final, as crianças quiseram andar no “sobe, sobe” que estava na mata, ou seja, era um género de uma escada que as crianças podiam subir e descer, trabalhando assim a sua motricidade grossa e algumas crianças como a Fi., a L., o V. e a E. quiseram apanhar flores para oferecerem aos pais. Este grupo demonstrou estar *alegre, satisfeito e contente* com o passeio (Nota de Campo 64, 17 de novembro de 2023, Exploração da Natureza).

Na hora do recreio, estava encostada na parede a observar o grupo das crianças dos 5 anos. De repente, o F. vem ter comigo pega-me na mão e diz-me: *Ana, queres vir ver uma coisa que eu, o Ar. e o Mi. estamos a fazer? Olha* - aponta para as bolotas e as folhas que estão no chão; pergunto: *o que estão a fazer?* dizem-me *é uma sopa de legumes*. Sento-me no chão junto das crianças; passado uns instantes, o F. mostra-me e oferece-me um “chupa-chupa” feito com um pau e uma bolota. Enquanto, o Ar. e o F. vão procurar mais bolotas, o Mi. fica ao pé de mim a cozinhar a sua sopa, dá-me uma colher (bolota) para a mão, mas diz-me: *cuidado, isso queima!* Respondo: *ai ai ai, já me estava a queimar*. A Jo. junta-se à brincadeira senta-se no meu colo e o Mi. dá-lhe um pouco de sopa para provar, enquanto o F. constrói um chupa-chupa para a Jo. estica-lhe a mão e oferece-o. O Ar. também faz um chupa-chupa, mas o dele, em vez de ser com paus, é com uma folha. Como a Jo. estava a encarar uma personagem, a rainha diz o seguinte: *eu sou a rainha, por isso, gosto mais deste do que aquele*, (deita para o chão o “chupa-chupa” do F.) pergunto-lhe: *então, estás sentada no*

trono? porque a criança estava sentada ao meu colo (Nota de Campo 92, 04 de dezembro de 2023, brincar com a Natureza).

Depois da hora de almoço, observei que algumas crianças estavam no campo a jogar futebol, juntei-me à brincadeira - era uma equipa, o Mi., o F. e o Ar., na outra estava eu, o B. (sala amarela), a Jo. e a Fi.). Começo a jogar à bola com estes elementos do grupo e, de repente, oiço a L. a chamar por mim dizendo: *oh, Ana, a M. (sala amarela) não me deixa ver e brincar com o boneco da S.* Saio do jogo, vou até ao parque dizendo: *eu acredito que a S. tenha emprestado às duas o boneco de peluche*, a M. responde-me: *só me emprestou a mim; a L. não pode brincar*; pergunto-lhe: *porque não pode brincar?* Responde-me: *porque só me emprestou a mim!* Respondo-lhe: *não acredito, M., vocês entendam-se com o boneco; já são meninas crescidas, partilhem-no, por favor.* Entro de novo no jogo e a Fi. pergunta-me: *Ana, se não tenho jogadora, eles podem estar a marcar golos.* Respondo: *claro que não isso é batota Fi. Eu tive de sair para resolver uma situação e também estavam a chamar por mim, tive de deixar a brincadeira e ir resolver a situação.* Entretanto, continuamos todos a jogar, a Jo. pega com a bola nas mãos e o F. pergunta-me: *Ó Ana, podemos jogar futebol com as mãos?* respondo-lhe: *claro, que não!* pergunto à Jo. *estás a jogar voleibol ou basquetebol, não, pois não?* Responde-me: *não.* E acrescento: *pois, então, joga com os pés* (Nota de Campo 120, 11 de janeiro de 2024, Relação estagiária-criança).

Diálogo entre mim, a C., o B. (sala amarela) e a Fi.

A C. mostra-me o seu peluche um cão e conta-me uma história *interessante*.
C.: *Houve um dia que a mãe não encontrou em casa a Yoki; pensou que ela tinha morrido, mas a cadela estava escondida numa gaveta e a mãe encontrou-a.*

Ana: *A sério? A Yoki é uma marota.*

C.: *Olha aqui o meu cãozinho.*

Ana: *É muito bonito; é a Yoki?*

C.: *Não, é o Pompom.*

Ana: *A sério? Tens a certeza, que não é a Yoki?*

C.: *Não, este cão é o Pompom.*

Ana: *Está bem, queres que esconda o Pompom?*

C.: *Sim, toma.*

(a C. dá-me o peluche para a mão).

Ana: *Não podes ver, tens de fechar os olhos.*

(a C. fecha os olhos e esconde o Pompom no bolso da minha bata e digolhe que já pode abrir os olhos e procurar o peluche)

Ana: *Onde será que está?*

C.: *Aqui, no teu bolso da bata.*

Ana: *Hum, será, não é um coelho com orelhas compridas?*

C.: *Não é o Pompom, olha.*

(tira o peluche do meu bolso).

Ana: *Queres que vá esconder de novo o Pompom?*

C.: *Sim.* (dá-me o peluche para as mãos e, entretanto, aparece ao meu lado o B. da sala amarela)

Ana: *B. queres ajudar-me a esconder o Pompom? Onde o queres esconder?*

Toma. (o B. vai escondê-lo na casinha do recreio) *Fecha os olhos.*

C.: *Já está.*

Ana: *Já podes abrir os olhos C., vai procurar o Pompom.*

C.: *Hum, eu acho que está para ali para dentro da casinha.*

Ana: *Vai ver.*

C.: *Está aqui, está todo molhado!*

Ana: *Pois, estive a chover e a relva está molhada. Vou limpar o Pompom.*

C.: *Dá cá, eu ajudo-te Ana!* (limpa com as suas mãos o peluche)

Ana: *Queres que esconda outra vez o Pompom?*

C.: *Hum, sim. Toma, Ana, esconde o Pompom.*

Ana: *B. queres ser tu a esconder o Pompom?*

B.: *Sim.*

Falo baixinho: *podes esconder no teu carapuço do casaco.*

B.: *Ah, ah, ah.*

Ana: *Esconde no teu carapuço.*

(o B. esconde e digo: C., *podes abrir os olhos e procurar o Pompom.*)

C.: *Eu acho que sei onde está. Parece-me que está no carapuço do casaco do B.*

Ana: *Vê lá C., não será que são as orelhas de um coelho?*

C.: *Não me parece. B. posso ver o teu carapuço?*

B.: *Não, é um coelho que está no meu carapuço.*

C.: *Deixa-me ver, por favor.*

B.: *Está bem, vê.*

C.: *Eu sabia é o Pompom, olha Ana.*

Ana: *Ah, pois é.* (sorri para a C.) (Nota de Campo 124, 15 de janeiro de 2024, Jogo Tradicional).

Considero que as notas de campo que referi anteriormente, para além de serem uma forma de observação, ilustram uma forma possível de promover a ludicidade a partir do brincar de diferentes maneiras, quer a partir dos jogos tradicionais portugueses, quer pela exploração e pelo contacto com a natureza. Para além disso, é forma de abordar alguns conceitos importantes em educação física: a diminuição do sedentarismo infantil para as crianças mudarem os seus estilos de vida; mas, para que tal aconteça, é necessário serem propostas ações na promoção da saúde e prevenção de doenças durante toda a vida e ser praticada regularmente uma atividade física, de preferência desde a infância o que traz vantagens tanto a nível físico como psicológico.

Em suma, é essencial encarar o jogo e o brincar como atividades naturais e lúdicas em que a criança descobre o mundo que a rodeia, desenvolve a imaginação, a linguagem e a criatividade, bem como o cumprimento de normas cruciais para a socialização, porque as motiva a comunicar com os outros e também apresenta as respetivas capacidades físicas e emocionais, que contribuem de forma significativa para o seu equilíbrio psíquico (Ramos & Simões, 2016).

5. CONSTRUÇÃO DA
PROFISSIONALIDADE
COMO (FUTURA)
EDUCADORA

| ' ' | | ' ' |

Considero que este estágio me fez crescer tanto a nível pessoal como profissional e enriquecer os meus conhecimentos, aprendizagens e vivências do meu dia-a-dia; ajudou -me o facto de ter escolhido esta instituição cooperante, pois tive o *privilégio* e o *prazer* de aprender e trabalhar com a *melhor* equipa educativa da organização socioeducativa e de sala, como também pude perceber mais pormenorizadamente como é que as crianças na valência de jardim de infância conseguem ser *felizes* em pequenas situações do quotidiano. A equipa educativa sempre me demonstrou que, apesar de ser uma “estagiária”, era uma “profissional” em educação que tinha todas as ferramentas e todo o apoio possível, como liberdade para me expressar, sem medos, perante o grupo de crianças: “Toda a conquista começa com a decisão de tentar...” (Educadora Cooperante da PPS II).

De acordo com Sarmiento (2009), a identidade de um indivíduo começa a ser construída desde que nasce, no entanto, a profissionalidade docente deve sempre ter em conta, a prática, a experiência e o enriquecimento de conhecimentos com outros profissionais em educação, uma citação que espelha o referido anteriormente é a seguinte, “a construção da identidade profissional requer sempre a ação direta dos elementos do grupo profissional, num processo de permanente relação com múltiplas condições: históricas, políticas, culturais, sociais e organizacionais.” (Sarmiento, 2009, p. 48).

A identidade de um profissional, neste caso, de uma educadora de infância, constrói-se no contacto com os diferentes contextos, nas interações que são estabelecidas com os outros profissionais, nomeadamente, educadoras, auxiliares de ação educativa e técnicos/as das atividades extracurriculares, comunidade, famílias e crianças, o que possibilita um conjunto de aprendizagens; estas começam a “moldar” a sua postura, a sua maneira de ser e, conseqüentemente, a sua identidade. Todos estes intervenientes, as suas histórias de vida e contextos influenciam a posição do/a educador/a de infância em relação à sua prática que deve ser adaptada aos mesmos (Sarmiento, 2009). Assim, os valores, intenções e até mesmo a prática de um/a educador/a deve ser flexível e construída ao longo do tempo.

Segundo Lopes (citado por Sarmiento, 2009), um/a educador/a de infância, tem o dever de dar importância ao trabalho em equipa, proporcionando um bom clima entre os diferentes elementos da equipa educativa, de forma que o trabalho executado seja compensador para todos os intervenientes do contexto seja este a equipa educativa, crianças, famílias e comunidade. Assim sendo, é primordial a integração do indivíduo num grupo social, atendendo a que a identidade profissional “desenvolve-se a partir do cruzamento entre a identidade individual e a identidade coletiva, o que implica “um certo trabalho na estrutura da identidade pessoal e no estilo de vida do ator” (p.49)

As notas de campo que apresentarei de seguida demonstram o referido anteriormente,

A maior parte da grelha estava de acordo com o que eu e a educadora cooperante já tínhamos conversado anteriormente, à exceção de algumas alíneas, que a educadora considerou que nas últimas semanas tinha existido da minha parte uma progressão significativa depois de ter realizado o meu projeto dos “*Super-heróis da humanidade: contributos para a atualidade*”, tais como, a observação, a planificação e avaliação do planeamento e avaliação das atividades, na concretização com as crianças na supervisão e regulação do grupo e em alguns parâmetros na avaliação do portfólio.

Em relação à ficha de avaliação qualitativa a educadora cooperante foi muito direta e concisa, recordo-me de algumas partes, como por exemplo, *procurava sempre saber a opinião da educadora cooperante no desempenho das atividades que planificava e realizava com as crianças, demonstrava estar sempre disponível para o grupo, criei uma relação de proximidade com as crianças dos 5 anos, na hora do recreio procurava estar sempre disponível para brincar com o grupo, principalmente, aos jogos tradicionais, visto que, é um grupo que gosta muito dos realizar todos os dias, como é natural ainda tenho algumas fragilidades, ao início estava mais insegura e com algum receio de*

desenvolver a prática, ainda tenho alguma dificuldade em não demonstrar de uma forma evidente e muito clara ao grupo a minha insegurança, as crianças sentiam-me e de certa forma a relação de respeito demonstrava ter as suas falhas, ainda sentia que da minha parte havia dificuldade na gestão e na organização dos tempos presentes nas rotinas diárias e em ter uma visão periférica de todos os elementos do grupo (Excerto da Nota de Campo 145, 01 de fevereiro de 2024, Avaliação conjuntamente com a educadora cooperante e a supervisora institucional)

Considera que, seja importante realçar que na PPS I em contexto de creche e na PPS II em jardim de infância tive um bom aproveitamento, as propostas de atividades pedagógicas estavam relacionadas quer com a Metodologia de Trabalho de Projeto e o Movimento da Escola Moderna, durante os meses que estive a estagiar a educadora desenvolveu dois projetos com o grupo de crianças dos 2 e 3 anos, nomeadamente, os dinossauros e as emoções e a outra educadora de infância que fez parte do meu segundo contexto de estágio conversava todos os dias comigo sobre os tópicos que queria trabalhar com as crianças durante os quatro meses, que estive no estágio, por exemplo, as vogais, as épocas festivas, o corpo humano, entre outros, a nota de campo que se segue demonstra um excerto de uma das nossas conversas acerca do que mencionei anteriormente;

Depois, a educadora cooperante colocou-me a par da sua planificação e dos tópicos que pretendia desenvolver até ao mês de janeiro por exemplo, as vogais, o *Dia da Alimentação*, da *Erradicação da Pobreza*, o *Halloween*, o *São Martinho*, entre outros. Também conversou comigo que gostava de ver uma *Ana* mais *proativa*, que fizesse as tarefas sem medos e que experimentasse (Nota de Campo 9, 10 de outubro de 2023, excerto de uma Conversa com a Educadora Cooperante).

De acordo com a *Associação Child Development Associate Consortium* (citada por Sarmiento, 2009), o/a educador/a de infância, para que desempenhe bem a sua função enquanto docente, deve ter em conta um conjunto de aspetos que

passam por criar uma relação saudável e positiva com as crianças e suas famílias, respondendo sempre às suas necessidades e tendo sempre em conta o desenvolvimento holístico de cada uma, tentando proporcionar-lhes diversas experiências de aprendizagens. Uma das intenções que tive presentes nos meus dois estágios e que terei em consideração a nível profissional e pessoal é que cada criança é um ser único, com as suas próprias vontades, interesses, necessidades e o papel do/a educador/a é conseguir adaptar a sua prática a cada uma delas, promovendo a inclusão das mesmas no grupo. Deste modo, utilizei várias estratégias como criar uma relação de empatia, demonstrando-me sempre disponível para as mesmas, o que fez com que, ao longo do tempo me vissem como uma figura de referência, de forma a transmitir segurança, conforto, apoio ou apenas para uma simples brincadeira.

Diálogo com a Ma. e o S.

S.: *Ana, toma café com veneno* (pau).

Ana: *Não quero, obrigada.*

S.: *Ana, toma café.*

Ana: *Ah, ah, obrigada.*

S.: *Enganei-te, tinha veneno.*

Ana: *Areg, areg, areg*

Ma.: *Toma um chá, um leite quente, um chocolate quente, smarties, mais smarties.*

Ana: *Ma. não quero tantos smarties; vai-me ficar a doer a barriga. Obrigada.*

Passado algum tempo, o S. conversa novamente comigo dizendo-me *queres brincar comigo?* respondo-lhe *sim S.*

(finge que no chão do recreio está fogo)

S.: Ana, estás a pisar fogo!

Ana: *Aí, sério S: estou-me a queimar toda vou chamar os bombeiros.* (corro até junto do La. (4 anos) e digo-lhe: *tenho uma missão para ti;* responde-me: *Agora não posso,* o B. (4 anos) pergunta-me *o que se passa posso ajudar?* digo-lhe *está ali fogo B. ao pé do S:* Corre rapidamente e começa a puxar a sua mangueira imaginária e consegue apagar o fogo (Nota de Campo 46, 06 de novembro de 2023, Jogo Simbólico)

Do meu ponto de vista, a PPS II foi um desafio com algumas “rosas e espinhos pelo meio”, como acontece em todos os objetivos das nossas vidas, mas tenho plena noção de que ainda tenho de continuar a traçar o meu rumo até ao sucesso. Neste momento, para mim, as palavras não chegam para agradecer tudo o que vivenciei com o grupo de crianças e, principalmente, com a equipa educativa de sala.

A PPS II “encheu-me” o coração; o meu trabalho e esforço pessoal foram tidos em conta de dia para dia, como escrevo num excerto do poema que redigi no início do presente relatório: “Mulher fraca não me parece que seja, desistir não é para mim, alcançar este meu sonho custou-me muitas lágrimas derramei, muito refilona, maldisposta, sem paciência estive durante alguns meses. No entanto, apesar de saber que não são as atitudes mais corretas, sei que parte de mim acredita que tem as ferramentas certas para alcançar um dos seus maiores sonhos de vida-Ser Educadora de Infância” (fonte própria, 2024).

Como futura educadora de infância, ainda tenho tanto que refletir e para aprender, visto que vou ser o modelo de referência de tantas crianças e serei o apoio, o “ombro amigo”, a conselheira das famílias. Sinto que esta profissão não é fácil, tenho noção do trabalho e do esforço que preciso de realizar, mas sou uma lutadora e tenho muito apoio da minha família e também das equipas educativas e dos docentes da ESELx que me ensinaram a percorrer este meu caminho; foram os meus pilares e o *porto de abrigo*.

Acredito que este ano foi o meu ano académico, tive a sorte de conhecer educadoras, professoras, auxiliares, técnicos das atividades extracurriculares e

colegas de curso que me demonstraram que esta profissão é muito trabalhosa sim, mas tem uma magia *inexplicável* e que o trabalho feito com as crianças é sempre recompensado e agradecido pelas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

| ' ' | | ' ' |

Antes de mais, é essencial ter em consideração que a educação é uma ciência que procura que os investigadores tirem partido das suas experiências pessoais sem nunca fazerem juízos de valor durante o seu processo, devendo antes ser capazes de refletir sobre aquilo que consideram ser fulcral na prática educativa e, posteriormente, de identificar uma problemática que se enquadre nos principais interesses e curiosidades de um grupo de crianças (Alves & Azevedo, 2010).

Neste relatório da PPS II optei por investigar, a partir de um estudo de caso, **“Os Jogos Tradicionais Portugueses em Contexto de Jardim de Infância: contributos para o desenvolvimento holístico das crianças”**, com o recurso a entrevistas semiestruturadas às educadoras da valência do pré-escolar, aos auxiliares de ação educativas e aos técnicos/as das atividades extracurriculares e, também, à minha observação participante e não participante em contexto de estágio.

Com este estudo, pude concluir que a organização socioeducativa onde me inseri no âmbito da PPS II valoriza de forma significativa o brincar no espaço exterior para que as crianças brinquem ao ar livre, o que contribui para o progressivo desenvolvimento e aprendizagem das crianças, bem como para a evolução das capacidades motoras, grossas, manipulativas e a estabilidade física, para além de promover a liberdade de expressão e os movimentos a partir das diferentes áreas do currículo presentes na educação de infância.

Acredito que o brincar ao ar livre a partir dos jogos tradicionais portugueses contribui para que as crianças, mais tarde, recordem e **não** transmitam aos seus filhos uma prática que, acredito ainda estar enraizada na sociedade - o espaço exterior é *perigoso, inseguro* e a sujidade atormenta as crianças.

Ao realizar este estudo, considero que aprendi a dar uma maior importância à leitura à cerca deste tema, concretamente, aos jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância: contributos para o desenvolvimento holístico das crianças, a refletir profundamente com base nas minhas observações diárias, nas conversas informais e formais com a equipa educativa, bem como, as notas de campo e as reflexões semanais em contexto de estágio, porque apesar de acreditar que tanto o brincar como o jogo são dois conceitos fundamentais que fazem parte

da infância, como também considerei importante refletir acerca do ponto de vista da equipa educativa de jardim de infância e com base em autores-chave que selecionei para a revisão da literatura, na elaboração das entrevistas semiestruturadas, no roteiro metodológico e ético e na análise e na discussão dos resultados, conclui que refleti sobre os dois principais objetivos da investigação, bem como refleti acerca do que sobre o brincar e o jogo devem estar presentes na vida das crianças, de modo a que as crianças tenham liberdade e um frequente contacto com a Natureza que é benéfico e não é prejudicial para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

No entanto, ao vivenciar esta realidade de estágio senti que de dia para dia estava a aprender e a enriquecer as minhas próprias aprendizagens, pouco a pouco estava a construir a minha profissionalidade como futura educadora do contexto educativo, é muito gratificante ter a honra de trabalhar com uma educadora e uma auxiliar de sala, em que sempre tive à vontade para poder dar lugar à minha imaginação e criatividade, como também refletir sobre a planificação e as propostas de atividades que teriam de estar enquadradas com a faixa etária dos 5 anos de idade do grupo e com as áreas de conteúdo presentes nas *OCEPE* e criei relações de proximidade e de carinho com o grupo que todos os dias as crianças me enchiam o coração com pequenos gestos de carinho.

Penso ser importante referir que numa investigação as crianças são vistas como atores sociais e como objetos, sendo que na maior parte das vezes é a partir de certas perspetivas teóricas e fundamentadas, que as crianças adquirem os seus conhecimentos, que posteriormente devem ser refletidos baseando-se numa teoria elaborada previamente para o efeito, mas nos dias de hoje as crianças ainda não são vistas como atores sociais, pois ainda existem alguns lacunas na infância que necessitam de ser desmistificadas no sentido de se conseguir ver a criança e a sua infância a partir de um caminho que aos poucos vai ser percorrido com a educação (Tomás, 2007).

REFERÊNCIAS

| " | | " |

- Aires, A.L. (2010). (Re) Descobrir os recreios – novos olhares sobre as crianças. *Cadernos de Educação de Infância*, (90), 41.
- Almeida, A., Pereira, C., Pereira, S., Pires, C., Rodrigues, M. & Tomás, C. (2015). A importância do brincar na educação de infância. In R. Coelho & B. Tadeu (Eds.), *Actas do II Encontro de Mestrados em Educação da Escola Superior de Educação de Lisboa* (pp. 106-114). CIED- Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Almeida, T. (2018). O governo da infância: o brincar como técnica de si. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. (70). 152- 166.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Universidade de Coimbra.
- Alves, M.G. & Azevedo, N.R. (2010). *Investigar em Educação Desafios da Construção de Conhecimento e da Formação de investigadores num campo multi-referenciado*. Universidade Nova de Lisboa.
- APEI (2011). *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*. Consultado a 12 de fevereiro de 2024, em <http://apei.pt/associacao/carta-etica.pdf>
- Araújo, S., Oliveira-Formosinho, J. (Orgs.), Bettencourt, M., Fochi, P.S., Folque, M.A., Lino, D., Machado, I., Santos, M.L. & Sousa, J. (2018). *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche*. Porto Editora.
- Alexander, V.D, Cronin, A., Dickinson, M., Ellis, J.M., Fielding, J., Sleney, J. & Thomas, H. (2006). Triangulation and Integration : Proceses, Claims and Implications. *Qualitative Research*, 1, (6), 1-25.
- Araújo, L.S. & Nobre, J.F.F. (2021). Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil. *Revista Humanidades e Inovação*, 8 (34), 156-165.
- Azevedo, O., (2015) O recreio no Jardim de Infância: espaço e tempo para construção de culturas da Infância, *Da Investigação às práticas*, 6 (1), 132-156.
- Badicu, G., Ceylan, H.I., Clemente, F.M., Lagoa, M.J., Lima, R., Luz, C., Nobari, H., Silva, A.F. (2022). "Reliability levels of motor competence in youth

- athletes". *BMC Pediatrics* 22 1. Consultado a 10 de abril de 2024, em <http://dx.doi.org/10.1186/s12887-022-03483-z>.
- Barbeito, R.A. (2019). *“Vamos Jogar?” Potencialidades do Jogo na Educação Pré-Escolar*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Lisboa Escola Superior de Educação] Repositório Científico Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação, Consultado a 25 de março de 2024, em [PPS_RitAigualuza.pdf](#)
- Brazelton, T.B. & Greenspan, S.I. (2006). *A Criança e o seu Mundo: Requisitos Essenciais para o Crescimento e Aprendizagem*. Editorial Presença.
- Bhering, E., & Siraj-Blatchford, I. (1999). A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração. *Cadernos de pesquisa*, (106), 191-216.
- Bodgan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.
- Cardona, M.J. (1992). A organização do espaço e do tempo na sala de Jardim-de Infância. *Cadernos de Educação de Infância*. (24). 136- 143.
- Carvalho, L., Reis, A., Fernandes, E., Morais, I., Campos, J., & Cruz, L. (2000). *A parceria entre a escola, a família e a comunidade: Estratégias de envolvimento parental*. Lisboa: Departamento de Avaliação Prospetiva e Planeamento do Ministério da Educação.
- Carvalho, C.M. & Portugal, G. (2017). *Avaliação em Creche: Crechendo com qualidade*. Porto Editora.
- Carvalho, E. & Vilarinho, E. (2017). Centros de estudo e formação de professores e de outros agentes educativos. *Revista de Estudios e Investigacion en Psicologia e Educacion Extr.* (6). 1-6.
- Cocito, R.V. (2016). A Natureza como Espaço Educacional: Oportunidades para a Infância. *Colloquium Humanarum*, 13, (Especial), 94-100.
- Coimbra, A.P.M.P. (2007), *O papel dos jogos tradicionais como atividade lúdica e educacional* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto] Repositório Científico Universidade do Porto, Faculdade de Desporto. Consultado a 09 de abril de 2024, em [Microsoft Word - Monografia 28-11-2007 Finalissima.doc \(up.pt\)](#)

- Cordovil, R., Lopes, V.P., Luz, C., Pombo, A. & Rodrigues, L.P. (2022) "Motor Competence Assessment (MCA) Scoring Method". *Children* Consultado a 10 de abril de 2024, em <https://www.mdpi.com/2227-9067/9/11/1769>
- Cruz, A.O., Oliveira, K. & Neto, I.P.F. (2023). A Importância do Brincar e dos Jogos na Aprendizagem das Crianças da Educação Infantil. *Revista Foco*, 16 (10), 1-17.
- Dias, G. & Mendes, R. (2012). As potencialidades do jogo no desenvolvimento da criança. *EFDeportes.com*, 17 (173), 1.
- Dias, D. (2012). *O educuidar na Creche e Jardim-de-Infância* [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal Escola Superior de Educação] Repositório Científico Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação, Consultado a 14 de fevereiro de 2024, em [Projecto educuidar Daniela Dias.pdf \(rcaap.pt\)](#)
- Ferreira, D. (2010). O direito a brincar. *Cadernos de Educação de Infância*. (90). 12-13.
- Ferreira, S.P.A. (2017). *As Repercussões da Participação do Adulto no Brincar de Crianças com Desenvolvimento Típico e Atípico* [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Lisboa Escola Superior de Educação] Repositório Científico Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação, Consultado a 13 de março de 2024, em [Dissertação de Mestrado em Educação Especial Sílvia Ferreira 2017070 VF.pdf](#)
- Figueiredo, A. (2010). Espaços do brincar em contextos de infância. *Cadernos de Educação de Infância*. (90). 35-37.
- Forneiro, L. I. (1998). Capítulo 11: A organização dos espaços na educação infantil. In M. Zabalza. *Qualidade em educação infantil* (pp. 229 - 281). Artmed Editora.
- Fossá, M.I.T & Silva, A.H. (2013). *Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para a Análise de Dados Qualitativos*, 1-14.
- Gomes, B. (2010). A importância do brincar no desenvolvimento da criança. *Cadernos da Educação de Infância*. (90). 45-46.

- Hohmann, M. & Post, J. (2003). *Educação de Bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lino, D., Hortas, M.J., Nunes, C., Rocha, C., Sá, K., Vieira, N. & Fuertes, M. (2020). PlayTrain- O brincar e o jogo na formação e prática dos educadores de infância. *Contextos d'aprenentatge i educadió*. 19, 867-873.
- Lopes, A., Lopes, H., Mendes, J. & Vieira, M. (2015). *Jogos Tradicionais e Populares- Dinâmica de Gerações*. Seminário Desportivo e Ciência.
- Oliveira-Formosinho, J. (Orgs.), Formosinho, J., Lino, D. & Niza, S. (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Construindo uma práxis de participação*. Porto Editora.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *Eduser: Inovação, Investigação em Educação*, 2 (2), 49-65.
- Ministério da Educação (ed.). (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação.
- Neto, C. (1999). *A Educação Motora e as "Culturas de Infância": a Importância da Educação Física e Desporto no Contexto Escolar*. Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
- Neto, C. (2001). *A Criança e o Jogo: Perspetivas de Investigação*. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças- A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.
- Nova, J.B.P.V. (2009). *Os jogos tradicionais na construção dos mundos sociais da infância* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro] Repositório Institucional da Universidade de Aveiro, Consultado a 28 de fevereiro de 2024, em [2009001348.pdf \(ua.pt\)](#)
- Palma, M. S. (2008). *O Desenvolvimento de Habilidades Motoras e o Engajamento de Crianças Pré-Escolares em diferentes contextos de jogo* [Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho] Repositório

- Científico Universidade do Minho. Consultado a 14 de fevereiro de 2024, em [Microsoft Word - Tese Miriam Palma.doc \(uminho.pt\)](#)
- Pereira, P. (2006). *Brincar com Tradição- Jogos Tradicionais para crianças*. Município de São Brás de Alportel.
- Portugal, G. (2000). Educação de Bebés em Creche - Perspetivas de Formação Teóricas e Práticas. *Infância e Educação. Investigação e Práticas / Revista do GEDEI, 1*, 85-106.
- Portugal, G. (2008). Desenvolvimento e Aprendizagem na Infância. In CNE (Ed.) RELATÓRIO DO ESTUDO. *A Educação das crianças dos 0 aos 12 anos*, pp. 33-67. CNE.
- Portugal, G. (2012). Finalidades Educativas em Creche das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo. Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS).
- Portugal, G. (2017). O Currículo em creche- Que cidadão do século XXI, aos 3 anos de idade. *Humanidades & Inovação, 4* (1), 56-65.
- Ramos, L. & Simões, V. (2016). *100 Jogos para uma Escola Ativa – Brincar a Jogar para Exercitar!* Escola Superior Desporto de Rio Maior- Instituto Politécnico de Santarém.
- Ribeiro, J. M.N.A. (2011). *Os jogos tradicionais e os valores associados à memória e à cultura local- A complementaridade da embalagem face ao produto*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Artes e Design] Repositório Científico do Instituto de Politécnico de Leiria. Consultado a 13 de fevereiro de 2024, em [JoanaRibeiro-Projecto.pdf](#)
- Rocha, M.L. (2017) O brincar na infância é um assunto sério.... In F.I. Ferreira, R. Madeira, T., Sarmiento, (Orgs.), N. Abrantes, S. Azevedo, L. Gomes, M.R., Migueis, M.L., Rocha, A.N., Silva, A.N. & M. Silva, M. *Brincar e Aprender na Infância*. (pp.57-76). Porto Editora.
- Sá, M.N. (2012). *Brincar “é uma coisa linda” : a voz das crianças em idade pré-escolar*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação] Repositório Científico do Instituto de Politécnico de Viana do Castelo. Consultado a 14 de março de 2024, em [Marlene_Sa.pdf \(ipvc.pt\)](#)

- Sarmiento, T. (2009). As identidades profissionais em educação de infância. *Locus Soci@1*, 2, 46-64.
- Sarmiento, T. & Silva, M.L. (2017) O brincar no tempo livre da criança. In F.I. Ferreira, R. Madeira, T., Sarmiento, (Orgs.), N. Abrantes, S. Azevedo, L. Gomes, M.R., Migueis, M.L., Rocha, A.N., Silva, A.N. & M. Silva, M. *Brincar e Aprender na Infância*. (pp.38-56). Porto Editora.
- Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação, Direção Geral da Educação (DGE). Consultado a 13 de fevereiro de 2024, em https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf
- Silva, J., & Martins, E. (2002). Envolvimento Parental na Escola: Relato de uma experiência. *Aprender*, 26, 79-88.
- Silva, A.N. (2017). Brincar e aprender. Aprender a brincar. In F.I. Ferreira, R. Madeira, T., Sarmiento, (Orgs.), N. Abrantes, S. Azevedo, L. Gomes, M.R., Migueis, M.L., Rocha, A.N., Silva, A.N. & M. Silva, M. *Brincar e Aprender na Infância*. (pp.11-37). Porto Editora.
- Simões, A. (2021). Ócio, jogo e brincadeira: que potencialidades? Que desafios? In C. Margarido, J.C. Marques, P. Silva, A.M. Vieira & R. Vieira (Orgs.). *Livro de Atas VIII Conferência Internacional de Mediação Intercultural e Intervenção Social Ócio, Jogo e Brincadeira: Aprendizagens e Mediação Intercultural*, pp. 61-69.
- Sintra, A.C.P. (2018). *A participação ativa da criança no processo de ensino-aprendizagem* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação Jean Piaget] Repositório Científico do Instituto de Piaget. Consultado a 13 de fevereiro de 2024, em [Ana Catarina Sintra - ESE.pdf \(rcaap.pt\)](#)
- Tomás, C. (2007). “Participação não tem idade” Participação das Crianças e Cidadania da Infância. *Contexto & Educação*. 22 (78). 45-68
- Tomás, C. (2011). «*Há muitos mundos no mundo*» - *Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Edições Afrontamento.

- Tomás, C. (2017). Para além de uma visão dominante sobre as crianças pequenas: Gramáticas Críticas na Educação de Infância. *Humanidades & Inovação*. 4 (1). 13-20
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Afrontamento.
- Zabalza, A. (1992) *Didática da educação infantil: Organização dos espaços*. Edições Asa.
- Zenhas, A. (2010). Porquês” e “comos” de uma relação família-escola. *Revista Ozarfaxinars*, 18, 1-9.

Legislação consultada

- Documento facultado pela Educadora Cooperante - Caracterização do Grupo da Sala Azul (outubro 2023).
- Documentos facultados pela Organização Socioeducativa.
- Lei nº 58/ 2019, de 08 de agosto. *Diário da República*, 1.^a série — N.º 151.
- Projeto Educativo (2023-2026).

ANEXOS

| ' ' | | ' ' |

ANEXO A. PORTFÓLIO DA PPS
II (CF. ANEXOS AO
RELATÓRIO)

| ' ' | | ' ' |

ANEXO B. CONSENTIMENTO
INFORMADO PARA A
ELABORAÇÃO DO PORTFÓLIO
DA CRIANÇA À FAMÍLIA DO
V.C.

| ' ' | | ' ' |

Protocolo de consentimento informado para a elaboração do Portefólio da Criança

Eu, Ana Lúcia Alves Pereira estudante/estagiária da *Escola Superior de Educação de Lisboa*, encontro-me no presente ano letivo 2023/2024, a frequentar o 2.º ano do *Mestrado em Educação Pré-Escolar*.

Venho por este meio solicitar que me seja autorizada a elaboração de um Portefólio de desenvolvimento e aprendizagem com o seu educando V. C., de forma a poder ser integrado no meu *Relatório da Prática Profissional Supervisionada II*. O documento tem como principal objetivo registar as interações da criança com outras crianças, com materiais e com um adulto da sala de atividades. Poderá também conter alguns registos fotográficos e algumas produções da criança (desenhos, pinturas...). O relatório será lido apenas pela minha professora-supervisora da *Escola Superior de Educação de Lisboa* e pela educadora C.M. Será garantida a ocultação de dados da criança e não será exibida a sua face.

Solicito, assim, que assine o presente protocolo de consentimento como forma de declarar a sua **autorização/não autorização**. Muito obrigada.

A estagiária

Autorizo

Não autorizo

O/A Encarregado/a de Educação

Assinatura

..., 16 de novembro de 2023

ANEXO C. PORTFÓLIO DA
CRIANÇA (CF. ANEXO AO
RELATÓRIO)

| ' ' | | ' ' |

ANEXO D. CARTA DE
APRESENTAÇÃO ÀS
FAMÍLIAS

| ' ' | | ' ' |

Olá, famílias!

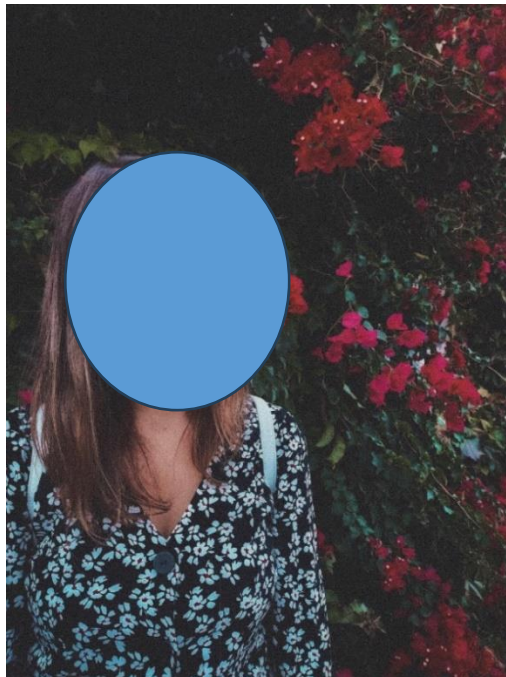
O meu nome é Ana Pereira, sou estudante do Mestrado de Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação de Lisboa.

No período de dia 02 de outubro de 2023 a 31 de janeiro de 2024 vou realizar a Prática Profissional Supervisionada, Módulo II (estágio) na Sala Azul dos 5 anos. No estágio, pretendo realizar atividades pedagógicas que sejam benéficas para o progressivo desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Com este estágio, tenciono aprender com toda a equipa educativa do pré-escolar, para aos poucos refletir sobre a educadora de infância que idealizo ser futuramente. No entanto, também pretendo criar um forte relacionamento afetivo com as crianças, bem como proporcionar momentos às crianças que contribuam de forma significativa e positiva para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Agradeço o voto de confiança que me proporcionaram.

Ana Pereira



ANEXO E. FOTOGRAFIAS
DA SALA AZUL

| | ' ' | | ' ' |

Figura 1

Área dos cabides, dos cofres e dossiês das crianças



Figura 2

Área dos jogos de tabuleiro, dos jogos de encaixe, livros da educadora, Placard com os efeitos de Natal e a “casinha”



Figura 3

Área do tapete e placard com o calendário e os desenhos das crianças dos azulejos



Figura 4

Calendário do grupo durante o ano letivo com os eventos e as atividades letivas da semana



Figura 5

Área da leitura



Figura 6

Área da Leitura, Janela, Placard, Mesa, Jogos de Aprendizagem e Armário das Extracurriculares



Figura 7

*Área da mesa, Cantinho “Sem Stress...”,
Janela, Placard com as simetrias, Puzzles e
Jogos de Tapete*



Figura 8

*Área das mesas, Cantinho “Sem Stress...”,
Janelas, Placard, Jogos de Aprendizagem, Armário
das Extracurriculares e Área da Leitura*



Figura 9

Jogos de Tapete, Puzzles, Porta para a sala vermelha, Armário Materiais de escrita, Placard e Armário da Equipa Educativa de Sala



ANEXO F. GUIÃO DA
ENTREVISTA ÀS
EDUCADORAS DO
JARDIM DE INFÂNCIA

| ' ' | ' ' |

Guião de Entrevista

Destinatárias: Educadoras de Infância da Sala Azul, Amarela e Vermelha (PPS II)

Objetivos:

- Caracterizar as conceções das educadoras sobre (i) a criança e o lugar da mesma no jardim de infância e (ii) as famílias e as suas formas de participação.
- Conhecer os modelos e as abordagens pedagógicas que sustentam o desenvolvimento do currículo no jardim de infância.
- Compreender de que forma os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância: contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none">• Legitimar a entrevista;• Motivar o entrevistado.	<ul style="list-style-type: none">- Esta entrevista tem como objetivo obter informação para a realização do capítulo “caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” para o relatório da PPS II.- O seu carácter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.- Pedir autorização para gravar áudio;- Informar da devolução das transcrições	
B. Definição do perfil do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer o percurso profissional das educadoras	<p>B1. Qual a sua formação nesta área profissional?</p> <p>B2. Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?</p>	

	cooperantes da sala azul, amarela e vermelha	<p>B3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são?</p> <p>B4. Fale-me do seu percurso profissional.</p> <p>B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.</p> <p>B6. Já trabalhou com crianças de outras faixas etárias?</p> <p>B7. Já frequentou alguns cursos/ações de formação?</p>	
<p>C. Perspetivas sobre a educação de infância e contextos educativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Importância da educação dos 3 aos 6 anos; • Importância socioeducativa do jardim de infância 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o grau de importância que a educadora atribui ao jardim de infância • Identificar o papel do jardim de infância na sociedade portuguesa e para as crianças dos 3 aos 6 anos 	<p>C1. Fale-me da sua perspetiva sobre a educação dos 3 aos 6 anos no panorama educativo nacional, por favor.</p> <p>C2. O que significa, para si, a educação dos 3 aos 6 anos?</p> <p>C3. Qual a importância do jardim de infância para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?</p> <p>C4. O que significa ser educadora de infância?</p>	<p>- Pensa que o jardim de infância deveria estar incluído no sistema educativo português, de uma outra forma? Porquê?</p>

<p>D. Trabalho em equipa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relações e interações entre atores; • Conhecer o conceito de equipa em contexto de jardim de infância; • Compreender como é realizado o trabalho em equipa. 	<p>D1. Como são as relações e interações entre agentes educativos?</p> <p>D2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância?</p> <p>D3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância? E no trabalho em equipa dentro da sala de atividades?</p> <p>D4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?</p>	<p>- Existe trabalho colaborativo? Como é a comunicação?</p> <p>- O trabalho em equipa é uma mais-valia? Para quê? Para quem?</p>
<p>E. Relação com as Famílias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a participação das famílias das crianças no jardim de infância; • Conhecer as estratégias utilizadas pela educadora, de modo a promover o contacto com as famílias e entre famílias 	<p>E1. Como caracteriza a relação com as famílias do grupo de crianças?</p> <p>E2. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização?</p>	<p>- Compreender o tipo de participação</p> <p>- Compreender se as famílias têm possibilidade (tempo, espaços e mecanismos) para participarem na vida educativa das crianças</p>

		E3. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças no jardim de infância?	
F. Conceção e lugar da(s) criança(s) no jardim de infância	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar concepções de criança e infância • Compreender e situar o(s) lugar(es) das crianças no jardim de infância 	<p>F1. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente?</p> <p>F2. Na sua opinião, que lugar ocupa a criança no jardim de infância?</p> <p>F3. Que diferenças e semelhanças é que observa nos grupos das diferentes salas de jardim de infância?</p>	
G. Abordagem Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os princípios pedagógicos seguidos pela organização socioeducativa. • Identificar o modelo pedagógico implementado pela organização socioeducativa. 	<p>G1. Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam a sua prática?</p> <p>G2. Adota algum modelo pedagógico para organizar a prática? Se sim, Qual? Como o implementa?</p>	<p>-Perceber se a escolha do modelo pedagógico é da responsabilidade da educadora ou se é uma decisão institucional ou individual.</p> <p>- Identificar se o modelo pedagógico é implementado</p>

			<p>de forma integral ou se é implementado parcialmente.</p> <p>- Perceber qual a formação da educadora no modelo pedagógico que adota.</p>
<p>H. Os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância: contributos para o desenvolvimento holístico das crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o ponto de vista dos adultos de referência sobre os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância: contributos para o desenvolvimento holístico das crianças • Entender a evolução e a forma como a educadora se envolve nos jogos tradicionais portugueses com o seu grupo de crianças 	<p>H1. Que jogos tradicionais portugueses observa no grupo da sua sala de atividades?</p> <p>H2. Que jogos tradicionais portugueses contribuíram para o seu desenvolvimento holístico na sua infância?</p> <p>H3. Na sua opinião, porque é que os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças?</p> <p>H4. Considera que ao longo dos tempos (passado, presente e futuro) os jogos tradicionais portugueses tem evoluído?</p>	<p>- Perceber a importância dos jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância, bem como os seus contributos para o desenvolvimento holístico das crianças</p> <p>- Refletir sobre os jogos tradicionais portugueses que contribuíram para o desenvolvimento holístico da educadora cooperante na sua própria infância</p>

		H5. Tendo em conta, o seu papel de educadora de infância, considera que é importante para as crianças envolver-se nos jogos tradicionais portugueses?	-Perceber o ponto de vista das educadoras cooperantes sobre os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância
Conclusão da entrevista	• Finalizar a entrevista	- De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? - Obrigada pela sua disponibilidade	- Confirmar se existe algo mais a acrescentar - Agradecer a disponibilidade

ANEXO G. TRANSCRIÇÕES DA
ENTREVISTA À EDUCADORA
COOPERANTE C.M.

| | " | | " |

B1. Qual a sua formação nesta área profissional?

Curso de educadora de infância da escola *Maria Ulrich*

B2. Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?

Trinta e oito anos

B3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são?

Quando terminei o curso não tive dificuldade em começar a trabalhar, fiquei a trabalhar onde tinha realizado o estágio final. Em relação às dificuldades que senti foi a insegurança em relação à prática que estava a desenvolver com o grupo, questionando muitas vezes se seria a abordagem mais correta, e em relação às reuniões de pais que na altura me causavam muita ansiedade, com o passar do tempo e com os resultados obtidos fui adquirindo segurança.

Penso que atualmente a maior dificuldade será encontrar um “lugar” de trabalho que corresponda às expectativas das futuras educadoras e enquadrarem-se nesses espaços, depois depende muito da capacidade de cada um saber gerir as relações de trabalho.

B4. Fale-me do seu percurso profissional.

Vinte e oito anos como educadora pré-escolar e coordenadora pedagógica numa instituição particular

Um ano de baixa por doença

Cinco anos como educadora e coordenadora de pré-escolar em regime de ATL, afeto a uma associação de pais de escola oficial

Dois anos como técnica de atividades de tempos livres a funcionar também numa escola oficial, dando apoio a crianças do pré-escolar ao 1º ciclo

Um ano como educadora em sala de creche

Um ano como educadora em sala de pré-escolar – 5 anos

B5. Fale-me do seu percurso nesta organização

Entrei na [...] para substituir uma educadora de baixa prolongada na creche e estive um ano letivo com o grupo de 2/3 anos.

Presentemente estou a substituir educadora de baixa de parto e estou com o grupo de 5 anos

B6. Já trabalhou com crianças de outras faixas etárias?

Desde creche, pré-escolar e apoio ao 1º ciclo em regime de ATL

B7. Já frequentou alguns cursos/ações de formação?

Frequento todas as formações que os locais de trabalho proporcionam e voluntariamente fiz primeiros socorros e matemática no pré-escolar

C1. Fale-me da sua perspetiva sobre a educação dos 3 aos 6 anos no panorama educativo nacional, por favor.

Melhorar a qualidade dos serviços prestados à criança, tendo em conta que tanto a creche como o pré-escolar são as bases para o desenvolvimento global da criança, proporcionar uma infância de qualidade pode garantir a sustentabilidade do país, mas há um longo

caminho a percorrer.... E principalmente neste momento há muitas falhas, docentes insatisfeitos, falta de condições e apoios específicos, tudo é complicado, nada funciona corretamente...vai ser complicado arrumar a casa!

C2. O que significa, para si, a educação dos 3 aos 6anos?

Tanto os anos de creche como os de pré-escolar são as bases para a formação de cidadãos responsáveis, empáticos, colaborativos. É um trabalho em conjunto famílias e escola

C3. Qual a importância do jardim de infância para a(s)criança(s)? E para as famílias(s)?

É no jardim de infância que se criam as primeiras relações entre pares que os prepara para a vida em sociedade. Para as famílias para além do suporte afetivo que podemos dar aos filhos e aos pais é uma resposta social de apoio logístico as famílias.

C4. O que significa ser educadora de infância?

Um sonho de infância, onde me sinto útil e feliz.

Aprendizagem e renovação constantes...para acompanhar a evolução dos tempos

D1. Como são as relações e interações entre agentes educativos?

Penso que referes a família/ escola/criança e essa relação deve ser de segurança e confiança porque se não existirem estes dois fatores não é possível realizar um apoio pleno a criança

D2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância?

Atenta a todas as manifestações de cada criança com uma constante preocupação em apoiar as famílias e respetivas crianças.

D3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância? E no trabalho em equipa dentro da sala de atividades?

Essencial e primordial. Não é possível bom ambiente e proporcionar bem-estar as crianças se a equipa não remar toda no mesmo sentido e não houver harmonia e boa disposição.

D4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?

Sim, cada sala tem autonomia pedagógica de funcionamento, mas existem dias comemorativos, épocas festivas e diversos eventos que preparamos em conjunto e articulamos o trabalho no contexto do pré-escolar.

- Existe trabalho colaborativo? Como é a comunicação?

A minha perspetiva de colaboração e comunicação entre a equipa é ter a capacidade de me adaptar, ouvir diferentes opiniões, fazer sugestões e encontrar um ponto de equilíbrio... e é assim que tem acontecido aqui na [...]

- O trabalho em equipa é uma mais-valia? Para quê? Para quem?

Claro que sim, para todos os intervenientes, todos os dias aprendemos com os outros...pelo menos é assim que eu sinto.

E1. Como caracteriza a relação com as famílias do grupo de crianças?

Boa, de confiança e reconhecimento do trabalho que faço

E2. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização?

A escola é uma cooperativa gerida pelos próprios pais, por isso todas as decisões importantes passam por eles. Existe também os representantes dos pais de cada turma que colocam as suas questões e dúvidas aos representantes da associação de pais que depois fazem chegar as informações as respetivas professoras, educadoras e coordenação pedagógica para tomada de atitudes.

A nível de sala contato semanalmente por email com as famílias informando todos os acontecimentos da semana e estou sempre disponível para qualquer solicitação.

Por vezes os pais são também solicitados para ações junto do grupo e para pequenos trabalhos a realizar em casa.

E3. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças no jardim de infância?

Sempre que solicitadas tanto pelos pais como pela educadora a nível individual.

A nível geral existe a reunião de apresentação inicial, as reuniões individuais de adaptação para os alunos que integraram de novo o grupo, e no final do segundo período para preparar o seguimento para o 1º ciclo, e as reuniões individuais no final do ano, mas cada grupo de pré tem a sua calendarização de reuniões tendo em conta a faixa etária e necessidades de cada grupo.

F1. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente?

Dinâmico, interessado, a aprender a partilhar, aceitar regras e respeitar os outros.

F2. Na sua opinião, que lugar ocupa a criança no jardim de infância?

O principal lugar, toda a nossa atuação tem por objetivo promover a segurança, bem-estar e desenvolvimento da criança

F3. Que diferenças e semelhanças é que observa nos grupos das diferentes salas de jardim de infância?

Todos os grupos são diferentes, cada criança é um ser único e especial e influencia o grupo em que está inserido, por isso todos os grupos têm dinâmicas diferentes e aprendemos sempre mais um bocadinho

G1. Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam a sua prática?

Observar, uma procura constante de respostas, estimular a curiosidade criando situações para aprender a aprender, ter em conta as características de cada criança e criar oportunidades que permita a cada um desenvolver todas as suas potencialidades, considerar as opiniões das famílias e das crianças, adotar praticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características de cada um.

G2. Adota algum modelo pedagógico para organizar a prática? Se sim, Qual? Como o implementa?

Não sigo um modelo pedagógico específico, utilizo estratégias pedagógicas com a finalidade de alcançar as competências que quero desenvolver no grupo

H1. Que jogos tradicionais portugueses observa no grupo da sua sala de atividades?

Jogo das cadeiras, escondidas, apanhada, lencinho, macaquinho chinês entre outros

H2. Que jogos tradicionais portugueses contribuíram para o seu desenvolvimento holístico na sua infância?

Lencinho, jogo do galo e da barra do lenço

H3. Na sua opinião, porque é que os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças?

Para além de serem divertidos e manter a tradição podemos sempre adaptá-los e trabalhar competências específicas ex: barra do lenço com pontos e associações matemáticas, jogo do galo com formas geométricas, etc.

H4. Considera que ao longo dos tempos (passado, presente e futuro) os jogos tradicionais portugueses tem evoluído?

Acho importante o jogo tradicional manter a sua essência, o que não impede de fazermos alterações e adaptações.

H5. Tendo em conta, o seu papel de educadora de infância, considera que é importante para as crianças envolver-se nos jogos tradicionais portugueses?

São uma mais-valia na prática pedagógica de qualquer educadora

-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

- Obrigada pela sua disponibilidade

ANEXO H. TRANSCRIÇÕES DA
ENTREVISTA À
COORDENADORA PEDAGÓGICA/
EDUCADORA T.C.

| ' ' | ' ' |

B1. Qual é a sua formação nesta área profissional?

Sou Educadora de Infância da Escola *Maria Ulrich*

B2. Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?

Há 30 anos

B3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são?

A principal dificuldade foi a capacidade de confiar nas minhas atitudes ou decisões, conseguir perceber e ter a certeza que realmente o que fazia era o correto e tinha um impacto positivo não só nas crianças como nas instituições onde trabalhei.

Hoje a minha maior dificuldade está em gerir o tempo. O facto de ter várias funções implica uma autogestão que nem sempre é conseguida.

B4. Fale-me do seu percurso profissional.

Comecei na [...] a trabalhar como auxiliar com 17 anos, saí em 1991 para fazer o curso de Educadora de Infância.

Quando acabei o curso, trabalhei numa escola na Praça do Chile e depois durante um ano trabalhei em Camarate.

Em 1998 voltei para a [...] como Educadora.

Estive 3 anos em creche e no terceiro ano acompanhei o grupo na transição para o pré-escolar.

Tenho permanecido no pré-escolar até hoje.

No ano transato, foi-me proposto, acumular a função de Coordenadora do Pré-escolar e da Creche.

Devido à saída repentina da Diretora Pedagógica no início do ano letivo, acabei por exercer também, funções de direção Pedagógica.

Neste momento sou Educadora da sala dos meninos dos 4 anos, Coordenadora da Creche e Pré-escolar e Diretora Pedagógica.

B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.

Respondido na anterior

B6. Já trabalhou com crianças de outras faixas etárias?

Sim, já trabalhei em ATL com crianças do 1º ciclo e já estive em creche com crianças dos 4 meses aos 3 anos.

B7. Já frequentou alguns cursos/ações de formação?

Já fiz muita coisa e tentei percorrer formações muito variadas.

Posso destacar as formações do “Vencer Autismo”, “Coaching Infantil”, “Proteção Civil” e “Existem Crianças Difíceis ou Adultos Difíceis?”

C1. Fale-me da sua perspetiva sobre a educação dos 3 aos 6 anos no panorama educativo nacional, por favor.

Neste momento as nossas crianças têm vivências muito diferenciadas das crianças no início da minha carreira.

São crianças mais despertas para o meio envolvente, com contacto a informações mais diferenciadas e com pais mais participativos e interessados no desenvolvimento dos seus filhos.

Podemos notar também, que existe um défice a nível do desenvolvimento motor em termos gerais. Os pais são cada vez mais inseguros e imaturos, promovendo uma super proteção aos filhos. Esta situação implica uma imaturidade visível e níveis de baixa autoconfiança e de autonomia.

C2. O que significa, para si, a educação dos 3 aos 6 anos?

Um mundo de possibilidades para crescer como pessoa e como educadora.

São as crianças que me permitem descobrir as verdadeiras questões que importam e como descobrir os meus objetivos e o caminho a seguir.

Esta faixa etária, é por natureza, o espelho de aventuras, descobertas, vivências e noção de mundo e valores humanos.

C3. Qual a importância do jardim de infância para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?

A escola permite que as crianças participem em atividades que são essências para o seu desenvolvimento. Enquanto brincam, estão a aprender e através da brincadeira descobrem o mundo e como se envolverem e participarem nele.

Para as famílias é um descanso perceberem que existe um lugar onde os seus filhos são felizes e crescem de forma harmoniosa.

C4. O que significa ser educadora de infância?

A possibilidade de crescer como ser humano depende da interação com o outro.

Todos os dias tenho a possibilidade de fazer parte da “construção” do nosso futuro – as nossas crianças.

É um prazer perceber que faço parte de um crescimento e do desenvolvimento de seres em crescimento.

Enquanto fizer a diferença e conseguir que a diferença aconteça, estou no caminho certo.

Ser educadora é permitir que todos os dias possamos descobrir novas maneiras de ver e viver o mundo que nos rodeia.

D1. Como são as relações e interações entre agentes educativos?

Cordiais, tranquilas com base numa relação de confiança e de sinceridade que levam a um verdadeiro trabalho de equipa.

D2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância?

Experiente, comunicativa, consciente do seu papel e muito ativa nas vivências de escola.

D3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância? E no trabalho em equipa dentro da sala de atividades?

O trabalho em equipa permite uma dinâmica facilitadora dentro e fora de sala. Onde existe a partilha de experiências e saberes, ou seja, todos ficamos mais ricos quando trabalhamos com e ao lado de alguém.

É com os outros que aprendemos quem somos, os nossos limites e as nossas fragilidades, tal como todos os nossos pontos positivos.

Ao trabalhar em equipa, permite-nos crescer com as suas experiências e características.

É na partilha que crescemos e nos tornamos melhores.

D4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?

Em dias temáticos, em festas, em vivências partilhadas e sempre que existem situações que são mais positivas quando vividas e experienciadas em grande grupo.

E1. Como caracteriza a relação com as famílias do grupo de crianças?

Participativa, atenta, disponível e de grande partilha.

E2. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização?

Participam em atividades previamente combinadas dentro da sala de aula, participam nas festas elaboradas pela instituição e em atividades como o dia da família, vivido em conjunto.

E3. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças no jardim de infância?

Não existe um número predefinido.

São realizadas reuniões com os pais sempre que a escola ou as famílias assim o entenderem.

No entanto, existem reuniões previamente agendadas em calendário: início do ano lectivo e individuais no meio do ano e no final do mesmo.

F1. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente?

São crianças curiosas, participativas, que começam a demonstrar facilidade em colocar opiniões, sugestões ou questões.

F2. Na sua opinião, que lugar ocupa a criança no jardim de infância?

A criança é ator do seu próprio desenvolvimento, logo tem o papel principal.

F3. Que diferenças e semelhanças é que observa nos grupos das diferentes salas de jardim de infância?

O seu desenvolvimento global é diferente, uma vez que pertence a faixas etárias diferentes.

G1. Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam a sua prática?

G2. Adota algum modelo pedagógico para organizar a prática? Se sim, Qual? Como o implementa?

O modelo que sigo não é estanque, o dia a dia é construído seguindo várias diretrizes em que acredito e que acho que permitem à criança crescer de forma mais harmoniosa.

Primeiro preocupo-me em individualizar cada criança e permitir que toda a sua aprendizagem seja feita ao seu ritmo e direcionada para ela.

Cada criança vai construindo o seu conhecimento, criando autonomias para resolver os seus problemas e criar estratégias colocando questões e procurando soluções. As suas vivências são os seus motores, que permitem a descoberta e assimilação do mundo que a rodeia.

Esta aprendizagem implica que o adulto estreite relações de confiança com a criança, permitindo-lhe descobrir a melhor abordagem a ter quando confrontado com situações do quotidiano.

A sala está organizada em cantos temáticos, permitindo que a criança escolha de livre vontade, qual o seu centro de interesse.

Assim como, deve estar organizada de forma a que seja a criança a usá-la em seu favor. Tudo deve estar ao seu alcance e organizado de forma a que a criança entenda e seja intuitivo para ela.

O trabalho realizado em sala, deve ir de encontro aos interesses do grupo, respeitando as metas de desenvolvimento estipuladas para a idade em questão.

Existe sempre um tempo de explanação, exposição, planeamento e ação antes de qualquer início de tarefa. É importante que a criança se sinta envolvida naquilo que lhe é proposto ou pedido.

H1. Que jogos tradicionais portugueses observa no grupo da sua sala de atividades?

Jogos: macaca, macaquinho do chinês, saltar à corda, corrida de sacos, lencinho, jogo do mata, as escondidas.

H2. Que jogos tradicionais portugueses contribuíram para o seu desenvolvimento holístico na sua infância?

Jogos: macaca, pião, macaquinho do chinês, saltar à corda, corrida de sacos, lencinho, jogo do mata, as escondidas.

São jogos que fazem parte da minha infância e que tento passar às minhas crianças. Elas têm sempre prazer em saber como nós adultos brincávamos quando eramos pequenos.

H3. Na sua opinião, porque é que os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças?

H4. Considera que ao longo dos tempos (passado, presente e futuro) os jogos tradicionais portugueses tem evoluído?

H5. Tendo em conta, o seu papel de educadora de infância, considera que é importante para as crianças envolver-se nos jogos tradicionais portugueses?

Brincadeiras que reúnem grandes grupos de crianças, promovem a socialização, o exercício da solidariedade e do espírito de grupo já experimentados pelos nossos pais e avós.

ANEXO I. TRANSCRIÇÕES DA
ENTREVISTA À EDUCADORA
COOPERANTE I.H.

| ' ' | ' ' |

B1. Qual a sua formação nesta área profissional?

Licenciatura em Educação de Infância com a especialização em educação de investigação.

B2. Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?

43 anos

B3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são?

As principais dificuldades sentidas foi lidar com as expetativas do projeto educativo com as crianças. Atualmente, as principais dificuldades sentidas é lidar com todas as ansiedades, perspetivas e expetativas que os pais tem em relação à prática pedagógica.

B4. Fale-me do seu percurso profissional.

Escolas Privadas com estágio profissional- [...] com um grupo de pré-escolar- 2 anos

Substituição de uma educadora do Pré-Escolar- [...]

2 anos no Pré-Escolar no [...]

Pré-Escolar dos 3 aos 5 anos- 39 anos na [...]

B5. Fale-me do seu percurso nesta organização.

Pré-Escolar dos 3 aos 5 anos- 39 anos na [...]

B6. Já trabalhou com crianças de outras faixas etárias?

Sim em creche

B7. Já frequentou alguns cursos/ações de formação?

Tenho 20 formações

C1. Fale-me da sua perspectiva sobre a educação dos 3 aos 6 anos no panorama educativo nacional, por favor.

A criança tem de ser conhecida de uma forma individualizada para desenvolver todas as competências necessárias, para se adaptar na sua integridade ao contexto da sua vivência e à abertura do outro na conquista do mundo novo.

C2. O que significa, para si, a educação dos 3 aos 6anos?

Cuidar do acompanhamento no desenvolvimento geral de todas as valências da criança, que percorre esta etapa da sua vida.

C3. Qual a importância do jardim de infância para a(s)criança(s)? E para as famílias(s)?

É um suporte essencial na gestão emocional e social para um desenvolvimento e evolução da criança- Famílias

Criança- possibilidade de encontrarem um espaço de realização e satisfação ao nível da sua felicidade.

C4. O que significa ser educadora de infância?

Ser educadora é ser cuidadora de uma forma totalmente realizada e gratificada.

D1. Como são as relações e interações entre agentes educativos?

É um pouco intensa em que as emoções estão à flor da pele, mas na prática existe sempre uma atitude de equipa.

D2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância?

Uma equipa de excelência, onde o empenho, a disponibilidade e o profissionalismo são evidentes.

D3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância? E no trabalho em equipa dentro da sala de atividades?

A dinâmica é muito positiva porque a linguagem é consensual na prática pedagógica.

D4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?

Sim concretamente com a vivência dos dias temáticos.

E1. Como caracteriza a relação com as famílias do grupo de crianças?

Caracterizo com uma abertura que ajuda na relação, dialogante, comprometida e consensual.

E2. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização?

Envolvimento bastante inclusivo uma vez que é uma escola de cooperativa de pais permite uma maior interação na vivência escolar.

E3. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças no jardim de infância?

Sim, com periodicidade uma vez por período, ao nível das reuniões individuais a frequência é pelo menos uma vez por período e sempre que a educadora ou os pais necessitem.

F1. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente?

É um grupo heterogéneo, mas com uma maturidade já muito evoluída, tem curiosidade sobre todo o mundo que os rodeia e mostram-se participativos nas dinâmicas desenvolvidas em sala e na forma como aplicam a sua autonomia nas regras e aquisições de hábitos.

F2. Na sua opinião, que lugar ocupa a criança no jardim de infância?

Um lugar central e é a razão pela qual existe a escola.

F3. Que diferenças e semelhanças é que observa nos grupos das diferentes salas de jardim de infância?

Em princípio à uma linguagem corporal comum, nos três grupos etários, as diferenças encontradas são as que são próprias dos grupos referenciados pela sua idade.

G1. Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam a sua prática?

São todos os valores éticos e pedagógicos que uma criança nesta fase necessita para crescer emocionalmente feliz.

G2. Adota algum modelo pedagógico para organizar a prática? Se sim, Qual? Como o implementa?

Adoto vários modelos pedagógicos que complemento com a minha experiência profissional e com as necessidades que a criança me interpela.

H1. Que jogos tradicionais portugueses observa no grupo da sua sala de atividades?

Linda falua, a roda do lenço, a mama da licença, o jogo das cadeiras.

H2. Que jogos tradicionais portugueses contribuíram para o seu desenvolvimento holístico na sua infância?

Os jogos tradicionais portugueses que referi na outra questão contribuíram para a minha infância.

H3. Na sua opinião, porque é que os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças?

Trabalhar a capacidade da atenção, auditiva, capacidade musical, a coordenação motora.

H4. Considera que ao longo dos tempos (passado, presente e futuro) os jogos tradicionais portugueses tem evoluído?

Tem se adaptado aos momentos que se vivenciam em contexto temático.

H5. Tendo em conta, o seu papel de educadora de infância, considera que é importante para as crianças envolver-se nos jogos tradicionais portugueses?

Sim.

-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

- Obrigada pela sua disponibilidade

ANEXO J. GUIÃO DA ENTREVISTA AOS
AUXILIARES DE AÇÃO EDUCATIVA E
AOS TÉCNICOS DAS
EXTRACURRICULARES DO JARDIM DE
INFÂNCIA

Guião de Entrevista

Destinatárias: Auxiliares de Ação Educativa da Sala Azul, Amarela e Vermelha e das Atividades Extracurriculares (PPS II)

Objetivos:

- Caracterizar as conceções das auxiliares de ação educativa e da equipa das atividades extracurriculares sobre (i) a criança e o lugar da mesma no jardim de infância e (ii) as famílias e as suas formas de participação.
- Compreender de que forma os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância: contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista; • Motivar o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta entrevista tem como objetivo obter informação para a realização do capítulo “caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” para o relatório da PPS II. - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Pedir autorização para gravar áudio; - Informar da devolução das transcrições 	
B. Definição do perfil do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o percurso profissional da auxiliar de ação educativa da sala azul, amarela, vermelha e da equipa 	<p>B1. Qual a sua formação nesta área profissional?</p> <p>B2. Há quanto tempo exerce funções de auxiliar de ação educativa? E na equipa das atividades extracurriculares?</p>	

	das atividades extracurriculares	<p>B3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são?</p> <p>B4. Fale-me do seu percurso profissional.</p> <p>B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.</p> <p>B6. Já trabalhou com crianças de outras faixas etárias?</p> <p>B7. Já frequentou alguns cursos/ações de formação?</p>	
<p>C. Perspetivas sobre a educação de infância e contextos educativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Importância da educação dos 3 aos 6 anos; • Importância socioeducativa do jardim de infância 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o grau de importância que os auxiliares de ação educativa e a equipa das atividades extracurriculares atribuem ao jardim de infância • Identificar o papel do jardim de infância na sociedade portuguesa e para as crianças dos 3 aos 6 anos 	<p>C1. Fale-me da sua perspetiva sobre a educação dos 3 aos 6 anos no panorama educativo nacional, por favor.</p> <p>C2. O que significa, para si, a educação dos 3 aos 6 anos?</p> <p>C3. Qual a importância do jardim de infância para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?</p> <p>C4. O que significa ser auxiliar de ação educativa ou membro da equipa das atividades extracurriculares?</p>	<p>- Pensa que o jardim de infância deveria estar incluído no sistema educativo português, de uma outra forma? Porquê?</p>

<p>D. Trabalho em equipa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relações e interações entre atores; • Conhecer o conceito de equipa em contexto de jardim de infância; • Compreender como é realizado o trabalho em equipa. 	<p>D1. Como são as relações e interações entre agentes educativos?</p> <p>D2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância?</p> <p>D3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância? E no trabalho em equipa dentro da sala de atividades?</p> <p>D4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?</p>	<p>- Existe trabalho colaborativo? Como é a comunicação?</p> <p>- O trabalho em equipa é uma mais-valia? Para quê? Para quem?</p>
<p>E. Relação com as Famílias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a participação das famílias das crianças no jardim de infância; • Conhecer as estratégias utilizadas pela auxiliar de ação educativa e a equipa das atividades extracurriculares, de modo a promover o contacto com as famílias e entre famílias 	<p>E1. Como caracteriza a relação com as famílias do grupo de crianças?</p> <p>E2. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização?</p> <p>E3. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem</p>	<p>-Compreender o tipo de participação</p> <p>- Compreender se as famílias têm possibilidade (tempo, espaços e mecanismos) para participarem na vida educativa das crianças</p>

		solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças no jardim de infância?	
F. Conceção e lugar da(s) criança(s) no jardim de infância	<ul style="list-style-type: none"> • Caraterizar conceções de criança e infância • Compreender e situar o(s) lugar(es) das crianças no jardim de infância 	<p>F1. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente?</p> <p>F2. Na sua opinião, que lugar ocupa a criança no jardim de infância?</p> <p>F3. Que diferenças e semelhanças é que observa nos grupos das diferentes salas de jardim de infância?</p>	
G. Os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância: contributos para o desenvolvimento holístico das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o ponto de vista do/a auxiliar de ação educativa e da equipa das atividades extracurriculares sobre os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância: contributos para o desenvolvimento holístico das crianças • Entender a evolução e a forma como a auxiliar de ação 	<p>G1. Que jogos tradicionais portugueses observa no grupo da sua sala de atividades?</p> <p>G2. Que jogos tradicionais portugueses contribuíram para o seu desenvolvimento holístico na sua infância?</p> <p>G3. Na sua opinião, porque é que os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças?</p>	<p>- Perceber a importância dos jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância, bem como os seus contributos para o desenvolvimento holístico das crianças</p> <p>- Refletir sobre os jogos tradicionais portugueses que contribuíram para o desenvolvimento holístico do/a auxiliar de ação educativa ou da equipa das</p>

	educativa ou os membros da equipa das atividades extracurriculares se envolvem nos jogos tradicionais portugueses com o seu grupo de crianças	<p>G4. Considera que ao longo dos tempos (passado, presente e futuro) os jogos tradicionais portugueses tem evoluído?</p> <p>G5. Tendo em conta, o seu papel de auxiliar de ação educativa ou de membro da equipa das atividades extracurriculares considera que é importante para as crianças envolver-se nos jogos tradicionais portugueses?</p>	<p>atividades extracurriculares na sua própria infância</p> <p>-Perceber o ponto de vista do/a auxiliar de ação educativa cooperante e da equipa das atividades extracurriculares sobre os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância</p>
Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Finalizar a entrevista 	<p>-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>- Obrigada pela sua disponibilidade</p>	<p>- Confirmar se existe algo mais a acrescentar</p> <p>- Agradecer a disponibilidade</p>

ANEXO K. TRANSCRIÇÕES
DA ENTREVISTA À
AUXILIAR DE AÇÃO
EDUCATIVA H.P.

| ' ' | ' ' |

A auxiliar de ação educativa da sala dos 5 anos baseou-se nas questões da entrevista que enviei via e-mail, mas optou por responder às mesmas em texto corrido como demonstrarei de seguida:

O meu nome é H.P.

Trabalho na [...] à 35 anos em S. Domingos de Benfica.

Passei por várias valências (horário extensivo, portaria, infantil e primária).

Durante todo este percurso e vivências fui crescendo... até com crianças com necessidades educativas especiais ... Foi muito gratificante e especial. Apenas tenho o 12º ano e foi ao longo destes anos que me adaptei a este mundo! Fiz algumas formações que a escola me ofereceu nesta área da Educação.

Fiz semanas de campo e ainda continuo a fazer praia (25 anos).

Neste momento estou com o grupo etário (5 anos) tendo acompanhado o grupo desde os 3 anos. Trabalho com a Educadora C. que está a substituir a Educadora A. que está com licença de parto.

Partilho com a Educadora C. um ambiente tranquilo com o objetivo de contribuir para o bem-estar e desenvolvimento das crianças; sou pontual assídua e abro a escola às 7h 45 min.

Colaboro na rotina da sala e assumo a responsabilidade quando esta esta se encontra ausente. Zelo pela limpeza de sala e acompanho na higiene das crianças ... acompanho nas refeições.

Recebo as crianças e todos os recados transmitidos pelos pais e registo as presenças.

No recreio participo nos jogos tradicionais em que faz reviver a minha infância. Brinco com elas dando tarefas para o seu crescimento autonomia... vigio as brincadeiras, atitudes...

Todos os desafios que são propostos adapto-me facilmente, já trabalhei com todas as educadoras, professoras, auxiliares pois há uma abertura e uma cumplicidade que faz de nós o verdadeiro grupo com o objetivo; o desenvolvimento de competências sociais e geradoras de aprendizagens significativas e profundas.

Na falta de colegas estou sempre disponível para ajudar! Tenho orgulho no que faço e na pessoa que sou! É com as crianças que me sinto feliz e realizada.

ANEXO L. TRANSCRIÇÕES DA
ENTREVISTA AO TÉCNICO DAS
ATIVIDADES EXTRACURRICULARES E.R.

| " " | " "

B1. Qual a sua formação nesta área profissional?

Técnico de Ação Educativa.

B2. Há quanto tempo exerce funções de auxiliar de ação educativa? Desde agosto de 2018. E na equipa das atividades extracurriculares? O mesmo tempo 6 anos

B3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são?

Por alguns familiares, que não muitos, foi o facto de ser do sexo masculino. De umas colegas (auxiliares) também senti alguma dificuldade de adaptação em ser algo novo, mas também por ser novo na casa!

Não falando em termos monetários, a falta de não há reconhecimento pelo trabalho exercido, que no horário do pessoal extensivo é muita coisa a dobrar, como a responsabilidade.

A falta de formações da parte do trabalho para tanta criança especial que recebemos, falta de crescimento profissional

B4. Fale-me do seu percurso profissional.

Foi jardineiro empregado doméstico dos 13 aos 16 anos, estudei moda (equivalência do 12ºano não completado) e trabalhei [...], tirei 3 pequenos cursos de beleza! Dou aulas de tai-chi e de arco e flecha, fiz o curso de educação aos 28/29anos, e fiz colónias de férias.

B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.

Tirei o curso de técnico educativo, passado pouco tempo comecei a trabalhar na escola, passando por todas as valências, desde o berçário até há primária. Estou como técnico, mas sou um faz tudo, sou empregado de refeitório, de técnico auxiliar e da parte da tarde no horário extensivo faço trabalho de auxiliar e ao mesmo tempo de técnico educativo.

B6. Já trabalhou com crianças de outras faixas etárias?

Desde o berçário até aos da primária.

B7. Já frequentou alguns cursos/ações de formação?

Sim.

C1. Fale-me da sua perspetiva sobre a educação dos 3 aos 6 anos no panorama educativo nacional, por favor.

Tem muito a mudar pois tem uma visão muito antiquada mesmo os métodos de ensino. As salas deveriam ter menos crianças principalmente quando tem crianças especiais, serem pelo menos 3 adultos para se dar a devida atenção no desenvolvimento de cada criança.

C2. O que significa, para si, a educação dos 3 aos 6 anos?

É a base do desenvolvimento da criança na sua personalidade, onde elas mais retêm tudo no seu meio e sentimentos.

C3. Qual a importância do jardim de infância para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?

Aprender a conviver e lidar com várias personalidades, meios e crianças, etapas base do seu desenvolvimento criando rotinas.

Pelo que tenho observado infelizmente é um depósito para muitas famílias para não terem que ser os pais ou os avós a educar.

C4. O que significa ser auxiliar de ação educativa ou membro da equipa das atividades extracurriculares?

Dar apoio, ajudar nas tarefas e desenvolvimento da criança, mas também acariciar inculcar regras.

D1. Como são as relações e interações entre agentes educativos?

Prefiro não me pronunciar.

D2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância? É um leque de escolhas!

D3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância? E no trabalho em equipa dentro da sala de atividades?

Penso que é importante e que deve estar sempre em sintonia e proativos, dando sempre todos os apoios necessários independente do cargo. Mas acima de tudo respeito entre todos.

O mesmo como descrevi na alínea de cima, a Educadora e auxiliar devem ser como se fosse uma só dando sempre apoio no que tiver que ser. E a educadora não deveria emperrar tudo e responsabilidades todos na auxiliar, mas sim o seu apoio, como sua equipa o seu braço. As auxiliares devem ser sempre o apoio e proativa com a educadora, mas mantendo sempre o respeito e ideias em harmonia!

D4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?

Sim. Desde apoio de auxiliares, de educadoras nas férias, desde trabalhos temáticos escolares.

E1. Como caracteriza a relação com as famílias do grupo de crianças?

E2. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização?

Prefiro não me prenuciar, mas na festa de final de ano ajudam na preparação decorativa da festa

E3. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças no jardim de infância?

Duas de grupo (pais e educadora e educadora pedagógica) para dar a conhecer todo o meio e objetivos, reuniões individuais sempre que é necessário, ou solicitado.

F1. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente? Desafiadora, mas carinhosa também.

F2. Na sua opinião, que lugar ocupa a criança no jardim de infância?

Central

F3. Que diferenças e semelhanças é que observa nos grupos das diferentes salas de jardim de infância?

Muitas, mas principalmente na sua forma de estar no espaço.

G1. Que jogos tradicionais portugueses observa no grupo da sua sala de atividades? Tento inculir.

G2. Que jogos tradicionais portugueses contribuíram para o seu desenvolvimento holístico na sua infância?

Tantos jogos (macaca, mama da licença, cânticos tradicionais, jogo da cadeira, tantos) e trabalhos manuais específicos (como o picotar, as massas, folhas barro, tapeçarias, entre outros).

G3. Na sua opinião, porque é que os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças? Primeiro, o conhecimento cultural, depois o modo de se divertir e desenvolver, e se divertem e dá uma ajuda em casa uma pequena união pois os pais e os avôs vão recordar a infância quando se juntam às crianças.

G4. Considera que ao longo dos tempos (passado, presente e futuro) os jogos tradicionais portugueses tem evoluído?

Não, penso que tem tendência a cair no esquecimento!

Só nos jogos da apanhada e das escondidas é que se vais criando ideias novas, mas de resto nada!

G5. Tendo em conta, o seu papel de auxiliar de ação educativa ou de membro da equipa das atividades extracurriculares considera que é importante para as crianças envolver-se nos jogos tradicionais portugueses?

Sim, mas não só nos portugueses, mas sim multiculturais, mas cada vez mais somos de várias culturas.

-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

- Obrigada pela sua disponibilidade

ANEXO M. TRANSCRIÇÕES DA
ENTREVISTA À TÉCNICA DAS
ATIVIDADES
EXTRACURRICULARES L.N.

| ' ' | ' ' |

B1. Qual a sua formação nesta área profissional?

Não tenho qualquer formação nesta área.

B2. Há quanto tempo exerce funções de auxiliar de ação educativa? E na equipa das atividades extracurriculares?

15 anos, sempre em horário extensivo.

B3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são?

B4. Fale-me do seu percurso profissional; B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.

Entrei no ano 2012, sempre para o horário extensivo, desenvolvo até hoje vários projetos:

- Sala 5 anos- hora do conto e sua interpretação,
- Atividades Manuais com o 1º Ciclo a partir das 16:30,
- Hora da leitura a partir das 19:00

B6. Já trabalhou com crianças de outras faixas etárias?

Não trabalhei aqui sempre com o pré-escolar e o 1º Ciclo.

No ano de 2010 até 2012 trabalhei nos agrupamentos de escolas de Benfica com o 1º e 2º ciclo.

B7. Já frequentou alguns cursos/ações de formação?

Sim, em formações ao nível de aprendizagem de técnicos para utilizar em contexto de sala, recreio.

C1. Fale-me da sua perspetiva sobre a educação dos 3 aos 6 anos no panorama educativo nacional, por favor.

Penso que no atual panorama educacional há a necessidade de ter mais um ano de pré-escolar, para as crianças são cada vez mais imaturas para aceder (como norma) ao 1º ano do 1º ciclo com 6/7 anos.

O Jardim de Infância deveria incluir todas as crianças a partir dos 3 anos até aos 6 anos e não estar obrigatório a partir dos 5 anos.

C2. O que significa, para si, a educação dos 3 aos 6 anos?

Significa que é nestas idades que as crianças são mais “moldáveis”, necessitam de explorar o mundo que as rodeia, de ter novas experiências.

C3. Qual a importância do jardim de infância para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?

C4. O que significa ser auxiliar de ação educativa ou membro da equipa das atividades extracurriculares?

É cansativo e desafiante.

D1. Como são as relações e interações entre agentes educativos?

São relações de entreajuda

D2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância?

Uma equipa vocacionada para o bem-estar da criança, e para o seu desenvolvimento saudável, inserindo-a no meio escolar.

D3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância? E no trabalho em equipa dentro da sala de atividades?

O trabalho é mesmo de equipa com um plano pedagógico e um plano semanal bem delineado e com atividades diferentes que ajudam a criança a experienciar novas vivências.

D4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?

Sim, nos pontos mencionados na resposta à D3.

E1. Como caracteriza a relação com as famílias do grupo de crianças?

A relação costuma ser bastante positiva e colaborativa, existindo na maioria das vezes a comunicação casa/escola.

E2. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização?

A família participa com regularidade, tanto na vida da sala (estando sempre a par das atividades), como na vida da própria escola, no âmbito de festas/encontros que acontecem ao longo do ano letivo.

E3. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças no jardim de infância?

São marcadas 2 reuniões por cada sala, e durante o ano os pais tem a liberdade de sempre que sentirem necessidade marcar uma comunicação com o educador, tanto através de e-mail ou via telefone, são livres de fazerem sugestões.

Os pais devido à agitação dos empregos tem cada vez menos tempo para estarem com os filhos e participarem ativamente nas atividades de sala propostas para eles.

F1. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente?

É um grupo heterogéneo, bastante coeso e que funcionam muito bem em grupo, normalmente aceitam as diferenças de cada um.

F2. Na sua opinião, que lugar ocupa a criança no jardim de infância?

A criança é o centro do dia- a -dia do jardim de infância, e colocado sempre com prioridade.

Todas as funções existentes no jardim de infância, são voltadas para o seu bem-estar e segurança.

F3. Que diferenças e semelhanças é que observa nos grupos das diferentes salas de jardim de infância?

A sua imaturidade e à medida que vão passando pelas salas (consoante as idades) nota-se um compreender de regras e uma crescente aceitação das mesmas.

G1. Que jogos tradicionais portugueses observa no grupo da sua sala de atividades? “Apanhada”, lencinho vai na mão, mota senta, macaca, ... no meu entender desenvolve a relação social e de entreajuda.

G2. Que jogos tradicionais portugueses contribuíram para o seu desenvolvimento holístico na sua infância?

Ajudou-me a superar alguns receios e a aumentar a minha autoestima.

G3. Na sua opinião, porque é que os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças?

Ajudam-nos a conhecer as raízes do nosso país, porque há zonas do país que têm os seus jogos tradicionais.

G4. Considera que ao longo dos tempos (passado, presente e futuro) os jogos tradicionais portugueses tem evoluído?

Penso que sim, a raiz está sempre presente, mas na prática o jogo tem sofrido algumas alterações, em parte devido a todas as alterações que temos sentido na sociedade.

G5. Tendo em conta, o seu papel de auxiliar de ação educativa ou de membro da equipa das atividades extracurriculares considera que é importante para as crianças envolver-se nos jogos tradicionais portugueses?

Sim, porque as ajuda tanto a perceber um pouco da tradição do nosso país como, principalmente as ajuda a formar a sua personalidade.

-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

- Obrigada pela sua disponibilidade

ANEXO N. TRANSCRIÇÕES DA
ENTREVISTA À TÉCNICA DAS
ATIVIDADES
EXTRACURRICULARES N.C.

| ' ' | ' ' |

B1. Qual a sua formação nesta área profissional?

12º ano

B2. Há quanto tempo exerce funções de auxiliar de ação educativa? E na equipa das atividades extracurriculares?

Não exerço como auxiliar de ação educativa, mas sim como vigilante, à 2 anos.

B3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são?

Não efetuei nenhum curso, embora tenha iniciado o 1º ano na faculdade para educadora de infância, em termos de dificuldades penso manter-se as mesmas, receio de existir alguma situação com os meninos que eu não consiga ou não saiba lidar.

B4. Fale-me do seu percurso profissional.

Nesta área é a minha primeira experiência profissional e estou a amar visto sempre ter amado trabalhar crianças e também já fiz um ano de voluntariado com crianças com paralisia cerebral e adorei, acho que todo o mundo devia passar por experiências semelhantes para ganharmos todos mais empatia.

B5. Fale-me do seu percurso nesta organização socioeducativa.

Estou a amar trabalhar com todos estes meus meninos, é um desafio todos os dias, mas chegar ao fim do dia e ver a alegria de cada um deles, enche-me o coração.

B6. Já trabalhou com crianças de outras faixas etárias?

Não, embora de certa forma vá acompanhando o crescimento de todas as faixas etárias

B7. Já frequentou alguns cursos/ações de formação?

Não

C1. Fale-me da sua perspetiva sobre a educação dos 3 aos 6 anos no panorama educativo nacional, por favor.

Na minha perspetiva, espero que se esteja a criar uma geração mais humana, mais empática, com bons valores e de bom coração.

C2. O que significa, para si, a educação dos 3 aos 6 anos?

O crescimento e desenvolvimento de uma nova geração, de meninos e meninas melhores e com aptidões para fazer e ter um melhor futuro.

C3. Qual a importância do jardim de infância para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?

Penso ser importante para o desenvolvimento dos bebés visto iniciarem vários estímulos que os iram ajudar a crescer e evoluir. Para as famílias penso ser um complemento do trabalho feito também com os bebés e ajuda também na lidação das crianças umas com as outras e também com os adultos.

C4. O que significa ser auxiliar de ação educativa ou membro da equipa das atividades extracurriculares?

Para mim, neste caso vigilante em horário extensivo (extra curricular) significa o complemento de todo um trabalho efetuado com as crianças e até mesmo os laços que se vão criando com cada um deles.

D1. Como são as relações e interações entre agentes educativos?

D2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no jardim de infância?

D3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância? E no trabalho em equipa dentro da sala de atividades?

D4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?

E1. Como caracteriza a relação com as famílias do grupo de crianças?

Penso ser uma boa relação, são famílias compreensivas para com toda a equipa de trabalho e uma mais-valia no trabalho efetuado com as crianças

E2. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização?

E3. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças no jardim de infância?

F1. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente?

São meninos muito especiais, embora todos sejam, cada um à sua maneira, mas este grupo com que trabalho são muito crescidos, autónomos, amigos do amigo, empáticos e principalmente, meninos de coração de ouro.

F2. Na sua opinião, que lugar ocupa a criança no jardim de infância?

F3. Que diferenças e semelhanças é que observa nos grupos das diferentes salas de jardim de infância?

G1. Que jogos tradicionais portugueses observa no grupo da sua sala de atividades?

G2. Que jogos tradicionais portugueses contribuíram para o seu desenvolvimento holístico na sua infância?

G3. Na sua opinião, porque é que os jogos tradicionais portugueses em contexto de jardim de infância contribuem para o desenvolvimento holístico das crianças?

Penso ser importante por exemplo para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

G4. Considera que ao longo dos tempos (passado, presente e futuro) os jogos tradicionais portugueses tem evoluído?

G5. Tendo em conta, o seu papel de auxiliar de ação educativa ou de membro da equipa das atividades extracurriculares considera que é importante para as crianças envolver-se nos jogos tradicionais portugueses?

Penso que sim, exatamente por achar que são importantes para o desenvolvimento das crianças.

-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

- Obrigada pela sua disponibilidade

ANEXO 0. TABELA ANÁLISE
CATEGORIAL DAS
ENTREVISTAS À EQUIPA
EDUCATIVA

| ' ' | ' ' |

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Frequência
Caracterização profissional	Formação	Inicial	<p>“Curso de educadora de infância <i>Maria Ulrich</i>”</p> <p>“Educadora pré-escolar e coordenadora pedagógica numa instituição particular”</p> <p>“Educadora e coordenadora de pré-escolar em regime de ATL, afeto a uma associação de pais de escola oficial”</p> <p>“Técnica de atividades de tempos livres a funcionar também numa escola oficial, dando apoio a crianças do pré-escolar ao 1º ciclo”</p> <p>“Educadora em sala de creche”</p> <p>“Educadora em sala de pré-escolar – 5 anos”</p> <p>“Entrei na (...) para substituir uma educadora de baixa prolongada na creche e estive um ano letivo com o grupo dos 2/3 anos.” – Educadora Sala Azul</p> <p>“Educadora de Infância <i>Maria Ulrich</i>”</p> <p>“Comecei na (...) com trabalhar como auxiliar, sai em 1991 para fazer o Curso de Educadora de Infância.</p>	21

			<p>Quando acabei o curso, trabalhei numa escola na Praça do Chile e depois durante um ano trabalhei em Camarate. Em 1998 voltei para a (...), como Educadora.</p> <p>Estive 3 anos em creche e no terceiro ano acompanhei o grupo na transição para o pré-escolar (...)</p> <p>Neste momento sou Educadora da sala dos meninos dos 4 anos, Coordenadora da Creche e Pré-Escolar e Diretora Pedagógica.” – Educadora Sala Amarela</p> <p>“Licenciatura em Educação de Infância com a especialização em educação de investigação.”</p> <p>“Escolas Privadas com estágio profissional (...) grupo de pré-escolar-2 anos; substituição de uma educadora pré-escolar (...) Pré-Escolar (...) Pré-Escolar dos 3 aos 5 anos”</p> <p>“39 anos na presente organização socioeducativa” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Apenas tenho o 12º ano e foi ao longo destes anos que me adaptei a este mundo!”- Auxiliar Sala Azul</p> <p>“Técnico de Ação Educativa”</p>	
--	--	--	--	--

			<p>“Jardineiro empregado doméstico (...) estudei moda (equivalência do 12º ano não completado) e trabalhei no ...) tirei 3 pequenos cursos de beleza! Dou aulas de tai-chi e de arco e flecha, fiz o curso de educação com 28/29 anos, e fiz colônias de férias.”</p> <p>“Tirei o curso de técnico educativo, passado pouco tempo comecei a trabalhar na escola, passando por todas as valências, desde berçário até há primária. Estou como técnico, mas sou um faz tudo, sou empregado de refeitório, de técnico auxiliar e da parte da tarde no horário extensivo faço trabalho de auxiliar e ao mesmo tempo de técnico educativo.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“12º ano”</p> <p>“Nesta área é a minha primeira experiência profissional e estou a amar visto sempre ter amado trabalhar com crianças e também já fiz um ano de voluntariado com crianças com paralisia cerebral e adorei, acho que todo o mundo devia passar por experiências semelhantes para ganharmos todos mais empatia.”</p>
--	--	--	--

		<p>“Estou a amar trabalhar com todos estes meus meninos, é um desafio todos os dias, mas chegar ao fim do dia e ver a alegria de cada um deles, enche-me o coração.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Não tenho qualquer formação nesta área.”</p> <p>“Entrei no ano 2012, sempre para o horário extensivo, desenvolvo até hoje vários projetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sala 5 anos- hora do conto e sua interpretação, - Atividades Manuais com o 1º Ciclo a partir das 16:30, - Hora da leitura a partir das 19:00.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição 	
	Contínua	<p>“Frequento todas as formações que os locais de trabalho proporcionam e voluntariamente fiz primeiros socorros e matemática no pré-escolar.” - Educadora Sala Azul</p>	7

		<p>“Posso destacar as formações do “Vencer Autismo”, “Coaching Infantil”, “Proteção Civil” e “Existem Crianças Difíceis ou Adultos Difíceis?” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“20 formações” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Fiz algumas formações que a escola me ofereceu nesta área da Educação. Fiz semanas de campo e continuo a fazer praia (25 anos).” - Auxiliar da Sala Azul</p> <p>“Sim, tenho cursos/ações de formação.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Não, tenho cursos/ações de formação.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Sim, em formações ao nível de aprendizagem de técnicos para utilizar em contexto de sala, recreio.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
_____	Trabalho nas diferentes valências educativas	“Desde creche, pré-escolar e apoio ao 1º ciclo em regime de ATL.” - Educadora Sala Azul	7

		<p>“ATL com crianças do 1º ciclo e já estive em creche com crianças dos 4 meses aos 3 anos.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“Creche” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Passei por várias valências (horário extensivo, portaria, infantil e primária). Durante todo este percurso e vivencias foi crescendo... até com crianças com necessidades educativas especiais... Foi gratificante e especial.” - Auxiliar da Sala Azul</p> <p>“Desde o berçário até aos da primária.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Não, embora de certa forma vá acompanhando o crescimento de todas as faixas etárias.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“No ano de 2010 até 2012 trabalhei nos agrupamentos de escolas de Benfica com o 1º e 2º ciclo.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
Experiência profissional	Anos de serviço	<p>“38 anos” - Educadora Sala Azul</p> <p>“30 anos” - Educadora Sala Amarela</p>	7

		<p>“43 anos” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“35 anos” - Auxiliar da Sala Azul</p> <p>“6 anos” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Não exerço como auxiliar de ação educativa, mas sim como vigilante, à 2 anos - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“15 anos, sempre em horário extensivo.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
	Dificuldades iniciais	<p>“Quando terminei o curso não tive dificuldade em começar a trabalhar, fiquei a trabalhar onde tinha realizado o estágio final. Em relação às dificuldades que senti foi a insegurança em relação à prática que estava a desenvolver com o grupo, questionando muitas vezes se seria a abordagem mais correta, e em relação às reuniões de pais que na altura me causavam muita ansiedade, com o passar do tempo e com os resultados obtidos fui adquirindo segurança.</p> <p>Penso que atualmente a maior dificuldade será encontrar um “lugar” de trabalho que corresponda às expectativas das futuras educadoras e enquadrarem-se nesses</p>	5

			<p>espaços, depois depende muito da capacidade de cada um saber gerir as relações de trabalho.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“A principal dificuldade foi a capacidade de confiar nas minhas atitudes ou decisões, conseguir perceber e ter a certeza que realmente o que fazia era o correto e tinha um impacto positivo não só nas crianças como nas instituições onde trabalhei.</p> <p>Hoje a minha maior dificuldade está em gerir o tempo. O facto de ter várias funções implica uma maior gestão que nem sempre é conseguida.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“As principais dificuldades foi lidar com as expetativas do projeto educativo com as crianças. Atualmente, as principais dificuldades sentidas é lidar com todas as ansiedades, perspetivas e expectativas que os pais têm em relação à prática pedagógica.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Por alguns familiares, que não muitos, foi o facto de ser do sexo masculino. De umas colegas (auxiliares) também senti alguma dificuldade de adaptação em ser algo novo, mas também por ser novo na casa!</p>	
--	--	--	--	--

			<p>Não falando em termos monetários, a falta de reconhecimento pelo trabalho exercido, que no horário do pessoal extensivo é muita coisa a dobrar, como a responsabilidade.</p> <p>A falta de formações da parte do trabalho para tanta criança especial que recebemos, falta de crescimento profissional.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Não efetuei nenhum curso, embora tenha iniciado o 1º ano na faculdade para educadora de infância, em termos de dificuldades penso manter-se as mesmas, receio de existir alguma situação com os meninos que eu não consiga ou não saiba lidar.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
Educação dos 3 aos 6 anos	Sistema Educativo Português no Jardim de Infância	Perspetiva das educadoras cooperantes, das auxiliares de ação educativa e técnicas das atividades extracurriculares sobre a educação dos 3 aos 5 anos no panorama educativo atual	“Melhorar a qualidade dos serviços prestados à criança, tendo em conta que tanto a creche como o pré-escolar são as bases para o desenvolvimento global da criança, proporcionar uma infância de qualidade pode garantir a sustentabilidade do país, mas há um longo caminho a percorrer.... E principalmente neste momento há muitas falhas, docentes insatisfeitos, falta de condições e apoios	12

			<p>específicos, tudo é complicado, nada funciona corretamente...vai ser complicado arrumar a casa!”</p> <p>“Tanto os anos de creche como os de pré-escolar são as bases para a formação de cidadãos responsáveis, empáticos, colaborativos. É um trabalho em conjunto famílias e escola” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Neste momento as nossas crianças têm vivências muito diferenciadas das crianças no início da minha carreira.</p> <p>São crianças mais despertas para o meio envolvente, com contacto a informações mais diferenciadas e com pais mais participativos e interessados no desenvolvimento dos seus filhos.</p> <p>Podemos notar também, que existe um défice a nível do desenvolvimento motor em termos gerais. Os pais são cada vez mais inseguros e imaturos, promovendo uma superproteção aos filhos. Esta situação implica uma imaturidade visível e níveis de baixa autoconfiança e de autonomia.”</p> <p>“Um mundo de possibilidades para crescer como pessoa e como educadora.</p>	
--	--	--	---	--

			<p>São as crianças que me permitem descobrir as verdadeiras questões que importam e como descobrir os meus objetivos e o caminho a seguir.</p> <p>Esta faixa etária, é por natureza, o espelho de aventuras, descobertas, vivências e noção de mundo e valores humanos.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“A criança tem de ser conhecida de uma forma individualizada para desenvolver todas as competências necessárias, para se adaptar na sua integridade ao contexto da sua vivência e à abertura do outro na conquista do mundo novo.”</p> <p>“Cuidar do acompanhamento no desenvolvimento geral de todas as valências da criança, que percorre esta etapa da sua vida.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Tem muito a mudar pois tem uma visão muito antiquada mesmo os métodos de ensino. As salas deveriam ter menos crianças, principalmente quando tem crianças especiais, serem pelo menos 3 adultos para se dar a devida atenção no desenvolvimento de cada criança.”</p> <p>“É a base do desenvolvimento da criança na sua personalidade, onde elas mais retêm tudo no seu meio e sentimentos.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>
--	--	--	--

		<p>“Na minha perspectiva, espero que se esteja a criar uma geração mais humana, mais empática, com bons valores e de bom coração.”</p> <p>“O crescimento e desenvolvimento de uma nova geração, de meninos e meninas melhores e com aptidões para fazer e ter um melhor futuro.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Penso que no atual panorama educacional há a necessidade de ter mais um ano de pré-escolar, para as crianças são cada vez mais imaturas para aceder (como norma) ao 1º ano do 1º ciclo com 6/7 anos.</p> <p>O Jardim de Infância deveria incluir todas as crianças a partir dos 3 anos até aos 6 anos e não estar obrigatório a partir dos 5 anos.”</p> <p>“Significa que é nestas idades que as crianças são mais “moldáveis”, necessitam de explorar o mundo que as rodeia, de ter novas experiências.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
	<p>Importância da resposta social do Jardim de Infância para as crianças e as famílias</p>	<p>“É no jardim de infância que se criam as primeiras relações entre pares que os prepara para a vida em sociedade. Para as famílias para além do suporte afetivo</p>	<p>5</p>

		<p>que podemos dar aos filhos e aos pais é uma resposta social de apoio logístico às famílias.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“A escola permite que as crianças participem em atividades que são essenciais para o seu desenvolvimento. Enquanto brincam, estão a aprender e através da brincadeira descobrem o mundo e como se envolverem e participarem nele.</p> <p>Para as famílias é um descanso perceberem que existe um lugar onde os seus filhos são felizes e crescem de forma harmoniosa.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“É um suporte essencial na gestão emocional e social para um desenvolvimento e evolução da criança- famílias; criança- a possibilidade de encontrarem um espaço de realização e satisfação ao nível da sua felicidade.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Aprender a conviver e lidar com várias personalidades, meios e crianças, etapas base do seu desenvolvimento criando rotinas.</p> <p>Pelo que tenho observado infelizmente é um depósito para muitas famílias para não terem que ser os pais ou os avós a educar.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
--	--	---	--

Sonhos Acadêmicos			<p>“Penso ser importante para o desenvolvimento dos bebês visto iniciarem vários estímulos que os iram ajudar a crescer e evoluir. Para as famílias penso ser um complemento do trabalho feito também com os bebês e ajuda também na lidação das crianças umas com as outras e também com os adultos.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
	Importância de Ser Educadora de Infância	Perspetiva das educadoras cooperantes, das auxiliares de ação educativa e técnicas das atividades extracurriculares sobre a sua profissão	<p>“Um sonho de infância, onde me sinto útil e feliz. Aprendizagem e renovação constantes...para acompanhar a evolução dos tempos.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“A possibilidade de crescer como ser humano depende da interação com o outro. Todos os dias tenho a possibilidade de fazer parte da “construção” do nosso futuro – as nossas crianças.</p> <p>É um prazer perceber que faço parte de um crescimento e do desenvolvimento de seres em crescimento.</p> <p>Enquanto fizer a diferença e conseguir que a diferença aconteça, estou no caminho certo.</p>	7

		<p>Ser educadora é permitir que todos os dias possamos descobrir novas maneiras de ver e viver o mundo que nos rodeia.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“Ser educadora é ser cuidadora de uma forma totalmente realizada e gratificada.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Tenho orgulho no que faço e na pessoa que sou! É com as crianças que me sinto feliz e realizada.” - Auxiliar da Sala Azul</p> <p>“Dar apoio, ajudar nas tarefas e desenvolvimento da criança, mas também acariciar inculcar regras.” -Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Para mim, neste caso vigilante em horário extensivo (extracurricular) significa o complemento de todo um trabalho efetuado com as crianças e até mesmo os laços que se vão criando com cada um deles” -Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“É cansativo e desafiante.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>
--	--	--

Trabalho Colaborativo entre a Equipa Educativa	Papel da Equipa Educativa em Jardim de Infância	<p>Caracterização da Equipa Educativa do Jardim de Infância</p> <p>“Atenta a todas as manifestações de cada criança com uma constante preocupação em apoiar as famílias e as respetivas crianças.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Experiente, comunicativa, consciente do seu papel e muito ativa nas vivências de escola.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“Uma equipa de excelência, onde o empenhamento, a disponibilidade e o profissionalismo são evidentes.” - Educadora Sala Vermelha “</p> <p>“Na falta de colegas estou sempre disponível para ajudar!” - Auxiliar da Sala Azul</p> <p>“É um leque de escolhas!” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	5
	Relações e interações entre os agentes educativos	<p>“Penso que referes a família/ escola/criança e essa relação deve ser de segurança e confiança porque se não existirem estes dois fatores não é possível realizar um apoio pleno à criança” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Cordiais, tranquilas com base numa relação de confiança e de sinceridade que levam a um verdadeiro trabalho de equipa.” - Educadora Sala Amarela</p>	5

		<p>“É um pouco intensa em que as emoções estão à flor da pele, mas na prática existe sempre uma atitude de equipa.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Neste momento estou com o grupo etário (5 anos) tendo acompanhado o grupo desde os 3 anos (...) Colaboro na rotina da sala e assumo a responsabilidade quando esta se encontra ausente. Zelo pela limpeza de sala e acompanhamento na higiene das crianças... acompanho nas refeições. Recebo as crianças e todos os recados transmitidos pelos pais e registo as presenças.” - Auxiliar da Sala Azul</p> <p>“São relações de entreajuda.”- Técnico das Atividades Extracurriculares</p>	
	Trabalho Cooperativo	<p>“Essencial e primordial. Não é possível bom ambiente e proporcionar bem-estar às crianças se a equipa não remar toda no mesmo sentido e não houver harmonia e boa disposição.”</p> <p>“Sim, cada sala tem autonomia pedagógica de funcionamento, mas existem dias comemorativos, épocas festivas e diversos eventos que preparamos em conjunto e articulamos o trabalho no contexto do pré-escolar.” - Educadora Sala Azul</p>	8

“O trabalho em equipa permite uma dinâmica facilitadora dentro e fora de sala. Onde existe a partilha de experiências e saberes, ou seja, todos ficamos mais ricos quando trabalhamos com e ao lado de alguém.

É com os outros que aprendemos quem somos, os nossos limites e as nossas fragilidades, tal como todos os nossos pontos positivos.

Ao trabalhar em equipa, permite-nos crescer com as suas experiências e características.

É na partilha que crescemos e nos tornamos melhores.”

“Em dias temáticos, em festas, em vivências partilhadas e sempre que existem situações que são mais positivas quando vividas e experienciadas em grande grupo.” - Educadora Sala Amarela

“A dinâmica é muito positiva porque a linguagem é consensual na prática pedagógica.”

“(…) concretamente na vivência dos dias temáticos” - Educadora Sala Vermelha

		<p>“Partilho com a Educadora C. um ambiente tranquilo com o objetivo de contribuir para o bem-estar e o desenvolvimento das crianças (...)” - Auxiliar da Sala Azul</p> <p>“Penso que é importante e que deve estar sempre em sintonia e proativos, dando sempre todos os apoios necessários independente do cargo. Mas, acima de tudo respeito entre todos.</p> <p>A Educadora e auxiliar devem ser como se fosse uma só dando sempre apoio no que tiver que ser. E a educadora não deveria emperrar tudo e responsabilidades todos na auxiliar, mas sim o seu apoio, como sua equipa o seu braço. As auxiliares devem ser sempre o apoio e proativa com a educadora, mas mantendo sempre o respeito e ideias em harmonia!”</p> <p>“Sim. Desde apoio de auxiliares, de educadoras nas férias, desde trabalhos temáticos escolares.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
_____	Perspetiva das educadoras cooperantes, das auxiliares de ação educativa e técnicas das atividades extracurriculares sobre o	“A minha perspetiva de colaboração e comunicação entre a equipa é ter a capacidade de me adaptar, ouvir diferentes opiniões, fazer sugestões e encontrar um ponto de equilíbrio... e é assim que tem acontecido aqui na (...)”	4

		Trabalho em Equipa na Educação	<p>“Claro que sim, para todos os intervenientes, todos os dias aprendemos com os outros...pelo menos é assim que eu sinto.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Todos os desafios que são propostos adapto-me facilmente, já trabalhei com todas as educadoras, professoras, auxiliares pois há uma abertura e uma cumplicidade que faz de nós o verdadeiro grupo com o objetivo; o desenvolvimento de competências sociais e geradoras de aprendizagens significativas e profundas.” - Auxiliar da Sala Azul</p> <p>“O trabalho é mesmo de equipa com um plano pedagógico e um plano semanal bem delineado e com atividades diferentes que ajudam a criança a experienciar novas vivências.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
Relação com as famílias	Parceria entre as famílias e a instituição	Perspetiva das educadoras, das auxiliares de ação educativa e técnicas das atividades extracurriculares cooperantes	<p>“Boa, de confiança e reconhecimento do trabalho que faço” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Participativa, atenta, disponível e de grande partilha” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“(…) Caracterizo com uma abertura que ajuda na relação, dialogante, comprometida e consensual.” - Educadora Sala Vermelha</p>	5

		<p>“Penso ser uma boa relação, são famílias compreensivas para com toda a equipa de trabalho e uma mais-valia no trabalho efetuado com as crianças.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“A relação costuma ser bastante positiva e colaborativa, existindo na maioria das vezes a comunicação casa/escola.”- Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
	Envolvimento/Participação das famílias	<p>“A escola é uma cooperativa gerida pelos próprios pais, por isso todas as decisões importantes passam por eles. Existe também os representantes dos pais de cada turma que colocam as suas questões e dúvidas aos representantes da associação de pais que depois fazem chegar as informações as respetivas professoras, educadoras e coordenação pedagógica para tomada de atitudes.</p> <p>A nível de sala contato semanalmente por email com as famílias informando todos os acontecimentos da semana e estou sempre disponível para qualquer solicitação.</p> <p>Por vezes os pais são também solicitados para ações junto do grupo e para pequenos trabalhos a realizar em casa.”</p>	10

	<p>“Sempre que solicitadas tanto pelos pais como pela educadora a nível individual. A nível geral existe a reunião de apresentação inicial, as reuniões individuais de adaptação para os alunos que integraram de novo o grupo, e no final do segundo período para preparar o seguimento para o 1º ciclo, e as reuniões individuais no final do ano, mas cada grupo de pré tem a sua calendarização de reuniões tendo em conta a faixa etária e necessidades de cada grupo.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Participam em atividades previamente combinadas dentro da sala de aula, participam nas festas elaboradas pela instituição e em atividades como o Dia da Família, vivido em conjunto.”</p> <p>“São realizadas reuniões com os pais sempre que a escola ou as famílias assim o entenderem. No entanto, existem reuniões previamente agendadas em calendário: início do ano letivo e individuais no meio do ano e no final do mesmo.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“Envolvimento bastante inclusivo uma vez que é uma escola de cooperativa de pais permite uma maior interação na vivência escolar.”</p>
--	--

	<p>“(…) uma vez por período, ao nível das reuniões individuais a frequência é pelo menos uma vez por período e sempre que a educadora ou os pais necessitem.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“(…) na festa de final de ano ajudam na preparação decorativa da festa.”</p> <p>“Duas de grupo (pais e educadora e educadora pedagógica) para dar a conhecer todo o meio e objetivos, reuniões individuais sempre que é necessário, ou solicitado.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“A família participa com regularidade, tanto na vida da sala (estando sempre a par das atividades), como na vida da própria escola, no âmbito de festas/encontros que acontecem ao longo do ano letivo.”</p> <p>“São marcadas 2 reuniões por cada sala, e durante o ano os pais tem a liberdade de sempre que sentirem necessidade marcar uma comunicação com o educador, tanto através de e-mail ou via telefone, são livres de fazerem sugestões.</p> <p>Os pais, devido à agitação dos empregos, têm cada vez menos tempo para estarem com os filhos e participarem ativamente nas atividades de sala propostas para eles.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>
--	--

<p>Grupos de Crianças</p>	<p>Conceções de infância e criança</p>	<p>Caracterização do grupo de sala e no geral dos grupos de pré-escolar</p>	<p>“Dinâmico, interessado, a aprender a partilhar, aceitar regras e respeitar os outros.”</p> <p>“Todos os grupos são diferentes, cada criança é um ser único e especial e influencia o grupo em que está inserido, por isso todos os grupos têm dinâmicas diferentes e aprendemos sempre mais um bocadinho.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“São crianças curiosas, participativas, que começam a demonstrar facilidade em colocar opiniões, sugestões ou questões.”</p> <p>“O seu desenvolvimento global é diferente, uma vez que pertence a faixas etárias diferentes.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“É um grupo heterogéneo, mas com uma maturidade já muito evoluída, tem curiosidade sobre todo o mundo que os rodeia e mostram-se participativos nas dinâmicas desenvolvidas em sala e na forma como aplicam a sua autonomia nas regras e aquisições de hábitos.”</p>	<p>11</p>
---------------------------	--	---	---	-----------

	<p>“(...) linguagem corporal comum, nos três grupos etários as diferenças encontradas são as próprias dos grupos referenciados pela sua idade.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Neste momento estou com o grupo etário (5 anos) tendo acompanhado o grupo desde os 3 anos (...) Colaboro na rotina da sala e assumo a responsabilidade quando esta se encontra ausente. Zelo pela limpeza de sala e acompanhamento na higiene das crianças... acompanhamento nas refeições.” - Auxiliar da Sala Azul</p> <p>“Desafiadora, mas carinhosa também.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“São meninos muito especiais, embora todos sejam, cada um à sua maneira, mas este grupo com que trabalho são muito crescidos, autônomos, amigos do amigo, empáticos e principalmente, meninos de coração de ouro.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“É um grupo heterogêneo, bastante coeso e que funcionam muito bem em grupo, normalmente aceitam as diferenças de cada um.”</p>
--	--

<p>Perspetiva das educadoras, das auxiliares de ação educativa e técnicas das atividades extracurriculares cooperantes, sobre a criança no Jardim de Infância</p>	<p>“A sua imaturidade e à medida que vão passando pelas salas (consoante as idades) nota-se um compreender de regras e uma crescente aceitação das mesmas.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“O principal lugar, toda a nossa atuação tem por objetivo promover a segurança, bem-estar e desenvolvimento da criança.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“A criança é o ator do seu próprio desenvolvimento, logo tem o papel principal.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“Um lugar central e é a razão pela qual existe a escola.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Central” -Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“A criança é o centro do dia- a -dia do jardim de infância, e colocado sempre com prioridade.</p>	<p>5</p>
---	--	----------

<p>Pedagogia da Organização Socioeducativa Cooperante</p>	<p>Modelo pedagógico</p>	<p>Princípios pedagógicos implementados pelas educadoras cooperantes</p>	<p>Todas as funções existentes no jardim de infância, são voltadas para o seu bem-estar e segurança.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Observar, uma procura constante de respostas, estimular a curiosidade criando situações para aprender a aprender, ter em conta as características de cada criança e criar oportunidades que permita a cada um desenvolver todas as suas potencialidades, considerar as opiniões das famílias e das crianças, adotar práticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características de cada um.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Esta aprendizagem implica que o adulto estreite relações de confiança com a criança, permitindo-lhe descobrir a melhor abordagem a ter quando confrontado com situações do quotidiano.</p> <p>O trabalho realizado em sala, deve ir de encontro aos interesses do grupo, respeitando as metas de desenvolvimento estipuladas para a idade em questão.</p>	<p>3</p>
---	--------------------------	--	---	----------

<p>Organização da prática educativa das educadoras cooperantes</p>	<p>Existe sempre um tempo de explanação, exposição, planeamento e ação antes de qualquer início de tarefa. É importante que a criança se sinta envolvido naquilo que lhe é proposto ou pedido.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“São todos os valores éticos e pedagógicos que uma criança nesta fase necessita para crescer emocionalmente feliz.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Não sigo um modelo pedagógico específico, utilizo estratégias pedagógicas com a finalidade de alcançar as competências que quero desenvolver no grupo.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“(…) o dia a dia é construído seguindo várias diretrizes em que acredito e que acho que permitem à criança crescer de forma harmoniosa (…) individualizar cada criança e permitir que toda a sua aprendizagem seja feita ao seu ritmo e direcionada para ela.</p> <p>Cada criança vai construindo o seu conhecimento, criando autonomia para resolver os seus problemas e criar estratégias colocando questões e procurando</p>	<p>3</p>
--	--	----------

Jogos Tradicionais Portugueses	Contributos para o desenvolvimento holístico das crianças		<p>soluções. As suas vivências são os seus motores, que permitem a descoberta e a assimilação do mundo que as rodeia.</p> <p>A sala está organizada em cantos temáticos, permitindo que a criança escolha de livre vontade, qual o seu centro de interesse.</p> <p>Assim como, deve estar organizada de forma que seja a criança a usá-la em seu favor. Tudo deve estar ao seu alcance e organizado de forma a que a criança entenda e seja intuitivo para ela.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“Adoto vários modelos pedagógicos que complemento com a minha experiência profissional e com as necessidades que a criança me interpela.” - Educadora Sala Vermelha</p>	
		<p>Observação das educadoras cooperantes, das auxiliares de ação educativa e técnicas/os das atividades extracurriculares na sala de atividades e no recreio</p>	<p>“Jogo das cadeiras, escondidas, apanhada, lencinho, macaquinho chinês entre outros” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Jogos: macaca, macaquinho do chinês, saltar à corda, corrida de sacos, lencinho, jogo do mata, as escondidas.” - Educadora Sala Amarela</p>	6

<p>Contributos para o desenvolvimento holístico na infância das educadoras, das auxiliares de ação educativa e técnicas/os das atividades extracurriculares cooperantes</p>	<p>“Linda falua, a roda do lenço, a mama da licença, o jogo das cadeiras.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“No recreio participo nos jogos tradicionais em que faz reviver a minha infância. Brinco com eles dando tarefas para o crescimento, autonomia... vigio as brincadeiras e atitudes.” - Auxiliar da Sala Azul</p> <p>“Tento inculcar.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Apanhada”, lencinho vai na mão, mota senta, macaca, ... no meu entender desenvolve a relação social e de entreajuda.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Lencinho, jogo do galo e da barra do lenço.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Jogos: macaca, pião, macaquinho do chinês, saltar à corda, corrida de sacos, lencinho, jogo do mata, as escondidas. São jogos que fazem parte da minha infância e que tento passar às minhas crianças. Elas têm sempre prazer em saber</p>
---	--

<p>Perspetiva das educadoras, das auxiliares de ação educativa e técnicas das atividades extracurriculares cooperantes sobre os contributos para o desenvolvimento holístico das crianças</p>	<p>como nós adultos brincávamos quando eramos pequenos.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“Linda falua, a roda do lenço, a mama da licença, o jogo das cadeiras contribuiu para a minha infância.” - Educadora Sala Vermelha</p> <p>“Tantos jogos (macaca, mama da licença, cânticos tradicionais, jogo da cadeira, tantos) e trabalhos manuais específicos (como o picotar, as massas, folhas, barro, tapeçarias, entre outros).” -> Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Ajudou-me a superar alguns receios e a aumentar a minha autoestima.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Para além de serem divertidos e manter a tradição podemos sempre adaptá-los e trabalhar competências específicas ex: barra do lenço com pontos e associações matemáticas, jogo do galo com formas geométricas, etc.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Capacidade de atenção, auditiva, capacidade musical, a coordenação motora.” - Educadora Sala Vermelha</p>
---	---

<p>Perspetivas sobre a evolução dos jogos tradicionais portugueses</p>	<p>“Primeiro, o conhecimento cultural, depois o modo de se divertir e desenvolver, e se divertem e dá uma ajuda em casa uma pequena união pois os pais e os avôs vão recordar a infância quando se juntam às crianças.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Ajudam-nos a conhecer as raízes do nosso país, porque há zonas do país que têm os seus jogos tradicionais.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Penso ser importante por exemplo para o desenvolvimento cognitivo das crianças.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“o jogo tradicional manter a sua essência, o que não impede de fazermos alterações e adaptações.” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Tem-se adaptado aos momentos que se vivenciam em contextos temáticos.” - Educadora Sala Vermelha</p>
--	--

<p>Perspetivas sobre o envolvimento das educadoras, das auxiliares de ação educativa e técnicas das atividades extracurriculares cooperantes nos jogos tradicionais portugueses</p>	<p>“Não, penso que tem tendência a cair no esquecimento! Só nos jogos da apanhada e das escondidas é que se vais criando ideias novas, mas de resto nada!” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Penso que sim, a raiz está sempre presente, mas na prática o jogo tem sofrido algumas alterações, em parte devido a todas as alterações que temos sentido na sociedade.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“São uma mais-valia na prática pedagógica de qualquer educadora” - Educadora Sala Azul</p> <p>“Brincadeiras que reúnem grandes grupos de crianças, promovem a socialização, o exercício da solidariedade e do espírito de grupo já experimentados pelos nossos pais e avós.” - Educadora Sala Amarela</p> <p>“Sim, é importante para as crianças envolver-me nos jogos tradicionais portugueses.” - Educadora Sala Vermelha</p>	<p>4</p> <p>5</p>
---	--	-------------------

	<p>“Sim, mas não só nos portugueses, mas sim multiculturais, mas cada vez mais somos de várias culturas.” - Técnico das Atividades Extracurriculares da Instituição</p> <p>“Sim, porque as ajuda tanto a perceber um pouco da tradição do nosso país como, principalmente as ajuda a formar a sua personalidade.” - Técnica das Atividades Extracurriculares da Instituição</p>	
--	---	--

ANEXO P. ROTEIRO ÉTICO E
DEONTOLÓGICO

| | ' ' | | ' ' |

Princípios éticos e deontológicos (Tomás, 2011)	Carta de Princípios para uma Ética Profissional (APEI, 2011)	Prática Profissional Supervisionada- Módulo II
1. Objetivos do trabalho	<p>No compromisso com as crianças</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os seus direitos consignados na Convenção Internacional” (p.1) <p>No compromisso com a equipa de trabalho e entidade empregadora</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Ser solidário com os seus colegas de trabalho nas decisões tomadas em conjunto e nas situações difíceis” (p.2) - “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na 	<p>Os objetivos delineados no início da investigação foram comunicados à equipa educativa e ao grupo de crianças. Sendo estes os seguintes: i) conhecer e caracterizar os jogos tradicionais portugueses para a infância e ii) analisar os contributos dos jogos tradicionais portugueses para o desenvolvimento holístico das crianças.</p>

	equipa educativa não discriminando qualquer colega” (p.2)	
2. Custos e benefícios	<p>No compromisso com as crianças</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto” (p.1) - “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade” (p.1) - “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance” (p.1) 	<p>É importante salientar que até ao momento não existiram custos nem para as crianças nem para os adultos que fizeram parte da investigação em Jardim de Infância. A equipa educativa (educadora e auxiliar de sala cooperantes) e as crianças vão ser informadas de todo o processo de investigação, respeitando sempre os principais interesses e curiosidades das crianças, toda a investigação foi planeada de modo a não interferir com a rotina diária das crianças. Optei por registar as observações num bloco de notas e defini a categoria do Jogo Tradicional nas notas de campo diárias, o meu objetivo foi não me esquecer dos momentos que tinha</p>

		<p>considerado mais significativos em cada dia a dia da prática educativa.</p> <p>Os benefícios da presente investigação enquadram-se com as diferentes visões profissionais sobre os jogos tradicionais portugueses em contexto de Jardim de Infância: contributos para o desenvolvimento holístico das crianças.</p>
<p>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</p>	<p>No compromisso com as crianças - “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional” (p.1)</p> <p>No compromisso com as famílias - “Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família, salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança” (p.2)</p>	<p>Em relação ao respeito pela privacidade das crianças e de cada uma das famílias, bem como, da equipa educativa, penso que é importante mencionar que nas informações recolhidas para a PPS II nunca mencionei o nome da organização socioeducativa e das crianças. Nos registos diários (notas de campo) respeito a confidencialidade referindo-me a cada um dos elementos que faz parte do grupo de</p>

		crianças usando a primeira inicial do nome próprio.
4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir	No compromisso com as crianças - “Respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os seus direitos consignados na Convenção Internacional” (p.1)	As dezoito crianças do grupo que desenvolvi a prática educativa vão participar na presente investigação.
5. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação	No compromisso com a equipa de trabalho e entidade empregadora - “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p.2) - “Trabalhar em equipa, promovendo uma relação de confiança, cooperação e uma prática reflexiva (p.2)”	Na presente investigação, decidi em conjunto com a educadora cooperante que as planificações das propostas de atividades estavam totalmente integradas nas festividades letivas (Halloween, São Martinho e Natal) e no projeto de CDEI “ <i>Os Super-heróis da Humanidade: contributos para a atualidade</i> ” que tive de desenvolver em contexto de estágio. Os

		<p>objetivos da investigação estão descritos no primeiro ponto e, em relação, aos métodos da investigação fiz um guião para a entrevista das três educadoras cooperantes como das auxiliares de ação educativa/ técnicos educativos das extracurriculares do jardim de infância, ao qual pretendo salientar que apenas responderam as três educadoras cooperantes, a auxiliar de ação educativa da sala azul e três técnicos das atividades extracurriculares. Ao longo da prática também fiz observações participantes e não participantes e o método que pretendo estudar é um estudo de caso qualitativo.</p>
6. Consentimento Informado	<p>No compromisso com as famílias - “Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras” (p.2)</p>	<p>No início do estágio, depois de conversar com a coordenadora pedagógica não me foi permitido tirar fotografias ao rosto do grupo de crianças da sala azul, devido à</p>

	<p>- “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo a que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo” (p.2)</p> <p>No compromisso com a equipa de trabalho e entidade empregadora</p> <p>- “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa não discriminando qualquer colega” (p.2)</p>	<p>Lei de Proteção dos Dados (Lei nº 58/2019), apenas retirava fotografias aos produtos finais das atividades pedagógicas, também não redigi o consentimento informado para as famílias das crianças assinarem sobre os registos fotográficos das crianças. Elaborei uma carta de apresentação (cf. Anexo D. Carta de apresentação) às famílias que esteve exposta à entrada da sala de atividades, neste documento comecei por identificar-me e mencionar os principais objetivos do estágio, também elaborei um consentimento informado para o portfólio de desenvolvimento e aprendizagem da criança do V.C., que foi assinado pela encarregada de educação.</p> <p>Relativamente à equipa educativa a partir de conversas informais que tive com todos</p>
--	---	--

		os intervenientes, as três educadoras, as três auxiliares de ação educativa das salas do pré-escolar, os quatro técnicos educativos das extracurriculares, apelei às participações na investigação, sendo que cada um dos membros da equipa educativa aceitaram fazê-lo de livre e espontânea vontade, mas importa salientar que duas das auxiliares de sala e uma técnica educativa das extracurriculares não conseguiram responder à entrevista.
7. Uso e relato das conclusões	No compromisso com a equipa de trabalho e a entidade empregadora - “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites de confidencialidade” (p.2)	Durante a investigação pretendo conversar com a equipa educativa, de modo, a conseguir perceber as perspetivas de cada um dos intervenientes que referi no ponto anterior, à cerca da investigação que vou realizar na sala de atividades e que conclusões posso retirar à cerca da

	<p>- “Assumir a sua profissão procurando uma articulação dialógica entre o eu pessoal e o eu profissional” (p.2)</p> <p>- “Trabalhar em equipa, promovendo uma relação de confiança, cooperação e uma prática reflexiva” (p.2)</p>	<p>problemática da investigação que surgiu em contexto de Jardim de Infância.</p> <p>Considero pertinente enviar por e-mail e submeter no Netpa o relatório final da PPS II, de modo, a partilhar com as educadoras cooperantes da sala azul, a supervisora institucional, o presidente e o arguente da dissertação de mestrado defendida como uma prova pública com o objetivo de partilhar todas as conclusões que retirei ao longo da investigação no contexto da PPS II.</p>
<p>8. Possível impacto nas crianças, famílias ou equipa</p>	<p>No compromisso com as crianças</p> <p>- “Promover a aprendizagem e a investigação e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade” (p.1)</p>	<p>Todos os membros que vão fazer parte da investigação participaram de forma livre e de modo a promoverem o enriquecimento das aprendizagens das crianças articulando-as com o projeto educativo (2023-2026) defendido pela organização socioeducativa e do projeto implementado</p>

	<p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance” (p.1)</p> <p>No compromisso com as famílias</p> <p>- “Promover a participação e acolher o contributo das famílias, aceitando-as como parceiras” (p.2)</p> <p>No compromisso com a equipa de trabalho e entidade empregadora</p> <p>- “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa não discriminando qualquer colega” (p.2)</p>	<p>pela sala azul “<i>Relembrar o passado, ver o presente, construir o futuro</i>”. De certa forma, também apelei à participação de toda a equipa educativa do Jardim de Infância da instituição no decorrer da investigação, pois sei que me vão ajudar a construir a profissionalidade como futura educadora de infância.</p>
--	---	---

<p>9. Informação às crianças e adultos/as envolvidos/as</p>	<p>No compromisso com a equipa de trabalho e a entidade empregadora</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites de confidencialidade (p.2) <p>No compromisso com as famílias</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo a que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligados no processo educativo” (p.2) 	<p>Penso que é proveitoso tanto para mim como para a equipa educativa a partilha das informações que considerarmos pertinentes no âmbito da investigação, a partir das conversas informais que tenho com ambas. Quanto às famílias das crianças as mesmas foram informadas da minha presença na sala de atividades (cf. Anexo D. Carta de Apresentação) e foi assinado o consentimento informado do portfólio de desenvolvimento e aprendizagem do V.C. (cf. Anexo B. Consentimento Informado às Famílias do Portfólio da Criança) para a participação do seu educando na elaboração do mesmo.</p>
<p>10. Tratamento dos dados</p>	<p>No compromisso com as famílias</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Manter sigilo relativamente às informações sobre as famílias (salvo 	<p>Todos os dados das crianças vão ser arquivados numa pasta zipada com uma password e também vou guardar esta pasta numa pen própria onde só eu vou ter</p>

	<p>exceções que ponham em risco a integridade da criança” (p.2)</p> <p>No compromisso com as crianças</p> <p>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional” (p.1)</p>	<p>acesso. Os registos fotográficos dos espaços da sala de atividades e dos produtos finais das atividades pedagógicas que realizei com as crianças vão ser eliminados do meu telemóvel, mas primeiro vou passá-los para o computador de forma a conseguir criar uma outra pasta zipada com uma password e vou guardar estes registos numa pen que só eu vou ter acesso.</p>
--	---	--